



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

BOLSONARISMO E LULISMO: Diferenças e semelhanças nas relações entre
personas políticas e seus adeptos na cidade de Campina Grande

MICHELLY SILVA RAMOS

Campina Grande

2025

MICHELLY SILVA RAMOS

BOLSONARISMO E LULISMO: Diferenças e semelhanças nas relações entre
personas políticas e seus adeptos na cidade de Campina Grande

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho

Campina Grande

2025

R175b Ramos, Michelly Silva.
Bolsonarismo e lulismo : diferenças e semelhanças nas relações entre *personas* políticas e seus adeptos na cidade de Campina Grande / Michelly Silva Ramos. – Campina Grande, 2025.
124 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2025.
"Orientação: Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho".
Referências.

1. Lulismo – Campina Grande (PB). 2. Bolsonarismo – Campina Grande (PB). 3. Liderança Política. 4. Relação Política entre Cidadãos e Líderes. 5. Populismo. 6. Identidade Política. 7. Cenário Político – Brasil. I. Guerra Sobrinho, Lemuel Dourado. II. Título.

CDU 316.334.3:329(813.3)(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES

MICHELLY SILVA RAMOS

BOLSONARISMO E LULISMO: DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS NAS RELAÇÕES ENTRE PERSONAS POLÍTICAS E SEUS ADEPTOS NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em: 27/03/2025

Prof. Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho - PPGCS/UFCG

Orientador

Prof. Dr. Gonzalo Adrián Rojas - PPGCS/UFCG

Examinador Interno

Prof. Dr. Fábio Ribeiro Machado - UACS/UFCG

Examinador Externo



Documento assinado eletronicamente por **LEMUEL DOURADO GUERRA SOBRINHO, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 31/03/2025, às 14:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **GONZALO ADRIAN ROJAS, COORDENADOR(A)**, em 01/04/2025, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **FABIO RIBEIRO MACHADO, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 02/04/2025, às 08:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **5316095** e o código CRC **99991FAE**.

*“Ouça-me este conselho:
em política, não se perdoa nem se esquece nada.”*

Machado de Assis, Quincas Borba, 1891

AGRADECIMENTOS

Concluir esta dissertação foi um grande desafio, mas não um caminho solitário. Muitas pessoas foram essenciais para que este trabalho se tornasse realidade, e a elas dedico minha sincera gratidão.

Aos meus pais, Betânia e Maurício, pelo apoio em todos os momentos. Nos dias difíceis, quando o cansaço e as dúvidas ameaçavam tomar conta, encontrar em vocês incentivo e acolhimento fez toda a diferença. Ao meu irmão, Michel, por ser um grande companheiro nessa jornada, ouvindo meus desabafos e me dando forças para continuar.

À minha amiga Elizabete Brito, que acreditou desde o início e me incentivou a tentar ingressar no mestrado. Seu apoio foi fundamental para que eu desse esse primeiro passo.

Ao meu orientador, Lemuel Guerra, por conduzir este processo com tanta leveza e dedicação. Sua orientação cuidadosa tornou essa caminhada mais tranquila e enriquecedora, e sou muito grata por isso.

Aos colegas da turma de mestrado, por compartilharem essa jornada. Foram muitas trocas, aprendizados e momentos de apoio mútuo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), por proporcionar um ambiente de formação acadêmica estimulante e desafiador.

À CAPES e Fapesq, pelo suporte financeiro por meio da bolsa de estudos, que foi fundamental para que eu pudesse me dedicar integralmente à pesquisa e à conclusão deste trabalho.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui, muito obrigada.

RESUMO

Esta dissertação analisa as diferenças e semelhanças entre o lulismo e o bolsonarismo na cidade de Campina Grande, investigando a relação entre líderes políticos e seus seguidores. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada em entrevistas semiestruturadas, para compreender as percepções dos adeptos sobre liderança, identidade política e impacto na democracia. O estudo dialoga com teorias do populismo, identidade coletiva e psicanálise, destacando a personalização da política e as emoções envolvidas no apoio a Lula e Bolsonaro. Os resultados indicam que o lulismo se baseia na inclusão social e na mediação política, enquanto o bolsonarismo enfatiza o confronto e o autoritarismo. A dissertação contribui para a compreensão do cenário político brasileiro atual, evidenciando como os discursos e práticas desses movimentos influenciam a polarização e a democracia no país.

Palavras-chave: Lulismo, Bolsonarismo, Populismo, Identidade Política

ABSTRACT

This dissertation analyzes the differences and similarities between Lulism and Bolsonarism in the city of Campina Grande, investigating the relationship between political leaders and their followers. The research adopts a qualitative approach, based on semi-structured interviews, to understand supporters' perceptions of leadership, political identity, and democratic impact. The study engages with theories of populism, collective identity, and psychoanalysis, highlighting the personalization of politics and the emotions involved in supporting Lula and Bolsonaro. The findings indicate that Lulism is based on social inclusion and political mediation, while Bolsonarism emphasizes confrontation and authoritarianism. This dissertation contributes to understanding Brazil's current political landscape, showing how the discourses and practices of these movements influence polarization and democracy in the country.

Keywords: *Lulism, Bolsonarism, Populism, Political Identity*

SUMÁRIO

Introdução	9
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA SOBRE O LULISMO E O BOLSONARISMO.....	19
1.1. Lulismo	19
1.2. Bolsonarismo	32
CAPÍTULO 2 – PERSPECTIVA TEÓRICA	44
CAPÍTULO 3 – PERCEPÇÕES SOBRE LULA E BOLSONARO: AS NARRATIVAS DOS ENTREVISTADOS	62
3.1 Percepções Iniciais	62
3.2 Identificação e Relação Pessoal	67
3.3 Avaliação da liderança e de Ações do Governo.....	74
3.4 Representação e Identidade Política.....	84
3.5 Relação com a Democracia Brasileira.....	91
3.6 Conexão Emocional e Imagem Pública.....	95
3.7 Percepção de Futuro e Legado.....	103
Considerações Finais	111
Referências	116
Anexos	123

Introdução

Todas as relações sociais são políticas. Essa característica pode ser mais ou menos visível no cotidiano dos sujeitos sociais que entram em relação, acentuando-se nos grupos constituídos para atuar em prol de causas públicas que podem ser culturais, identitárias, políticas ou, de um modo geral, sociais.

De acordo com Melucci (2001), a construção de uma identidade coletiva emerge da interação social entre os envolvidos, resultando na presença de padrões cognitivos que permeiam os aspectos práticos e emocionais.

De maneira geral, os movimentos sociais, associações, sindicatos, partidos se formam a partir de modos de interpretar as coisas, o mundo, a sociedade, a cultura, as políticas públicas, o funcionamento do Estado em todas as suas instâncias, produzindo pautas reivindicatórias e práticas públicas planejadas e implementadas com o interesse de alcançar os objetivos das lutas coletivas empreendidas.

Para Gohn (2011, p.336), “os movimentos sociais realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas”, enquanto Melucci (2001, p.21) destaca que “os movimentos sociais não são apenas produtos de crises, são um sinal, eventualmente os últimos efeitos de uma sociedade que morre, ao mesmo tempo sendo a mensagem daquilo que está nascendo”.

Essa dissertação apresenta como objeto de pesquisa o bolsonarismo e o lulismo na cidade de Campina Grande, tendo essa motivação de pesquisa surgido em virtude da relevância desses movimentos em nível nacional e o histórico da cidade em relação ao contexto político nacional de polarização política em torno de Lula e de Bolsonaro.

De acordo com Frazão (2014), em matéria para a revista *Veja*, Campina Grande foi definida como uma ‘ilha Tucana’: “no mapa eleitoral brasileiro, uma ‘ilha azul’ desponta imersa no ‘mar vermelho’ em que o Nordeste se transforma”. Naquele momento não era possível falar diretamente do ‘bolsonarismo’. A figura do então deputado federal, Jair Bolsonaro, não havia alcançado esse nível de protagonismo e o que norteava a política era a disputa PT *versus* PSDB.

Campina Grande aparecia como uma cidade que ia na contramão das demais no seu entorno, confirmando-se, essa direção nos anos seguintes, quando emerge o fenômeno do bolsonarismo, quando no pleito para Presidente de 2018 Bolsonaro vence as eleições, como um dos únicos municípios da Paraíba em que ele foi vitorioso.

No período de instabilidade política que antecedeu a eleição de 2018, surgem movimentos de apoio a Lula e a Bolsonaro, tais como, por um lado, o Instituto Borborema, identificado como bolsonarista; e, por outro o Levante Popular da Juventude, de apoio a Lula, que possui um grupo representativo na cidade, como aponta Lima (2019).

Além dos grupos acima citados, existem outros grupos que não foram criados especificamente com esse direcionamento, mas que reúnem apoiadores das figuras políticas de Jair Bolsonaro e de Luiz Inácio Lula da Silva.

A partir do cenário acima delineado, o objetivo da pesquisa para a produção da dissertação é o de analisar os movimentos lulista e bolsonarista na cidade de Campina Grande, buscando explorar as diferenças e semelhanças nas motivações, na identidade política, nas ideologias, nos valores, nas aspirações, nas práticas mobilizadoras, nos estilos de atuação política e modos pelos quais os sujeitos sociais constroem a relação com as *personas* de Lula e a de Bolsonaro.

O bolsonarismo e o lulismo emergem como temas altamente relevantes na atual conjuntura política. Ambos os movimentos, liderados por Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva, respectivamente, exercem uma influência significativa sobre o cenário político brasileiro. Suas ideologias, estratégias e seguidores desempenham papéis cruciais na formação de debates, na formulação de políticas e na determinação do curso da política no Brasil.

O movimento lulista é mais antigo do que o bolsonarista. A academia tem produzido bastante sobre o bolsonarismo, inclusive para tentar dar conta do ineditismo encontrado no movimento. Baldaia *et al* (2021) alertam que “a interpretação do Bolsonarismo ainda não logrou unidade na análise acadêmica, e mesmo jornalística, o que se reflete na forma diferente como a literatura aborda ao fenômeno”. Isso significa que ainda estão amadurecendo as interpretações científicas sobre esse fenômeno político.

Alguns trabalhos focam na figura de Jair Bolsonaro no período em que antecede às eleições de 2018, momento em que ele conseguiu suma significativa presença no campo político nacional, construindo uma imagem pública, um personagem político correspondente aos ideais de uma cidadania cristã-heteronormativa, transformada em uma retórica política (LIMA, 2021).

Seguindo nessa linha, Giroto Neto (2020) investiga a onda conservadora que viabilizou o caminho de Bolsonaro à presidência, focalizando o bolsonarismo em sua ascensão, mas também o lulismo e sua derrocada, ainda que momentânea, mostrando que as eleições de 2018 contribuíram para a hipertrofia do voto ideológico e para uma intensificação da polarização esquerda-direita.

Santos I (2021), analisando a vitória de Bolsonaro em 2018, apresenta como fatores decisivos dela três pontos fundamentais: 1. O avanço de agendas relacionadas aos direitos das mulheres, movimentos negros, e comunidades LGBTQI+, que gerou uma reação de setores da sociedade e produziu um tipo de medo moral de desmantelamento de instituições como a da 'família tradicional'. Ao se apresentar como um candidato que se opunha a essas pautas, ele ganha uma parcela do eleitorado conservador; 2. A promoção de liberdades individuais sendo percebida como uma ameaça às crenças cristãs por uma parte da sociedade. Nesse ponto, o uso do slogan "Brasil acima de tudo e Deus acima de todos" surge para reforçar a ideia de que Bolsonaro representava valores cristãos; 3. A Operação Lava Jato, a produção midiática da associação da corrupção com a gestão petista, mais especificamente ao presidente Lula, utilizada para produzir o antipetismo.

Seguindo por outro caminho, Mendonça (2023) aborda casos de populismo nas democracias pelo mundo, mais especificamente o bolsonarismo no Brasil e o Movimento 5 Estrelas¹ na Itália, enfatizando o entrelaçamento do fenômeno com as redes digitais.

Santos L (2021) estudou as motivações sociais que influenciaram indivíduos a apoiarem socialmente e politicamente Bolsonaro, especificamente na cidade de Itaberaba, Bahia.

Vinhas (2019) analisou a dinâmica comunicacional e a construção de significados nas interações sociais no *Twitter*, focando no evento da "facada" no então candidato à presidência do Brasil, Jair Bolsonaro. Para isso, adota uma abordagem teórica fundamentada na Teoria dos Sistemas, de Niklas Luhmann, em suas contribuições para compreender os processos comunicacionais em sistemas sociais complexos, como a sociedade digitalizada contemporânea.

¹ Auto-intitulado como um "não partido", começou como a iniciativa de uma pessoa de fora do eixo político tradicional, o comediante italiano Beppe Grillo e o empresário de comunicação Gianroberto Casaleggio. Apesar dessa definição passar a ideia de algo diferente, o movimento acabou assumindo a forma e as funções de um partido político na prática.

Quanto ao lulismo, não existem muitos trabalhos recentes, se comparamos ao bolsonarismo, e isso ocorre em virtude do período em que Lula não esteve ocupando cargos públicos. Em relação ao período anterior a 2018, temos o trabalho de França (2016) que analisa os limites do modelo de governabilidade associado aos governos de Lula e Dilma Rousseff, utilizando argumentos e dados estatísticos para embasar suas conclusões de que o lulismo apresenta é um modelo de governabilidade que busca conciliar os conflitos de classe tanto internamente quanto externamente ao aparato estatal.

É comum se associar os termos lulismo e petismo, às vezes sendo encontrado o uso deles como se fossem sinônimos. Falar da figura do presidente Lula muitas vezes implica em falar também do Partido dos Trabalhadores (PT), em virtude de ele ter sido um dos seus fundadores, além de ter sido o seu único partido até hoje, confundindo-se a sua trajetória política com a do Partido dos Trabalhadores (PT). Sobre isso, Terron e Soares (2010, p.311) afirmam: “as trajetórias políticas de Lula e do Partido dos Trabalhadores estiveram associadas desde a fundação do partido em 1980”.

A discussão sobre a relação de Lula com o Partidos dos Trabalhadores não é recente. Segundo Terron e Soares (*idem*), no ano de 2006, surgiram os primeiros questionamentos dessa relação, em virtude da queda no desempenho na votação para o Legislativo Federal, especificamente, para a Câmara dos Deputados, mesmo sendo um período em que a popularidade do presidente Lula estava em alta.

Quando falamos de lulismo, Cignachi (2018) propõe analisar o surgimento, consolidação e declínio do lulismo, como um fenômeno sociopolítico no Brasil. O autor nos sugere a hipótese de que o lulismo foi um compromisso de classes que emergiu no Brasil a partir do final da década de 1980, se consolidando com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à presidência em 2003, e se desestruturando durante os mandatos de sua sucessora, Dilma Rousseff, que foi alvo de impeachment.

Dumont (2022) em sua tese procurou investigar acerca da avaliação do projeto lulista mediante uma análise crítica das políticas públicas, especialmente no âmbito da política habitacional, executada ao longo dos mandatos do Partido dos Trabalhadores (PT) entre 2005 e 2015. Esse viés das políticas públicas, uma marca importante e presente nos governos petistas, é algo bastante trabalhado, como aponta Abreu (2021) que pesquisa sobre a percepção dos contemplados do Programa Minha Casa Minha Vida na cidade de Marília, São Paulo, correlacionado ao processo de intenção de voto nas eleições de 2014 e 2018. A centralização da pesquisa em torno da figura do presidente

Lula, também se faz presente no trabalho de Novaes Araújo (2020, p.8): “Analisou onze filmes do gênero documentário que abordam a liderança política de Luiz Inácio Lula da Silva ao longo de sua trajetória no cenário nacional”.

Portanto, esse projeto traz como questão de pesquisa uma investigação comparativa das dinâmicas políticas, sociais e culturais relacionadas ao apoio a figuras políticas, Jair Bolsonaro e Luiz Inácio da Silva, na cidade de Campina Grande, com ênfase na interação entre líderes políticos e seus seguidores. Dessa forma, o objetivo geral é o de analisar as diferenças e semelhanças nas relações entre as *personas* políticas de Bolsonaro e Lula e seus adeptos, no contexto específico da cidade de Campina Grande.

Como objetivos específicos temos os seguintes: 1. Investigar as características e manifestações do bolsonarismo e do lulismo na cidade de Campina Grande, com foco nas relações que seus apoiadores constroem com as *personas* de Jair Bolsonaro e de Lula; 2. Identificar como os discursos, estratégias e narrativas adotadas por Bolsonaro e Lula afetam a mobilização e manutenção do apoio de seus adeptos em Campina Grande; 3. Examinar os fatores que influenciam na adesão ao bolsonarismo e ao lulismo na cidade, considerando aspectos como classe social, religião, nível de instrução, orientação sexual, cor da pele e características fenotípicas, dentre outros; e ao fim, 4. Investigar as formas de engajamento político dos adeptos do bolsonarismo e do lulismo em Campina Grande, incluindo participação em manifestações presenciais públicas, nas redes sociais, em grupos de discussão, entre outras atividades.

Ao falar de líderes políticos, dinâmicas de poder e organização política podemos encontrar em Gramsci (2023a) contribuições resultantes de suas análises, feitas entre 1921 e 1926, das lutas enfrentadas pelo movimento operário por meio da batalha contra o domínio do capital, pelas quais exerceu sua resistência ao fascismo do pós I Guerra Mundial.

O contexto histórico dos escritos de Gramsci é o período de efervescência política e social que marcou a Europa e, em particular, a Itália, durante o início do século XX. As lutas políticas e ideológicas de então moldaram o papel dos líderes e das massas dentro do contexto político no qual ele viveu e sobre o qual construiu suas reflexões.

Além dos conflitos externos, existiam também as questões dentro do movimento operário, ocorrendo, segundo Gramsci lideranças ‘revisionistas’ e ‘oportunistas’, além das ações extremistas de alguns ativistas, cujas ações disruptivas ameaçavam a coesão e

até a existência do movimento operário organizado, como aponta Gramsci (2023a) no seguinte trecho:

E o que fez por toda parte o partido maximalista senão interpretar a vontade das massas a serviço da vontade dos chefes? Não é uma teoria agradável e conveniente para todos os líderes oportunistas culpar as massas por suas falhas e traições? A própria fórmula “ir às massas” é uma fórmula oportunista, se não for entendida como espírito comunista, isto é, no sentido de que é necessário ir às massas para não rebaixar ao nível delas o conhecimento e a vontade da vanguarda revolucionária, mas para que ela mesma se eduque na vontade e no espírito do proletariado revolucionário. Agora os líderes maximalistas, longe de interpretar as necessidades da classe trabalhadora, têm sido até mesmo inferiores à capacidade de luta espontânea das massas trabalhadoras. (Gramsci, 2023a, p. 249)

Gramsci (2023a) tece uma crítica aos líderes maximalistas, indicando a falta de sintonia com as necessidades e aspirações do povo. De maneira geral, ele destaca a importância de uma liderança verdadeiramente comprometida com os interesses das massas e capaz de as educar e as mobilizar de forma consciente e autônoma.

A relação entre os líderes políticos e as massas também é focalizada por Schemes (1998), que a investiga nos governos Vargas e Perón, discutindo como se construiu o apoio popular àquelas *personas* políticas. Para essa autora, existiam similaridades entre Vargas e Perón (Schemes, 1998, p.31): “a ideia de um líder onipotente, onipresente e superior aos demais, que é deixada clara tanto no governo Perón quanto no governo Vargas, tem sua inspiração na Alemanha hitlerista e na Itália fascista”.

Outro ponto interessante apontado por Schemes (1998) é sua reflexão com base no pensamento de Hannah Arendt acerca das massas e os movimentos totalitários. Para essa autora, a massa pode ser entendida como um grande grupo de pessoas que aparentam desinteresse, e que foram previamente ignoradas por todos os outros partidos políticos por serem vistas como demasiadamente apáticas ou simplesmente incapazes de despertar interesse.

No trabalho de Gracia (2012) encontramos uma comparação entre os governos de Vargas e Lula, fazendo algo diferente de Schemes (*idem*), na medida em que examina as *personas* políticas que atuam em temporalidades diferentes, existindo entre elas um lapso temporal de mais de meio século.

O intuito de Gracia (2012) é o de investigar em que medida o populismo de Vargas, com sua dinâmica específica na interação entre o Estado e as classes populares,

foi revivido por Lula. Ainda de acordo com Gracia (2012, p.5): “Enquanto Vargas ficou conhecido como o ‘pai dos pobres’, fundador e principal representante do populismo brasileiro, Lula tornou-se referência por conta da execução de projetos sociais que podem ser lidos como um novo populismo”.

No trabalho de Braga (2021), o objeto analisado é apenas o Lulismo, examinando a autora a maneira pela qual os líderes populares exercem influência nas multidões, a partir de um arcabouço teórico em que se incluem Foucault, Le Bon e Courtine, a partir de duas fotografias emblemáticas de Lula, uma de 1979 e outra de 2018.

O interesse em analisar a relação dos líderes e as massas, também toma como objeto o bolsonarismo. Bispo *et al.* (2022) examinam as condições subjetivas, sociais e tecnológicas que contribuíram para o fortalecimento do poder de influência do bolsonarismo no Brasil. Um dos pontos destacados é a proliferação das *fake news* em momentos cruciais como as eleições; e a pandemia, a partir da questão assim enunciada: “para além da crença, como podemos pensar a adesão em massa a notícias e ideias tão absurdas durante todo esse período de ascensão do bolsonarismo?” (Bispo *et al.*, 2022, p. 115).

Para responder essa questão esses autores utilizam contribuições de Freud (2011), no seu *Psicologia das Massas*, reconhecendo que, mesmo decorridos cem anos, os princípios da obra ainda são pertinentes para compreender as atuais dinâmicas. No atual contexto, os movimentos de massa também têm o poder de anular, de certa forma, a individualidade do sujeito, trazendo uma reflexão de como essa dinâmica reverbera no contexto das redes sociais.

Silva Júnior e Mello Neto (2022) também investigam as percepções que levaram a uma adesão em massa ao discurso conservador de Bolsonaro durante as eleições de 2018. Assim como Bispo *et al.* (2022), esses autores também se utilizam da análise freudiana da psicologia das massas. Na conclusão do trabalho citado, eles alertam para as preocupações coletivas dos brasileiros que resultaram no surgimento do “mito”, um líder considerado um herói capaz de transformar a realidade nacional:

Ocupando esse lugar no imaginário de parcela considerável da população, canalizou um forte investimento afetivo com a promessa de salvar a nação de inimigos corruptores, em um projeto que envolvia, além do cumprimento de uma agenda econômica neoliberal, principalmente uma agenda de valores e costumes que se oferecia como um possível recurso ante as incertezas e

angústias de um contexto de crise e polarização. (Silva Júnior e Mello Neto 2022, p.13)

Ainda sobre as relações entre os líderes e as massas, Pappas (2008) alerta para a ideia que permeia o entendimento de muitos, de que a concepção da democracia liberal é um sistema firmemente estabelecido, no qual as forças de oposição competem de forma moderada com as que exercem o poder. A questão que Pappas (2008) enfrenta é a da origem desses movimentos radicais em sistemas políticos pluralistas e semipluralistas.

A argumentação utilizada por Pappas (2008) é embasada empiricamente pela análise de três casos em que o radicalismo de massa surgiu nas últimas décadas: Grécia, Iugoslávia e Venezuela, fazendo, posteriormente, uma análise contrafactual em seis casos nos quais o radicalismo em massa não aconteceu: Espanha, Portugal, Bulgária, Romênia, Colômbia e Equador.

Pappas (2008) conclui que na Grécia, Iugoslávia e Venezuela, os movimentos radicais de massa surgiram devido às ações simbólicas e estratégicas de seus líderes. Isso indica que os líderes, Papandreou, Milošević e Chávez, obtiveram uma significativa influência política ao empregar mensagens ideológicas que questionavam o sistema estabelecido, conseguindo atrair e mobilizar grandes contingentes populacionais para respaldar agendas políticas radicais. A capacidade de comunicação e mobilização foi crucial para o surgimento dos movimentos radicais de massa nesses países.

Por meio do cenário acima delineado, a presente pesquisa tem como objetivo principal investigar as percepções dos indivíduos em relação a Lula e Bolsonaro, buscando compreender como cada um é percebido enquanto figura política, líder e representante de ideias e valores. Para isso, foi feito um roteiro estruturado de perguntas para a realização das entrevistas, exploramos questões que abrangem desde as percepções iniciais sobre cada líder até a avaliação de suas trajetórias políticas, ações de governo, impactos sobre a democracia brasileira e o legado que projetaram para o futuro.

Além disso, considera-se como as figuras de Lula e Bolsonaro influenciam a identidade política e emocional de seus seguidores, bem como os significados atribuídos ao "lulismo" e ao "bolsonarismo" no contexto sociopolítico atual. Com isso, pretendo não apenas mapear semelhanças e diferenças entre as percepções dos entrevistados, mas

também contribuir para um entendimento mais amplo das dinâmicas que moldam o cenário político brasileiro atual.

Na presente dissertação, foram realizadas entrevistas com um total de dez pessoas, divididas igualmente entre apoiadores do presidente Lula e do ex-presidente Bolsonaro. Essa escolha metodológica visou garantir uma análise equilibrada das percepções e discursos presentes nos dois grupos.

Inicialmente, a pesquisa considerava os grupos *Levante Popular da Juventude* e *Instituto Borborema* como fontes para a seleção da amostra. No entanto, ao longo do estudo, optou-se por redefinir essa abordagem, concentrando a seleção dos entrevistados no *Partido dos Trabalhadores* e no grupo *Direita Campinense*. Essa mudança ocorreu devido ao alinhamento mais direto desses grupos com os líderes estudados nesta pesquisa, proporcionando uma base mais consistente para a análise.

Os sujeitos do grupo de apoiadores de Lula são identificados pela letra "A", seguida de um número (A1, A2, A3, A4 e A5). Esse grupo foi composto de maneira homogênea por professores, sendo três homens e duas mulheres, com idades variando entre 45 e 65 anos. Já os sujeitos do grupo de apoiadores do ex-presidente Bolsonaro são identificados pela letra "B", seguida por números (B1, B2, B3, B4 e B5) e apresenta maior diversidade profissional, incluindo um(a) médico(a), um(a) estudante, um(a) advogado(a) e dois vendedores. Esse grupo é composto por quatro homens e apenas uma mulher, sendo relevante destacar a dificuldade encontrada para entrevistar uma participante do sexo feminino, reforçando a importância de garantir uma representação feminina nos dois grupos. A idade dos integrantes do grupo B varia entre 30 e 45 anos.

Durante a condução das entrevistas, algumas limitações foram observadas. No grupo de apoiadores do ex-presidente Bolsonaro, percebeu-se um certo receio por parte dos entrevistados em divulgar seus nomes. Apenas um dos participantes demonstrou conforto com essa exposição. Diante do desconforto manifestado pelos demais, optou-se por preservar a identidade de todos os entrevistados, garantindo anonimato integral e evitando possíveis problemas decorrentes da identificação pública de suas posições políticas.

Além disso, também foi perceptível uma certa resistência e desconfiança em relação ao campo das ciências sociais por parte de alguns entrevistados bolsonaristas, um receio que poderia comprometer a coleta de informações. Para contornar esse

obstáculo, foi necessário enfatizar a importância da pesquisa para o próprio movimento, destacando que, se um movimento não é estudado, ele tende a ser esquecido. Esse argumento mostrou-se eficaz, permitindo que as entrevistas prosseguissem sem maiores dificuldades.

A condução das entrevistas seguiu a abordagem proposta na obra “A entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa de campo” de Kaufmann (2013). Esse referencial metodológico permitiu aprofundar as percepções dos entrevistados, captando não apenas suas opiniões políticas, mas também os contextos subjetivos que influenciam suas posições. Essa metodologia foi essencial para compreender as nuances dos discursos e suas relações com o cenário político mais amplo.

A definição desses perfis contribuiu para a compreensão das distintas percepções políticas e sociais entre os entrevistados, permitindo uma análise comparativa mais aprofundada sobre as dinâmicas do Lulismo e do Bolsonarismo.

Esta dissertação está estruturada da seguinte forma: no primeiro capítulo fazemos uma revisão de literatura acerca do lulismo e bolsonarismo; no segundo capítulo, apresentamos a perspectiva teórica adotada; e no terceiro capítulo as análises dos dados. Ao fim, seguem as considerações finais e a lista de referências.

CAPÍTULO 1 - REVISÃO DA LITERATURA SOBRE O LULISMO E O BOLSONARISMO

Neste capítulo apresentamos uma breve revisão da literatura sobre o panorama político brasileiro atual, profundamente marcado pela polarização entre lulistas e bolsonaristas, a qual tem marcado os rumos da nação nas últimas décadas.

1.1 Lulismo

Um dos principais teóricos do conceito lulismo, movimento que surge com a ascensão de Lula ao poder, tendo como ponto central a defesa das políticas públicas implementadas durante seus mandatos, André Singer, tornou-se uma referência presente em diversas pesquisas acerca do tema, a exemplo dos trabalhos de Abreu (2022), Brito (2015), Cignachi (2018), Dumont (2020), França (2016) e Parzianello (2023), dentre outros.

Singer (2012), no trecho inaugural do livro *Os sentidos do Lulismo*, alerta para a complexidade do movimento, caracterizado por uma série de contradições internas. Vejamos como ele discute esse ponto:

O lulismo existe sob o signo da contradição. Conservação e mudança, reprodução e superação, decepção e esperança num mesmo movimento. É o caráter ambíguo do fenômeno que torna difícil sua interpretação. No entanto, é preciso arriscar os sentidos, as resultantes das forças em jogo, se desejamos avançar na compreensão do período. (Singer 2012, p.9)

Segundo esse autor, por um lado, existem elementos conservadores, que mantêm certas estruturas ou políticas existentes, enquanto, por outro, elementos de mudança, que buscam novas direções. Além disso, existe a ideia de reprodução, sugerindo a continuidade de certos padrões ou aspectos do lulismo, ao mesmo tempo em que há esforços para superar ou transcender esses padrões. E por fim, a dualidade entre decepção e esperança, indicando que o lulismo, como qualquer outro movimento, pode gerar tanto sentimentos negativos quanto positivos entre seus apoiadores e críticos.

Quando falamos da manutenção de estruturas políticas existentes, Marques e Mendes (2006, p.62) afirmam que: “do ponto de vista de classe, o governo Lula é um governo burguês que tem em sua direção tanto antigos líderes sindicais e intelectuais vinculados ao PT, como os mais convictos neoliberais”. A afirmação acerca da

composição heterogênea não diminui a importância do governo, pelo contrário, ressalta a complexidade e a particularidade de sua formação e práticas.

Para Singer (2012, p.10), o início do primeiro Governo Lula se deu nesse contexto de contestação e de afirmação de parte da ordem capitalista/burguesa: “(...) tendo vencido a eleição de 2002 envolto ainda por restos da aura do movimento operário dos anos 1980, o ex-metalúrgico apenas manteve a ordem neoliberal estabelecida nos mandatos de Collor e FHC”. Havia por parte de setores da esquerda no Brasil uma grande expectativa em torno desse governo e o que de ocorreu foi uma continuação de muito da agenda neoliberal que já estava estabelecida.

Acerca do surgimento do que chamamos atualmente de lulismo, Singer (*idem*):

No futuro, quando for escrita a crônica dos dois mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva, talvez o pleito de 29 de outubro de 2006 apareça como mera repetição dos resultados de quatro anos antes, eleição em que o candidato do PT venceu o do PSDB com diferença de 20 milhões de votos. Na superfície, a reiteração da maioria firmada em 2002. Mas, encoberto sob cifras quase idênticas, houve em 2006 um realinhamento de bases sociais, fazendo emergir o lulismo. (Singer, 2012, p.51)

O realinhamento das bases sociais citado no trecho acima se refere a uma mudança na forma como diferentes grupos sociais perceberam e se relacionaram com o segundo mandato de Lula. Essa mudança pode ter sido impulsionada pela crítica que emerge da avaliação feita sobre o primeiro mandato e pela percepção mais clara dos limites de governos de coalização, o que permite Singer (2012, p.52) afirmar que o lulismo é “(...) sobretudo, a representação de uma fração de classe que, embora majoritária, não consegue construir desde baixo as próprias formas de organização”.

Quando falamos no Partido dos Trabalhadores e a relação com o lulismo, Singer (2010) em um artigo, já havia alertado para um conceito de “duas almas” dentro do partido, que se refere à coexistência de tendências ideológicas diferentes e, muitas vezes, conflitantes do grupo. A primeira seria a alma ideológica e revolucionária, que é caracterizada por um forte compromisso com as ideias socialistas e um objetivo radical de mudança social. A segunda seria a alma moderada e pragmática, que procura alcançar políticas viáveis dentro do sistema capitalista, concentrando-se em melhorias incrementais e na vitória em eleições.

Sobre a conjuntura das eleições de 2006, Singer (2012) argumenta que elas foram marcadas pelo medo de que Lula não sairia vitorioso, devido à movimentação

discreta de parte do eleitorado que o havia eleito em 2002. Vejamos como o autor analisa essa movimentação:

A origem do mal-entendido é dupla. De um lado, houve um movimento subterrâneo de eleitores não de baixa renda, mas de baixíssima renda, que tendem a ficar invisíveis para os analistas; reforçou esse efeito o fato de o deslocamento ter sido simultâneo ao estardalhaço em torno do “mensalão”, escândalo que teceu, a partir de maio de 2005, um cerco político-midiático ao presidente, deixando-o na defensiva por cerca de seis meses. (Singer, 2012, p.53)

A ideia de que o lulismo ganha mais visibilidade nas eleições de 2006, também é reforçado por Limongi e Guarnieri (2015), embora para estes o sucesso do PT deveu-se ao momento de descenso pelo qual o PSDB passava, aliado à ausência de concorrentes fortes. Para esses autores, o comportamento do eleitorado na eleição de 2006, que deu a Lula sua segunda vitória para Presidente, exige uma abordagem de várias complexidades. A primeira delas, o efeito de políticas sociais implementadas:

Não há dúvidas que as políticas sociais implementadas pelo Governo Lula estão associadas a seu desempenho eleitoral e a sua reeleição. Contudo, não se deve tomar como estabelecido o fato de que, na ausência dessas políticas, eleitores que votaram no PT teriam deixado de fazê-lo. (Limongi e Guarnieri, 2015, p.75)

Outra complexidade a ser considerada para entender o desempenho eleitoral que lhe permitiu o segundo mandato presidencial, refere-se à composição do voto nele, que muda, se comparados 2002 e 2006. Vejamos como eles discutem esse ponto:

Os que votam no PT em 2002 e não o fazem em 2006 não necessariamente eram eleitores fiéis ao partido. O mais provável é que uma parte deles tenha votado no partido em 2002 e não antes. Desconsiderando o movimento individual de eleitores e concentrando-nos na composição social do eleitorado do PT, podemos afirmar que, tanto em 2002 como em 2006, verificou-se uma definição mais clara da base social do eleitorado do PT. Ironicamente, diz-se que o partido abandona suas bases tradicionais quando esta passa a depender mais fortemente dos mais pobres, seu público-alvo desde a fundação do partido. (Limongi e Guarnieri, 2015, p.81)

As eleições de 2002 e 2006 são de extrema importância para a constituição do lulismo como um movimento consolidado. Carreirão (2007) também investiga acerca dos dois pleitos, correlacionando-os com a questão ideológica. Uma das hipóteses levantadas por esse autor é a de que posteriormente ao primeiro mandato de Lula: “(...) ocorreu um declínio da porcentagem de eleitores que se auto identificam ideologicamente e uma menor associação entre identificação ideológica e voto na

eleição presidencial de 2006, comparativamente à encontrada na eleição de 2002” (Carreirão, 2007, p.309)

Outra hipótese levantada por Carreirão (2007) é a de que o primeiro mandato do presidente Lula foi um período de unificação e de dissolução das diferenças ideológicas, em virtude de que, inicialmente, não houve tantas mudanças em questões econômicas, observando-se a continuidade de muito das políticas anteriores nessa área, como também afirma Singer (2012).

De maneira conclusiva, Carreirão (2007, p.330) afirma que: “a identificação ideológica dos eleitores mostrou baixo poder analítico para explicar o voto em 2006, sendo os “sentimentos partidários” mais determinantes do seu comportamento eleitoral”.

Questionando Singer (2012), Rennó e Cabello (2010, p.53) afirmam não terem encontrado, “evidências convincentes de um amplo realinhamento político, que se presume estável e implica em mudanças no eleitorado (...) nem de um retorno ao personalismo”. Segundo Rennó e Cabello (2010) as análises sobre o realinhamento da base eleitoral apresentam limitações, deixando de considerar o peso determinante do impacto das redes sociais no voto, como já havia sido alertado (Becker *et al*, 2006, *apud* Rennó e Cabello, 2010).

A crítica a Singer (2012) também é feita por Boito Jr. (2013, p.180), nos seguintes termos: “Singer parece conceber a luta de classes como um enfrentamento em condições de igualdade, em uma espécie de terreno neutro, esquecendo-se que as relações de classe são assimétricas”. Para esse autor, Singer (2012) comete o erro de não leva em consideração a dinâmica das relações de classe e o papel do poder político, que dá suporte de forma persistente a essas mesmas relações.

No trabalho de Brito (2015), seguindo a abordagem de Singer (2012), é esboçada uma teoria do lulismo. Essa autora analisa, nas eleições de 2014, disputadas por Aécio Neves (PSDB) e Dilma Roussef (PT) quatro conjuntos habitacionais da Companhia Estadual de Casas Populares - CECAP, situados na cidade de Taubaté, São Paulo, tendo como objeto os motivos de tantos eleitores que votavam no governo anteriormente optarem por votar na oposição. A análise revelou que a maioria dos moradores da CECAP até simpatizavam com o lulismo, no entanto, procuraram avaliar a situação econômica ao votar. Basicamente, os dois grupos de eleitores (os que

repetiram o voto no PT e os que mudaram) votaram por razões diferentes: o primeiro avaliava como importante manter a estabilidade econômica proporcionada pelo governo atual; o segundo, levado pelo pânico moral produzido pela mídia em relação à corrupção buscava uma mudança de governo. Vejamos o que a autora conclui:

Portanto, conclui-se que a teoria do lulismo está presente em certa medida entre os moradores da CECAP estudada, mas este não foi o elemento fundamental na hora da escolha. Isso porque os entrevistados não aderiram ideologicamente ao PT, mesmo que tenham admitido que os seus governos tenham sido positivos e tenham assistidos às classes mais pobres. Os eleitores, ao votarem, ponderam os ganhos e perdas que tiveram e a partir deste cálculo decidem quem será o seu candidato. Sendo assim, pode-se afirmar que o voto existente dentro da CECAP é do tipo racional. (Brito, 2015, p.132)

Pelo visto até aqui, pode-se afirmar que o lulismo possui dimensões maiores, não se resumindo apenas aos governos Lula I e II (2003-2011). O período que se segue seria o momento de sua consolidação do movimento, observando-se que ele transcende a persona/imagem do próprio Lula, estendendo-se também para a ex-presidente Dilma Rousseff em seus governos I e II (2011-2016).

A inclusão de Dilma Rousseff no fenômeno lulismo se destaca na obra *As Contradições do Lulismo: a que ponto chegamos?* organizada por Singer e Loureiro (2017), na qual se discutem as várias contradições observadas durante os governos de Lula e Dilma.

Partindo da premissa de que o lulismo é um fenômeno que transcende a Lula, Albuquerque e Medeiros (2020) fazem uma análise da ascensão e crise do ciclo progressista no Brasil, focando especificamente nos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) e na crise que culminou no *impeachment* sofrido por Dilma Rousseff em 2016.

Ao analisar o Governo Lula I (2003-2006) Lima (2008 *apud* Albuquerque e Medeiros (2020) argumenta que ele foi uma "combinação esdrúxula" de liberalismo e desenvolvimentismo, resultando em um governo híbrido. Essa combinação permitiu uma estabilidade econômica, ação social diferenciada e uma política externa ativa.

Outro ponto destacado por Albuquerque e Medeiros (2020) é a Carta ao Povo Brasileiro, texto assinado por Lula, cuja intenção era demonstrar um comprometimento em manter o tripé macroeconômico (superávit primário, câmbio flutuante e metas de

inflação), garantindo a continuidade de políticas econômicas, enquanto buscava implementar políticas sociais progressistas.

Seguindo para o Governo Lula II (2007-2010), Albuquerque e Medeiros (2020) explicam que ele foi caracterizado pelo fortalecimento das políticas sociais, a exemplo do programa Bolsa Família, que teve impactos significativos na redução da pobreza extrema e da desigualdade no Brasil. Além disso, houve nesse período um crescimento econômico impulsionado pelo aumento das exportações de *commodities* e pela expansão do mercado interno.

Analisando o Governo Dilma I (2011-2014), os autores supracitados destacam a continuidade de boa parte das políticas adotadas na Era Lula, com o adendo dos desafios crescentes, a exemplo da desaceleração econômica global e a necessidade de ajustes fiscais. O Governo Dilma II (2015-2016), de acordo com os autores citados é marcado por uma grave crise econômica e pela deterioração das suas relações políticas, o que culminou no seu *impeachment*, em 2016.

A crise foi intensificada pela produção midiática do ‘escândalo de corrupção da Operação Lava Jato’ e por um ajuste fiscal mal sucedido. Albuquerque e Medeiros (2020) interpretam o *impeachment* de Dilma como um golpe, que resultou do fim do ciclo progressista e no governo neoliberal e autoritário de Michel Temer.

Cignachi (2018) propõe uma análise do lulismo, cobrindo o período de 1989 até 2016. O autor investiga as raízes, a formação e o declínio do compromisso de classes que deu origem ao fenômeno do lulismo. Abordando esse longo período, Cignachi (2018) produz um painel ampliado do lulismo, incluindo em sua análise os momentos de sucessivas derrotas por Lula sofridas (1989, 1994 e 1998).

Esse autor discute o lulismo, agregando as transformações que ocorrem no Partido dos Trabalhadores (PT). Para ele, “(...) partidos que nasceram a partir de mobilizações operárias adotando programas anticapitalistas e que progressivamente se tornaram partidos reformistas que buscaram estabelecer mediações e acordos entre a classe trabalhadora e a burguesia” (Cignachi, 2018, p.19).

Ainda para esse autor, o surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT) se deu como uma reação às deficiências e ineficiências de partidos políticos anteriores. Antes da fundação do PT, o cenário político de esquerda no Brasil era dominado pelo Partido

Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e organizações de luta armada. O discurso do PT destacou os pontos fracos do populismo trabalhista, os erros comunistas ao fazer acordos com a burguesia nacional e o isolamento político das forças armadas, como o intuito de superar essas deficiências.

No entanto, ao longo de sua trajetória de desenvolvimento, a liderança do Partido dos Trabalhadores (PT) enfrentou vários problemas, tais como o da indefinição do seu programa socialista, passando a ser criticado pela crescente burocratização e pragmatismo eleitoral, fatores questionáveis, mas que possibilitaram ao partido a sua “integração expansão no sistema político nacional após a redemocratização, moderando progressivamente seus discursos, ações e objetivos” (Cignachi, 2008, p.20).

Por outro lado, como também aponta Cignachi (2008), o PT trouxe inovações justamente por ter origem nas classes populares e por ter uma estrutura interna bastante democrática. Boa parte das decisões eram tomadas entre seus membros de forma participativa: “o partido preservou a liberdade de existência de tendências políticas em seu seio, como da formulação inicial de uma estratégia própria de transição socialista, o chamado programa democrático e popular” (Cignachi, *idem*, p. 20), uma estratégia que pretendia reunir diferentes visões políticas dentro do partido, em torno do objetivo de mudar a sociedade.

Para Marques e Mendes (2006), o PT continua sendo direcionado aos trabalhadores, atendendo ao proposto em sua origem e tradições, apesar das mudanças significativas em sua linha programática e nas ações de sua direção ao longo do tempo. O partido foi fundado por setores da classe trabalhadora, incluindo sindicalistas, movimentos sociais e intelectuais de esquerda, sempre mantendo um forte vínculo com as lutas dos trabalhadores.

Dentre as mudanças citadas acima, estão as observadas em 2001 e 2002, em relação à subordinação externa da economia brasileira (Borges, 2003, *apud* Marques e Mendes, 2006). Em dezembro de 2001, no XII Encontro Nacional do partido em Recife, o programa do PT falava sobre a necessidade de uma "ruptura global" com o modelo econômico existente. Mas em julho de 2002, o programa "Um Brasil para Todos" já apresentava uma abordagem mais moderada, focando na redução da vulnerabilidade externa através de políticas industriais e tributárias. Essas mudanças e a implementação de políticas contrárias às defendidas anteriormente, como a reforma da previdência

durante o primeiro governo Lula, levantam questões sobre a continuidade do partido direcionado aos trabalhadores, no sentido clássico.

Por outro lado, de acordo com Marques e Mendes (2006) a definição do PT como um partido direcionado aos trabalhadores depende, em última análise, do reconhecimento dessa classe com base em sua experiência concreta com a direção do partido. Portanto, se os trabalhadores deixarem de ver o PT como seu representante, essa definição poderá mudar. Contudo, até o presente, a tradição histórica e os vínculos sociais mantêm essa caracterização válida, mesmo diante das mudanças e desafios enfrentados pelo partido.

Retomando a percepção de Cignachi (2018), ele conclui que mesmo que o proletariado organizado seja forte, existem pressões materiais que minam a solidariedade de classe. Essas tendências são observadas durante os governos petistas, além de descritas por analistas do lulismo, como Singer (2012), que nota uma desconexão entre o subproletariado e a estrutura política sindical, sendo esse um dos temas principais da sua tese. Mesmo que o movimento sindical tenha poder por meio de suas centrais e partidos, se os trabalhadores na base da pirâmide não conseguirem canalizar suas demandas de maneira organizada, a balança tenderá a se inclinar contra a classe trabalhadora.

Vejamos algumas das principais conclusões da análise de Cignachi (2018):

A hegemonia às avessas do lulismo parece encontrar subsídios explicativos na enorme força de trabalho excedente e, ao mesmo tempo precária e dispersas, existente no Brasil até pouco tempo [...] Para muitos o lulismo foi um salto de qualidade na luta de classes ao colocar-se como um programa legitimamente social-democrata no Brasil: a direção política do proletariado foi ao encontro de um compromisso com a burguesia visando melhorar suas condições de vida de maneira reformista, o que nas condições do capitalismo periférico do Brasil nunca fora possível desta forma. Mas mesmo sendo apenas um “reformismo fraco”, devido às nuances da conjuntura do início do século XXI, tal como a social-democracia clássica, o lulismo também acabou encontrando sua crise nas contradições deste compromisso frente aos ciclos de acumulação do capital. As expectativas de “humanizar” e reformar o capitalismo em termos favoráveis aos trabalhadores mostraram-se, mais uma vez, tarefa de Sísifo. Rola-se a pedra, a muito custo, até o alto do morro, apenas para vê-la rapidamente rolar abaixo novamente. Vimos como, dramaticamente, a expectativa do duradouro compromisso é colocado em xeque por aqueles que realmente detém o poder: quando ocorre uma crise de acumulação, a burguesia logo se apressa em fazer ruir as pretensas “melhorias”, até que sua acumulação possa se recompor.

Como vimos acima, os intérpretes do lulismo apontam para seu caráter contraditório. Ele deve essa característica à origem contraditória do PT, de onde emerge Lula, um partido com viés de esquerda que surge da coalizão entre a Igreja Católica e os sindicatos de trabalhadores do ABC paulista, e que chega ao poder através de coalizões.

Ainda nessa linha crítica, Dumont (2020) analisa o projeto lulista através de uma lente direcionada sobre as políticas públicas implementadas pelos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) entre os anos de 2005 e 2015. Dumont (2020) questiona o caminho percorrido pelo lulismo, chamando-o de um reformismo fraco ou de ensaio desenvolvimentista. O primeiro se deveria a sua estratégia conciliatória. Segundo esse autor, embora o lulismo tenha feito algumas reformas significativas, como a valorização do salário mínimo e de programas sociais como o Bolsa Família, ele também manteve uma aliança nacional com a burguesia e evitou o confronto direto com as estruturas de acumulação de capital, sendo considerado "fraco" porque, embora reduzindo a desigualdade, permitiu que os ricos ficassem ainda mais ricos.

Quanto à classificação do lulismo como um ensaio desenvolvimentista, Dumont (2020) diz que os governos de Lula e de Dilma foram tentativa de promover o desenvolvimento econômico do Brasil por meio de políticas que atendam parcialmente às necessidades da classe baixa e, ao mesmo tempo, defendam a soberania nacional por meio da modernização conservadora. Dessa forma, a ideia envolve um Estado que procura mediar disputas de classe e promover o crescimento econômico sem ameaçar as atuais estruturas capitalistas. Esse autor conclui que:

(...) a burguesia nacional, ao optar pela dependência, produziria uma alternativa de desenvolvimento do país com base no “reformismo fraco”. Ou seja, o lulismo ao optar por um governo de conciliação, neutraliza o capital ao mesmo tempo que promove uma distribuição de renda. No entanto, a aposta de que completude da sociedade brasileira se daria por meio de um ensaio desenvolvimentista teve como resultado o despedaçamento do lulismo e o acirramento das contradições que sustentam a sociedade brasileira. Nesse sentido, a crise do projeto lulista expôs a tragédia brasileira de nos mantermos permanentemente sob a condição de sermos um ornitorrinco. (Dumont, 2020, p.171)

Em resumo, Dumont (2020) entende que o projeto lulista, se limita a manter as estruturas capitalistas atuais e promover um desenvolvimento econômico inclusivo. Ele se destaca por uma variedade de reformas que, apesar de serem consideráveis, são consideradas insuficientes para uma mudança significativa na sociedade brasileira, mantendo algumas desigualdades estruturais.

Para Medeiros (2020, p. 165), cabem três tipos de interpretação do lulismo: “uma que o define como um fenômeno pós-neoliberal; outra que o entende como continuidade do neoliberalismo; e uma última, que denominamos de crítica, que busca analisá-lo em sua integridade contraditória e em seus sentidos gerais”.

Medeiros (2020) o lulismo não é apenas um fenômeno eleitoral ou um produto do carisma individual de Lula. É uma construção histórica que reflete a interação entre a liderança de Lula e os processos coletivos das classes trabalhadoras, desenvolvendo-se como uma das muitas possíveis trajetórias dentro da história do petismo.

Nessa linha interpretativa encontramos também o trabalho de Rocha (2018), que analisou o impacto do petismo e do lulismo na periferia de São Paulo, especialmente após o *impeachment* de Dilma Rousseff, em 2016, fato que, de certa forma, aprofundou a crise do Partido dos Trabalhadores (PT). De acordo com Rocha (2018), no ano de 2015, uma pesquisa da Fundação Perseu Abramo indicava que quase metade da população considerava a extinção do PT um dado um tanto quanto alarmante para o partido.

A autora acima citada argumenta que existe um viés de pesquisa direcionado para o entendimento de que o sucesso do lulismo é resultado das políticas de transferência de renda, aumento do salário mínimo e crédito, que beneficiaram a população mais pobre, promovendo mobilidade social ascendente de setores das classes trabalhadoras. Contudo, com base em entrevistas que ela fez com moradores da periferia que ascenderam socialmente desde 2004, chegou à conclusão de que a preferência pelo PT e Lula era motivada por aspectos simbólicos, especialmente os benefícios percebidos pela população do Nordeste brasileiro, e não apenas materiais.

Sobre o possível declínio do petismo, Rocha (2018) analisa que:

A perda de uma das bandeiras do petismo, a mobilização popular, foi um golpe duro para muitos militantes. Porém, quando o partido finalmente conseguiu emplacar Lula como presidente do país, logo vieram à tona as denúncias de corrupção do partido veiculadas pela mídia como o “escândalo do Mensalão”. A dimensão alcançada pelo escândalo fez com que o petismo, ao ter outra de suas principais bandeiras maculada, a da ética e transparência, se tornasse vazio de sentido, impactando de forma negativa vários militantes e simpatizantes mais antigos do PT, que acabaram se afastando do partido em maior ou menor grau (Rocha, 2018, p.37)

Rocha (2018) conclui que o declínio do petismo na periferia de São Paulo, especialmente em Brasilândia, foi marcado pelo refluxo das mobilizações e pela decepção com os escândalos de corrupção repetidamente divulgados pelas mídias, afetando a confiança na liderança petista por parte dos moradores da periferia paulistana entrevistados.

A análise da autora acima e a de Singer (2010) convergem no ponto em que as mudanças dentro do PT, as contradições entre suas raízes ideológicas e suas práticas governamentais, geram consequências para a base eleitoral e a identidade do partido, criando um descontentamento que atinge a militância e simpatizantes. Sobre isso, Singer (2010, p.89) destaca que:

A transformação do Partido dos Trabalhadores (PT) salta à vista de quem, por diferentes motivos, acompanha o percurso da agremiação fundada em fevereiro de 1980 no Colégio Sion, em São Paulo. Militantes percebem, dia a dia, que antigas práticas já não vigoram, cedendo lugar a condutas inusitadas pelos critérios de antes.

O trabalho de Samuels (2004a) *As Bases do Petismo*, focaliza as bases eleitorais do Partido dos Trabalhadores (PT) e testa hipóteses sobre o que é considerado como a base do apoio de indivíduos ao petismo. Para realizar essa análise, ele emprega técnicas estatísticas multivariadas, que possibilitam a avaliação simultânea de um conjunto de variáveis e suas interações, tendo como foco compreender como diferentes variáveis-demográficas, socioeconômicas relacionadas a políticas específicas, são associadas ao apoio ao petismo. As variáveis demográficas do estudo desse autor foram idade, gênero e localização geográfica; as socioeconômicas foram renda e escolaridade; e as variáveis políticas incluem atitudes em relação a políticas públicas, percepções de corrupção, dentre outras. Em termos de associação com o petismo, os resultados obtidos sugerem que, entre as variáveis já estabelecidas, a escolaridade é a única que possui uma associação relevante com o petismo.

Consideramos que os petistas diferem substancialmente dos outros brasileiros. Eles se identificam como sendo de esquerda, são mais instruídos e politicamente conscientes do que a média. Além disso, não somente acreditam que a participação do indivíduo na política pode fazer diferença, como também estão muito mais envolvidos em ações políticas e sociais do que os outros. Deste modo, eles não só abraçam, como põem em prática o objetivo declarado do PT de “movimentar as bases”, ou seja, os atores que não pertencem à elite, para transformar a sociedade brasileira. (Samuels, 2004a, p.222)

Em sua pesquisa, Samuels (2004a) observou que o nível de escolaridade do eleitor é um importante fator na identidade e no apoio ao PT, sugerindo que políticas educacionais e o nível de educação da população podem ter um impacto significativo no cenário político brasileiro e no fortalecimento ou modificação das bases eleitorais do partido supracitado.

O autor continua (2004a, p.238): “muitos se perguntam em que medida Lula é ‘maior’ ou não do que o PT e, portanto, em que grau o petismo é uma função de uma ligação personalista ao líder mais importante do partido”. Para ele, a identificação dos eleitores com o PT não depende tanto da figura de Lula quanto a identificação dos eleitores de outros partidos depende de seus respectivos líderes, e “o PT perdeu o seu caráter de movimento e a sua evolução já não depende disso (...) o seu desenvolvimento hoje depende, em primeiro lugar, do bom desempenho dos seus líderes no governo” (Samuels, *idem*, p.1021)

Ainda para esse autor, não é necessário recorrer ao personalismo para caracterizar um petista. É possível prever com precisão quem será um apoiador do Partido dos Trabalhadores (PT), mesmo sem considerar os sentimentos dos brasileiros em relação a Lula, o que indicaria ter o petismo uma base sólida, que vai além da figura de seu líder mais proeminente.

Em outro trabalho sobre o lulismo, Parzianello (2023), utilizando uma metodologia qualitativa aplicada sobre documentos e uma bibliografia, procura demonstrar como o conceito de "povo" foi construído no contexto do movimento, por meio dos discursos do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva durante seus dois mandatos (2002-2010). A autora argumenta que o Lulismo, muitas vezes estigmatizado negativamente, conseguiu conquistar e dar significado ao povo, especialmente em temas como economia, relações internacionais e políticas públicas, com ênfase em educação, saúde e segurança pública:

O Lulismo é confundido com os fenômenos latino-americanos, genericamente rotulados pela relação de troca e manipulação entre um líder carismático e as massas que representam um grupo mais vulnerável de trabalhadores, num momento de crise hegemônica.

Ainda segundo a autora, Lula fez uso das referências ao "seu povo" para criar uma diferenciação ideológica marcante e humanizadora, em defesa do desenvolvimento econômico e social, que se tornou a marca do Lulismo como um fenômeno político da esquerda brasileira.

A temática do populismo também é trabalhada por Paraízo (2017), definindo-o como uma estratégia política que busca criar um vínculo direto entre o líder e as massas populares, frequentemente através de uma retórica que contrapõe o "povo" a uma elite adversária. De acordo essa autora, esse conceito são cruciais para entender como Lula se posicionou como um "presidente-operário" e conseguiu mobilizar o apoio popular.

Com base em Poulantzas, Paraízo (2017) mostra como o Estado pode atuar para manter a hegemonia, oferecendo concessões às classes populares enquanto preserva a ordem capitalista, não confrontando o populismo de Lula diretamente os interesses das classes dominantes. Ao contrário, suas políticas econômicas mantiveram uma relação amigável com o capital monopolista e a burguesia interna, o que caracterizou o populismo de Lula como um fenômeno adaptado ao contexto neoliberal. Para a autora, o populismo de Lula combina características do populismo clássico com elementos do populismo neoliberal.

Ela conclui que as políticas do governo Lula, embora tenham trazido benefícios às classes populares, foram limitadas pelo compromisso fundamental com os interesses das classes burguesas. Portanto, o apoio das classes populares ao projeto neodesenvolvimentista de Lula foi facilitado por uma ilusão ideológica, que resultou em uma relação populista entre essas classes e o governo.

Anderson (2011) discute a formação e as características do lulismo dentro da comunidade petista, destacando que ele não é apenas resultado do realinhamento eleitoral de 2006, conforme argumenta Singer (2012), mas uma construção anterior às eleições de Lula e não a única alternativa histórica para o petismo.

Comparando Lula com outros líderes, a autora supracitada discute a atuação de líderes populares e partidos políticos como dispositivos de controle das multidões, utilizando as teorias de Foucault, Le Bon e Courtine.

O estudo de Braga (2021) examina como essas lideranças e partidos controlam a abertura e o fechamento das massas, de acordo com as agendas políticas, destacando dois pontos na trajetória de Lula, construindo sua análise a partir de duas fotografias de Lula: a primeira, de 1979, que de certa forma, reflete sua emergência como líder popular, capturando a mobilização das massas em torno dele; a segunda foto, do ano de 2018, do momento em que ele é preso, ilustrando como dispositivos de controle político são materializados na vida contemporânea.

De maneira geral, o estudo do lulismo tem como fundamento a contribuição teórica de Singer (2012), como desdobramentos temáticos centrais a relação do presidente Lula com o PT; o tipo de populismo por ele ativado; e a ascensão e crises do movimento. Alguns pesquisadores podem ter entendido que a acirrada eleição de 2014, como discorre Brito (2015) e, posteriormente, o *impeachment* da ex-presidente Dilma fossem um indicativo da ruína desse fenômeno político. O que vemos hoje é que, o terceiro mandato do presidente Lula, aponta para a continuidade do lulismo.

A consolidação da polarização na esfera política nacional aponta para a emergência do bolsonarismo, tema da próxima seção.

1.2 Bolsonarismo

De acordo com Albuquerque e Medeiros (2020) foram os avanços notáveis, a crise política e econômica e o subsequente impeachment de Dilma que sinalizaram o fim do período progressista e o início de um período mais neoliberal e conservador com os governos Temer e Jair Bolsonaro, que origina o segundo movimento que passamos a discutir.

A produção acadêmica acerca do bolsonarismo é vasta e diversa (Baldaia *et al.*, 2021), sendo marcada pelo ineditismo. De acordo com Reis (2020, p.4) é preciso atentar para o fato de que “(...) o bolsonarismo não caiu como um raio de um céu azul, embora muitos, até hoje, ainda o ressintam como tal”.

Para Solano (2019), a ascensão do bolsonarismo se deu como uma surpresa eleitoral, visto que, o candidato venceu as eleições de 2018 com uma campanha mínima na TV, contrariando a ideia de que um candidato precisaria de tempo significativo de exposição mediática para convencer o eleitor, além de um partido expressivo para ter chances reais de sucesso:

A onda bolsonarista atropelou a política brasileira com uma força inesperada. Jair Bolsonaro ganhou as eleições com oito segundos de campanha televisiva, conseguiu que o até então insignificante PSL obtivesse 52 deputados e pôs o número 17 na boca da população, desafiando as análises clássicas da ciência política, as quais assumiam, categoricamente, que sem tempo suficiente de horário eleitoral gratuito e sem um partido político expressivo não havia chance nenhuma de o candidato chegar ao Planalto. (Solano, 2019, p.309)

Outra questão destacada por Solano (2019) é a de que o fenômeno bolsonarista não se restringe apenas ao Brasil. Ele se alinha a uma tendência global de ascensão de

líderes de direita que capturam a insatisfação popular, como Donald Trump nos EUA, Matteo Salvini na Itália e Viktor Orbán na Hungria.

Esses líderes exploram a frustração com os partidos tradicionais e as crises econômicas e sociais, apresentando-se como alternativas antissistema. Sobre esse ponto, Solano (*idem*, p.311) afirma que: “O PT, que no início de sua trajetória partidária também representava uma alternativa fora do *mainstream*, foi absorvido pela dinâmica da governabilidade, e, portanto, não poderia mais representar uma alternativa antissistema”.

Para a autora supracitada, o movimento bolsonarista está intrinsecamente ligado ao antissistema e ao antipartidarismo. A bolsonarização no Brasil observada, é caracterizada pela rejeição dos partidos e políticos tradicionais, a promoção de uma narrativa de moralidade e honestidade, e a exploração da insatisfação popular com a corrupção e a governabilidade. Bolsonaro conseguiu capitalizar esses sentimentos para consolidar um movimento político que o levou ao poder e desafiou as interpretações políticas estabelecidas no Brasil.

O movimento bolsonarista, que se caracteriza como sendo antissistema e antipartidos, se relaciona com outros que emergem em outros países no mesmo período, a exemplo do Movimento 5 Estrelas, na Itália (Mendonça, 2023; Solano, 2019).

O Movimento 5 Estrelas (M5S) é um partido político italiano, que se denomina não-partido, fundado por Beppe Grillo, um comediante e ativista, e Gianroberto Casaleggio, um empresário. O M5S se destaca por sua abordagem inovadora da política, com uma ênfase especial no uso de ferramentas digitais para mobilização e participação popular. Mendonça (2023, p.27) destaca que: “O Movimento 5 Estrelas apresenta como símbolo as cinco estrelas que representam o fornecimento de água, meio-ambiente, transporte público, desenvolvimento sustentável e energia renovável”.

Ao enfatizar a característica do M5S de ser um partido não-partido, Mendonça (2023) destaca o fato de que o movimento adota uma estrutura organizacional pouco hierárquica. Essa estrutura o torna flexível e adaptável às circunstâncias, o que facilita a participação dos membros e a integração de novos grupos e ideias. Outra informação importante destacada por Mendonça (2023) acerca do movimento é a de que ele é fortemente crítico das formas tradicionais de representação política, defendendo mecanismos mais participativos facilitados pela *internet*, vista não apenas como uma

ferramenta organizacional, mas também como um símbolo da essência da democracia, promovendo liberdade de expressão, transparência e igualdade.

O autor supracitado argumenta que o Movimento 5 Estrelas é um exemplo notável de como ferramentas digitais podem ser utilizadas para reformular a política moderna, promovendo uma maior participação cidadã e desafiando as estruturas tradicionais de poder. A repercussão do movimento na Itália demonstra, de certa forma, a eficácia de uma abordagem híbrida, que combina mobilização *online* e *offline*, além de sua capacidade de atrair uma ampla base de eleitores insatisfeitos com o *status quo* político.

Analisando o bolsonarismo, Mendonça (2023) argumenta que o movimento se baseia na imagem de Bolsonaro, na apresentação dele como um *outsider* capaz de enfrentar a corrupção e a criminalidade, ecoando sentimentos de descontentamento com o sistema político. Além disso, ele atenta para a maneira como a campanha de Bolsonaro usou intensamente as redes sociais para mobilizar apoiadores e disseminar mensagens populistas, questão também estudada por Guimarães (2022) ao abordar o *Telegram*.

De maneira conclusiva, Mendonça (2023) aponta que ambos os fenômenos compartilham a centralidade do uso de ferramentas digitais para mobilização política e estratégias populistas, apesar das diferentes origens de seus líderes. Ambos candidatos se posicionam como *outsiders* capazes de resolver problemas nacionais, atraindo grande atenção e apoio popular.

De acordo com Baldaia *et al.* (2021), para entender a ascensão do bolsonarismo, é preciso considerar as várias transformações que ocorreram no recente cenário político brasileiro. Para a construção desse entendimento os autores fizeram uso dos estudos de Cepêda (2018), Almada *et al.* (2019) e Carvalho (2018), respectivamente.

O primeiro ponto, para Baldaia *et al.* (2021), é que ocorreu no cenário político brasileiro a partir de 2014 o surgimento e fortalecimento de uma nova direita, que possui um viés mais conservador, nacionalista e que se enuncia como desafiadora do *status quo* político, promovendo uma agenda contrária à globalização e ao progressismo social. O bolsonarismo se encaixa perfeitamente nesse movimento.

O segundo ponto, de acordo com Baldaia *et al* (2021) seria o das mudanças nas condições sociais da comunicação política. Bolsonaro e seus apoiadores utilizaram de maneira intensa e inovadora as redes sociais, para disseminar sua mensagem, mobilizar eleitores e construir suas narrativas. Dessa forma, a digitalização da comunicação política permitiu que ele contornasse os meios de comunicação tradicionais, que muitas vezes eram críticos a ele, e chegasse diretamente ao público.

O terceiro, e último ponto seria o da produção midiática de massa da aversão crescente ao PT. Para Baldaia *et al.* (2021), mediante esse cenário, a ascensão de alternativas políticas que prometiam romper com o passado, com o PT, criou um ambiente propício para a construção da representação de Bolsonaro como um *outsider*, com sua performance de uma alternativa para enfrentar a corrupção e introduzir mudanças, o que ressoou bem em várias camadas do eleitorado brasileiro.

Baldaia *et al.* (2021, p.14) definem o bolsonarismo como:

uma inusitada articulação entre o desejo popular de resolver problemas sociais profundos por atalhos simplificadoros e o uso instrumental de representações difusas da cultura política brasileira.

Segundo Reis (2020, p.4), para compreender o fenômeno do bolsonarismo é necessário:

Analisar as tradições autoritárias que marcam a história da sociedade brasileira, considerando a conjuntura que se delineia a partir da aprovação da Constituição de 1988 até o ano de 2018, quando se verificaram as eleições presidenciais em que Bolsonaro é eleito”.

Sendo assim, esse autor propõe um olhar para o passado, levando em conta o contexto político e econômico das últimas três décadas, em conjunto com elementos tradicionais da sociedade brasileira, o que nos permite compreender como eles, associados a circunstâncias históricas específicas criaram um ambiente favorável para o surgimento do bolsonarismo.

Reis (2020, p.7) também focaliza o passado recente, analisando as eleições de 2018: “Constatou-se o imenso desgaste que afetava partidos e lideranças, mas não houve a capacidade – ou a vontade – de reverter os rumos, como se PSDB e PT tivessem se transformado apenas em gestores de um sistema que eles haviam prometido

reforma”. Essa constatação de Reis (2020) se assemelha ao terceiro ponto de Baldaia *et al* (2021) que explora a aversão dos eleitores ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Assim como Baldaia *et al* (2021), Reis (2020) aponta para os aspectos político-institucionais determinantes da emergência do bolsonarismo. Para ele, houve uma autonomização das instituições democráticas, levando ao descrédito dos partidos políticos e sindicatos, particularmente entre jovens e classes populares. O uso das mídias sociais intensificou as lutas políticas, com a disseminação de *fake news* e movimentos autônomos que desafiam as instituições tradicionais.

A questão tecnológica em relação ao bolsonarismo é objeto de pesquisa de Guimarães (2022), que buscou compreender a formação estratégica e ordenada do eleitorado bolsonarista de extrema direita a partir do uso do *Telegram* durante a campanha eleitoral de 2022. Para isso, essa autora buscou levantar informações e produzir dados sobre o perfil do eleitor de Bolsonaro, tentando entender a relação do fenômeno com a nova direita, além de buscar suas conexões com as forças militares.

Guimarães (2022) concluiu que o *Telegram* foi uma plataforma essencial para a organização e mobilização dos apoiadores de Bolsonaro, sendo um diferencial encontrado o da segurança e privacidade, que permitiram a disseminação de informações e coordenação de atividades sem a interferência de moderação de conteúdo. De maneira geral, houve uma facilitação da propagação de desinformação e reforçou a coesão entre os membros do movimento bolsonarista.

Com base na teoria dos sistemas, de Luhmann, Vinhas (2019) analisou a dinâmica comunicacional e a construção de significados nas interações sociais durante a campanha para as eleições de 2018 no *Twitter*, enfatizando os efeitos da suposta facada sofrida por Jair Bolsonaro, em referência a questões relativas à desinformação, às *fake news* e à pós-verdade, em suas implicações para a comunicação na era digital. É importante destacar que a relação entre o eleitor/simpatizante e as redes sociais, se torna um ponto extremamente relevante no bolsonarismo, especificamente nas eleições de 2018. Os trabalhos de Guimarães (2022) e Vinhas (2019) conseguem capturar pontos relevantes em relação a essas plataformas digitais e à disseminação de informações ou desinformações (também nomeadas como *fake news*).

Cesarino (2022) discute a possibilidade de existir um bolsonarismo sem a figura de Bolsonaro, algo impensável para muitos. De acordo com a autora, o bolsonarismo

deve ser entendido menos como um movimento centrado em um líder específico e mais como um fenômeno sociotécnico caracterizado por uma dinâmica cibernética de mobilização contínua. Essa mobilização é orientada por métricas em tempo real e envolve múltiplos segmentos que ressoam em conjunto, compartilhando uma dinâmica comum que introduz bifurcações antiestruturais na esfera pública brasileira.

O aspecto multifacetado do bolsonarismo é apontado por Mendonça (2023), sendo um dos focos mais relevantes para seu entendimento o contexto religioso. Vejamos o entendimento de Gracino Junior *et al.* (2021) e Santos I (2021), nos parágrafos seguintes:

Gracino Junior *et al.* (2021) analisam o papel do ressentimento e das pautas religiosas na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Para esses autores, o ressentimento é identificado como o principal afeto que liga os eleitores evangélicos a Bolsonaro, podendo o discurso religioso ter desempenhado um papel crucial na mobilização desse ressentimento, convertendo-o em apoio eleitoral.

Ainda para os autores supracitados, a significativa adesão dos evangélicos a Bolsonaro foi mediada pela cooptação de lideranças evangélicas, que outrora apoiaram os governos petistas, e passaram em 2028 a apoiar Bolsonaro. A ruptura com o PT e a aproximação com Bolsonaro são entendidas como efeitos da percepção de decadência moral e corrupção associadas ao PT desde 2014.

De acordo com Gracino Junior *et al.* (2021, p. 548):

Embora o sucesso eleitoral de Bolsonaro em 2018, extrapole a questão religiosa, envolvendo aspectos sociopolíticos conjunturais, o discurso de fundo religioso serviu como elemento mobilizador de afetos traduzidos em adesão eleitoral ao candidato.

Abordando também o contexto religioso, porém de maneira mais ampla, Santos I (2021), em sua tese, investiga três pontos fundamentais para a vitória de Jair Bolsonaro na eleição presidencial de 2018: o reacionarismo; o fundamentalismo cristão; e o ressentimento das classes médias.

Para esse autor, o ponto inicial para o surgimento do bolsonarismo foram as manifestações ideológicas e políticas que ocorreram entre 2013 e 2018, especialmente as reações conservadoras contra movimentos progressistas (feministas, negros, LGBTQI+), que contribuiriam para a ascensão de um discurso reacionário, que, posteriormente acabaram beneficiando Bolsonaro:

Entendemos como um período que exerceu grande importância nos eventos políticos brasileiros, principalmente com a formação de grupos de direita e de extrema direita que, a partir de organizações espontâneas e financiadas, transformaram-se em grupos de influência como o MBL (Movimento Brasil Livre), Vem Pra Rua e em partidos políticos⁸ que passaram a atuar na sociedade civil e, com o passar dos anos se tornaram centrais na política brasileira, mas que não tiveram atuação significativa em 2013. (Santos I, 2021, p. 20)

Ainda dentro desse contexto, Santos I (*idem*) destaca Olavo de Carvalho como uma figura chave na construção do discurso reacionário mobilizado por Bolsonaro, em virtude da sua habilidade em mobilizar uma base dedicada e promover uma agenda conservadora, causando um impacto significativo na política brasileira. Acerca dos textos de Olavo de Carvalho, Santos I (2021, p.38) aponta que: “O problema que se apresenta nessas práticas está no fato de os discursos serem ameaçadores às liberdades democráticas e ao pensamento científico”.

Para Santos I (2021), Olavo de Carvalho popularizou várias teorias da conspiração e muitas delas foram adotadas por Bolsonaro e seus seguidores. Os temas dessas teorias envolvem a ideia de uma ameaça comunista iminente, diante da qual haveria a necessidade de uma reação vigorosa para defender a nação. Mediante esse comportamento, Santos I (2021) indica que Olavo de Carvalho era responsável por criar um ambiente intelectual para que essas ideias pudessem florescer, muitas vezes através de ataques à mídia tradicional e à academia, que ele acusava de serem dominadas por esquerdistas.

De maneira geral, a função de Olavo de Carvalho dentro do bolsonarismo se estendeu também em termos da disseminação dos princípios do fundamentalismo cristão, na medida que ele era visto também como um defensor de uma percepção de mundo cristã conservadora, que teve uma significativa ressonância nos setores dos eleitores evangélicos que apoiaram Bolsonaro.

Santos I (*idem*) destaca a importância de Edir Macedo e Silas Malafaia, em conjunto com Olavo de Carvalho, sujeitos que, pertencendo a esferas distintas (intelectual e religiosa), convergiram na promoção dessa agenda conservadora e reacionária. Essa aliança estratégica resultou em uma união de diferentes segmentos da sociedade em torno da candidatura de Bolsonaro.

Focalizando o papel das classes médias, Santos I (2021, p.37) afirma que: “O discurso da extrema direita, muitas vezes agradável aos olhos das classes médias, conquistou e conquista tantos defensores por estar relacionado com uma pauta de costumes, e não apenas econômica ou política”.

Segundo Santos (2021), as classes médias estavam motivadas pelo desejo de mudança, a busca por ordem e segurança e pela rejeição ao Partido dos Trabalhadores. Em virtude da influência da mídia e de figuras públicas, a exemplo do ex-juiz Sergio Moro, foram atraídas pelo discurso conservador e moralista de Bolsonaro.

Assim como no lulismo, autores apontam para contradições no bolsonarismo. Santos I (2021) destaca que embora Bolsonaro e os bolsonaristas frequentemente afirmassem seu compromisso com a democracia, ao mesmo tempo faziam declarações que instigavam o desrespeito pelas instituições democráticas, como o Congresso e o Judiciário. Um exemplo disso foram as declarações dele sobre fechar o Congresso ou desconsiderar decisões judiciais, como apontam Lorrán e Fuzeira (2021): “na Paulista, presidente Jair Bolsonaro afirmou que não irá mais cumprir decisões judiciais do ministro do STF Alexandre de Moraes”.

Outro ponto interessante para o acima referido analista é que Bolsonaro, embora tenha se posicionado como um paladino contra a corrupção, fez alianças com figuras políticas e partidos envolvidos em escândalos de corrupção, a exemplo do apoio do ex-presidente Fernando Collor, que chegou a pedir votos para Bolsonaro na campanha de reeleição (Marques e Prates, 2022). Ele também nomeou ministros e formou coalizões que envolviam políticos com históricos questionáveis, comprometendo seu discurso de integridade e anticorrupção.

Além disso, Bolsonaro criticou o nepotismo em governos anteriores, mas chegou a indicar seu filho, Eduardo Bolsonaro, para uma posição de destaque, especificamente, para o cargo de embaixador do Brasil nos Estados Unidos (Damasceno, 2019). A indicação não prosperou (Vivas e Ortiz, 2019). Eduardo fez um pronunciamento afirmando que havia desistido da indicação, mas o que ocorreu foi o recuo da indicação mediante a resistência dos parlamentares do Senado.

Um último ponto, dentre as várias contradições de Jair Bolsonaro, seria o da promoção de um discurso moralista, defendendo valores tradicionais e familiares, que se chocava com suas declarações misóginas, homofóbicas e racistas, mostrando uma

disparidade entre o discurso público e as atitudes pessoais. Um exemplo disso, foi quando Bolsonaro relativizou as denúncias de assédio contra o ex-presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, dizendo que não percebeu nada contundente nos depoimentos (Paz *et al*, 2022).

De maneira geral, essas contradições destacadas servem para ilustrar a complexidade da postura política de Bolsonaro, refletindo uma discrepância entre seu discurso e suas ações concretas.

A relação entre o bolsonarismo e a educação também é um tema bastante pesquisado, a exemplo dos trabalhos de Andrade (2021), Costa (2020) e Silva (2023). Segundo Costa (2020), que analisou os pronunciamentos midiáticos semanais do então presidente Bolsonaro, suas entrevistas e postagens em redes sociais, bem como as de Weintraub e de Olavo de Carvalho, o período de efervescência política das “jornadas de junho” de 2013 e posteriormente, a eleição de Bolsonaro, evidenciaram aumento na visibilidade e influência da direita política no Brasil. Dessa forma, o contexto político propiciou um ambiente em que os professores passaram a ser atacados ideologicamente por serem vistos como propagadores de ideologias de esquerda. O estudo de Costa (2020) busca compreender como esse discurso se desenvolveu e suas implicações para a educação e os profissionais da área.

De maneira geral, a gestão de Bolsonaro foi marcada por várias polêmicas e decisões controversas, como afirma Sandes (2020), incluindo cortes de verbas para universidades federais, mudanças no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e iniciativas alinhadas com o movimento Escola Sem Partido.

O estudo de Costa (2020) conclui que o discurso bolsonarista e o movimento Escola Sem Partido criaram um ambiente hostil para professores no Brasil, caracterizado por perseguições ideológicas e uma visão distorcida do papel dos educadores. Este fenômeno reflete uma polarização política e um ataque às instituições educativas e ao pensamento crítico.

Silva (2023), que realizou uma pesquisa bibliográfica e documental, incluindo discursos de campanha, planos de governo, documentos do Ministério da Educação, legislações e programas educacionais voltados para a Educação Básica, discutiu as relações entre conservadorismo e educação no bolsonarismo, destacando a emergência

da proposta de escolas militares e de ensino doméstico, ambas baseadas na visão do processo de escolarização como ameaça moral.

De acordo com Lynch e Cassimiro (2022 *apud* Silva, 2023), o conservadorismo se define por uma visão de que a ordem social tem bases superiores e imutáveis, resistindo a mudanças. Ao mesmo tempo, ele é flexível e adaptativo, moldando-se conforme os desafios ideológicos que enfrenta, absorvendo e transformando as estratégias de seus adversários para defender seus princípios. Essa dualidade torna o conservadorismo uma ideologia complexa e resiliente, capaz de se manter relevante em diferentes contextos históricos e políticos.

O trabalho de Andrade (2021) também envolve educação e bolsonarismo, apresentando os resultados da análise de entrevistas realizadas com jovens do ensino médio de uma escola pública em João Pessoa, Paraíba, sobre suas percepções sobre os problemas do Brasil durante as eleições de 2018, com ênfase nos valores de respeito e honestidade. O objetivo foi entender como esses valores influenciaram a adesão dos jovens ao discurso neoconservador e neoliberal característico do bolsonarismo.

Para essa autora, o neoliberalismo no discurso bolsonarista implica na adoção de políticas econômicas pelas quais se observam a redução do papel do Estado na economia, privatizações e cortes nos gastos públicos, especialmente nas áreas de saúde, educação e assistência social. Também é importante destacar como o bolsonarismo incorpora a austeridade econômica e promove reformas trabalhistas que precarizam as condições de trabalho e enfraquecem os sindicatos.

Ela ainda destaca a contradição entre o discurso bolsonarista e os interesses das camadas populares, que são frequentemente as mais afetadas pelas políticas neoliberais de corte de benefícios sociais e enfraquecimento dos direitos trabalhistas, como vemos na citação que se segue:

Não há a pretensão de generalizar essa lógica de valores para todas as camadas populares no Brasil, mas destaca-se a importância do estudo para a sociologia da moral no país, ao indicar caminhos para a pesquisa sobre os elementos centrais da gramática moral das classes e das classes populares. (Andrade, 2021, p. 43)

Os estudantes são estimulados a partilhar de uma visão meritocrática e individualista, frequentemente sem perceber como as estruturas econômicas e sociais mais amplas afetam suas vidas. A autora supracitada argumenta que essa internalização de valores neoliberais e conservadores reflete uma "gramática moral" que orienta as

percepções políticas e sociais dos jovens, muitas vezes em contradição com seus próprios interesses socioeconômicos.

Moraes (2022) discute como o autoritarismo e o neoliberalismo se inter-relacionam e se manifestam no contexto político brasileiro, especificamente através do movimento bolsonarista. Moraes (2022) aborda a crise das democracias liberais no século XXI, como o foco no autoritarismo e como ele se relaciona com essa crise. Moraes (2022) aponta que existem duas principais correntes de pensamento: a primeira, que atribui a crise ao liberalismo e outra que aponta o sistema neoliberal como a raiz da escalada autoritária.

Na sequência, Moraes (2022) detalha a história do neoliberalismo no Brasil, começando com o governo Sarney, passando por Collor e FHC, até chegar ao neoliberalismo nos governos de Lula e Dilma. Em resumo, o neoliberalismo é visto como um regime de governamentalidade que coloca o mercado no centro da construção política da sociedade.

No que se refere à relação do bolsonarismo com o neoliberalismo, Moraes (*idem*) argumenta que o bolsonarismo é um subproduto da racionalidade neoliberal autoritária. De certa forma, não se pode entender o bolsonarismo sem considerar o percurso de inserção do Brasil no capitalismo financeirizado, especialmente desde o *Ajuste Estrutural Brasileiro* da década de 90, que foi uma série de políticas destinadas a estabilizar a economia, reduzir a inflação, promover a privatização e liberalização econômica, marcando a transição do Brasil para uma economia neoliberal integrada ao mercado global.

Ao citar esses pesquisadores que enveredaram por um caminho específico, nesse caso, a educação, não se pode deixar de lado, quem trabalhou de maneira mais sistêmica, mostrando um panorama do que propôs Bolsonaro em seu governo, como é o caso de Lino (2024), que apresenta uma análise detalhada sobre as principais temáticas e iniciativas legislativas e administrativas do governo dele, no período compreendido de 2019 a 2022.

De acordo com Bachrach e Baratz (1962 *apud* Lino, 2024, p.22): “Definir quais questões devem ser o centro da atenção política, controlar a agenda, é a chave da segunda face do poder, que precede o processo de tomada de decisão, a primeira face”. Dessa maneira, no contexto da prática política, a habilidade de determinar quais

questões devem ser discutidas é um poder fundamental, pois molda todo o processo subsequente de decisão e implementação de políticas.

Lino (2024) destaca como características do bolsonarismo uma postura confrontativa, priorizando temas e políticas que refletiam sua base eleitoral conservadora e *antissistema*, como apresentada a seguir:

Os principais temas da agenda legislativa e administrativa do governo Bolsonaro giram em torno dos enfrentamentos da pandemia, reformas e regulações macroeconômicas, preocupações com questões de lei, crime, família, bem como infraestrutura e temas referentes à defesa, polícia e exército. (Lino, 2024, p. 55)

Seguindo essa linha de análise do governo Bolsonaro, Celini (2023) busca investigar os sentidos atribuídos aos termos “democracia” e “liberdade” nos discursos de Jair Bolsonaro, durante seu mandato presidencial. Dessa forma, o estudo realiza uma análise qualitativa de 326 discursos e pronunciamentos oficiais que mencionam esses termos. Celini (2023) o ponto inicial teórico permeia o debate acerca da crise da democracia liberal, caminho inicial semelhante ao de Moraes (2022), a partir de diversas perspectivas teóricas, tanto do *mainstream* quanto da teoria política crítica. Posteriormente, ele analisa como líderes, movimentos e partidos de extrema-direita, semelhantes a Bolsonaro, se posicionam como defensores da "democracia" e "liberdade", apesar de seus discursos e valores autoritários.

Em resumo, a pesquisa em torno do bolsonarismo possui muitos direcionamentos, porém ainda não possui uma base teórica estabelecida, essa percepção surge ao observar a origem do movimento, que herdou boa parte do eleitorado do PSDB, quando esse era o único que confrontava o PT. Alguns elementos vistos no lulismo, não se encaixam aqui, a exemplo da relação de Jair Bolsonaro com partidos, visto que, ele mudou diversas vezes.

CAPÍTULO 2 - PERSPECTIVA TEÓRICA

A temática dos líderes políticos, dinâmicas de poder e organização política é um objeto de reflexão de diversos autores, a exemplo de Gramsci, Freud, Arendt e Weber. Nessa dissertação, inicialmente, buscamos como arcabouço teórico os escritos de Gramsci (2023a) que fazem referência ao período compreendido entre 1921 a 1926, nos quais o autor destaca as lutas enfrentadas pelo movimento operário por meio da batalha contra o domínio do capital, caracterizada pela resistência ao fascismo após a Primeira Guerra Mundial.

É importante pontuar que os escritos de Gramsci têm como pano de fundo o período de caos político e social que marcou a Europa e, de uma maneira mais específica, a Itália, durante o início do século XX. Portanto, foi em meio a esse cenário de lutas políticas e ideológicas, que foram moldados os papéis dos líderes e das massas dentro do contexto político no qual ele viveu e sobre o qual construiu suas reflexões que verberam até os dias atuais.

A percepção de Gramsci (2023a) transcende o contexto histórico específico por ele abordado, como nessa passagem em que ele discorre acerca do Congresso da Central Geral do Trabalho, no qual, segundo ele, nada foi resolvido em relação ao burocratismo sindical, mantendo-se os líderes inertes. Em relação a isso sua insatisfação vem à tona:

Esses homens não vivem mais pra uma luta de classes, não sentem mais as mesmas paixões, os mesmos desejos, as mesmas esperanças das massas: entre eles e as massas criou-se um abismo insuperável. O único contato entre eles e as massas é o registro das contribuições e o cadastro dos filiados. Esses homens já não veem o inimigo na burguesia, mas nos comunistas; têm medo da concorrência, são líderes que se tornaram banqueiros de homens em regime de monopólio. (Gramsci, 2023a, p.78)

Nesse trecho, Gramsci (2023a) traz para a discussão o tema da relação entre líderes e massas, destacando a alienação e a falta de conexão entre líderes sindicais e as massas trabalhadoras que eles deveriam representar. O ‘abismo insuperável’ que ele diz ter se estabelecido entre os líderes e as massas se dá por medo de perder suas posições de poder, deixando de lado a luta pelas motivações dos grupos que os colocaram ali, os quais, na visão do autor, passam a serem vistos apenas como números.

Além de levantar esse ponto do afastamento entre líderes e massas de trabalhadores, Gramsci analisa os conflitos dentro do movimento operário. Ele apontava os problemas trazidos para o movimento por lideranças ‘revisonistas’ e ‘oportunistas’, além das ações extremistas de alguns ativistas, cujas ações disruptivas ameaçavam a coesão e até a existência do movimento operário organizado. Vejamos nas suas palavras:

E o que fez por toda parte o partido maximalista senão interpretar a vontade das massas a serviço da vontade dos chefes? Não é uma teoria agradável e conveniente para todos os líderes oportunistas culpar as massas por suas falhas e traições? A própria fórmula “ir às massas” é uma fórmula oportunista, se não for entendida como espírito comunista, isto é, no sentido de que é necessário ir às massas para não rebaixar ao nível delas o conhecimento e a vontade da vanguarda revolucionária, mas para que ela mesma se eduque na vontade e no espírito do proletariado revolucionário. Agora os líderes maximalistas, longe de interpretar as necessidades da classe trabalhadora, têm sido até mesmo inferiores à capacidade de luta espontânea das massas trabalhadoras. (Gramsci, 2023a, p. 249)

Gramsci (2023a) tece uma crítica aos líderes maximalistas, indicando sua falta de sintonia com as necessidades e aspirações do povo. De maneira geral, ele destaca a importância de uma liderança verdadeiramente comprometida com os interesses das massas e capaz de educá-las e mobilizá-las de forma consciente e autônoma.

Essa crítica nos direciona para a constante renovação no interesse em produzir academicamente acerca da relação entre os líderes e as massas. Dessa forma, Schemes (1998), usa como base teórica *O Sistema Totalitário*, de Arendt.

Schemes (1998) investiga essa relação nos governos Vargas e Perón, com a intenção de entender como se construiu o apoio popular a essas *personas* políticas. Para a autora, existiam similaridades entre os dois líderes políticos (Schemes, 1998, p.31): “a ideia de um líder onipotente, onipresente e superior aos demais, que é deixada clara tanto no governo Perón quanto no governo Vargas, tem sua inspiração na Alemanha hitlerista e na Itália fascista”.

Outro ponto interessante apontado por Schemes (1998) é quando ela traz o pensamento de Arendt acerca das massas e os movimentos totalitários. Para ela, existe a possibilidade de a massa ser entendida como um grande grupo de pessoas que aparentam desinteresse, e que foram previamente ignoradas por todos os outros partidos políticos por serem vistas como demasiadamente apáticas ou simplesmente incapazes de despertar interesse.

Schemes (1998) também menciona Freud ao falar sobre as atitudes das massas, baseando-se nos estudos de Gustave Le Bon. Em *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*, Freud (2011) argumenta que, ao se tornarem parte de um grupo, os indivíduos perdem sua personalidade consciente e são dominados pelo inconsciente coletivo.

Ao se aprofundar na obra, é possível entender que Freud (2011) inicia discutindo a distinção entre psicologia individual e psicologia social ou das massas. Ele argumenta que, apesar de parecerem distintas, ambas estão intimamente ligadas, pois o comportamento do indivíduo é profundamente influenciado por suas relações sociais, como vemos no seguinte trecho:

... a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim. (Freud, 2011, p.15)

As massas, segundo Freud (2011), preferem a ilusão à verdade e necessitam de um líder para seguir, já que, são similares ao um "rebanho obediente", em virtude de não conseguirem viver sem uma figura de autoridade.

Freud (2011) também introduz conceitos como identificação e libido no contexto da reflexão sobre as massas. Ele discute como a identificação com o líder ou com outros membros do grupo torna-se central para a formação e coesão da massa. A libido, na teoria de Freud (2011), está associada aos impulsos sexuais e afetivos, que desempenham um papel crucial na maneira como os indivíduos se conectam, visto que, quando os indivíduos se juntam em uma massa, suas libidos individuais são redirecionadas e se tornam parte de uma energia coletiva que reforça os laços do grupo.

Freud (2011) examina também exemplos específicos de *massas artificiais* que, diferentemente das massas naturais, mantém uma organização que proporciona continuidade, divisão de funções e relações formais entre seus membros, como a Igreja e o Exército, onde a coesão do grupo só é mantida por meio de uma estrutura hierárquica e pela identificação dos membros com uma figura de autoridade.

Esse autor ainda destaca que é por meio dessa estrutura organizacional que a massa artificial consegue manter uma certa estabilidade e proteção contra o rebaixamento coletivo da capacidade intelectual, ao delegar tarefas intelectuais a indivíduos específicos dentro do grupo.

De maneira geral, Schemes (1998), ao adotar a análise *freudiana*, buscou ajuda para entender o porquê de as massas apoiarem líderes e regimes que, racionalmente, podem até mesmo ser prejudiciais a elas. Schemes (1998), portanto, usa Freud para mostrar que a adesão das massas a líderes autoritários não pode ser explicada apenas por fatores econômicos ou ideológicos, mas também por processos psicológicos coletivos.

Ao comparar dois governos de países diferentes, a autora supracitada nos direciona para a análise política da América Latina, que fora, anos antes, objeto de análise de Bresser Pereira (1990), que, em texto nomeado *Crise e renovação da esquerda na América Latina*, alertava que a esquerda, durante a primeira metade do século XX, ofereceu soluções eficazes para o desenvolvimento, como a industrialização por substituição de importações, mas, a partir dos anos 60 e 70, essas estratégias se tornaram insuficientes, surgindo uma crise por falta de um novo projeto desenvolvimentistas.

Pereira (1990) destaca que na América Latina, essa crise se manifestou mais tarde, nos anos 80, quando o modelo nacional-desenvolvimentista, sustentado pelo protecionismo e pelo endividamento externo, se esgotou. Mesmo assim, setores significativos da esquerda continuaram a defender esse modelo, sem perceber que ele havia perdido sua funcionalidade em um contexto econômico e político diferente.

A conclusão de Bresser Pereira (1990) é de que a renovação da esquerda exige uma reavaliação dos conceitos fundamentais e a criação de um novo projeto que leve em conta as mudanças econômicas e sociais dos últimos anos. Ele defende uma esquerda que priorize a justiça, mas que também reconheça a importância de um mercado regulado e de uma intervenção estatal eficiente, adaptada às novas realidades.

É interessante como um texto escrito décadas atrás ainda reverbera nos dias atuais, em virtude das reflexões pertinentes para a análise do cenário atual da esquerda na América Latina e em outras partes do mundo. Embora o contexto político e econômico tenha evoluído desde a publicação do artigo, muitos dos dilemas discutidos por Bresser Pereira (1990) permanecem relevantes, a exemplo da ascensão de novas direitas, que ganharam espaço mediante a crise da esquerda, a importância da renovação e até mesmo o papel do neoliberalismo na crise do Estado.

De maneira geral, Bresser Pereira (1990) oferece uma reflexão atemporal sobre essa necessidade de renovação constante da esquerda, para que ela possa continuar a ser

uma força progressista e relevante no cenário político e econômico. Atualmente, esses desafios se manifestam de novas formas, mas o núcleo da mensagem permanece o mesmo, de que a esquerda precisa se adaptar e inovar. Aliás, essa mensagem serve para ambos os movimentos.

Pereira (1990), que direciona o seu discurso ao movimento progressista, estaria propondo uma ideia de hegemonia, com base na conquista, pela esquerda, da liderança cultural, política e ideológica nas sociedades nacionais da região, com base no sentido *gramsciano*, o que não significa pensar não apenas o domínio político direto, mas a capacidade de moldar a visão de mundo predominante, hegemônica, tornando as ideias e valores de um grupo social amplamente aceitos por toda a sociedade.

Gramsci (2023b), na obra *Cadernos do Cárcere*, argumenta que a classe dominante mantém seu poder não apenas pela força ou coerção, mas também através do consentimento de amplos setores da sociedade. Esse consentimento é supostamente alcançado por meio de uma liderança cultural e ideológica, através da hegemonização da visão de mundo da classe dominante, aceita por todos, incluindo as classes subalternas.

Dessa forma, fica compreendido que Bresser Pereira (1990) sugere uma forma de liderança ou direção política progressista, mas não está necessariamente propondo uma hegemonia completa no sentido *gramsciano*. O autor foca mais em um novo modelo de desenvolvimento que envolva a liderança da esquerda, mas dentro de uma lógica de equilíbrio e de pactos sociais, em vez de dominação ideológica.

Ainda sobre o contexto da América Latina, Silva (2018) explora o fenômeno do personalismo político, especificamente em um cenário de crise da representação democrática que tem se intensificado a partir dos anos 2000, marcados por uma crescente de insatisfação com as instituições democráticas tradicionais.

O supracitado autor argumenta que a crise da representação democrática cria um terreno fértil para o surgimento de líderes personalistas, que tendem a se apresentar como salvadores ou representantes diretos da vontade popular, frequentemente à margem das estruturas institucionais formais.

Silva (2018) considera que a cultura política latino-americana é propensa à aceitação de lideranças personalistas. Para embasar essa afirmação ele faz uso de dados

de pesquisas sobre valores culturais, comportamento político e atitudes em relação à democracia na região por ele focalizada.

Dentre os valores que estariam subjacentes a essa propensão dos estados latino-americanos a desenvolverem lideranças personalistas estariam, segundo Silva (*idem*) os seguintes: (1) o conflito entre o tradicionalismo e a autoexpressão, expresso na fricção entre as forças acionadas para manter o “equilíbrio”, a preservação da ordem e os que promovem a emancipação individual; (2) os baixos níveis de confiança em partidos políticos, parlamentos e mídia; e (3) a insatisfação com a democracia, que se constitui em uma abertura perigosa para alternativas não institucionais, como é o caso de lideranças personalistas como as que estudamos aqui.

Gracia (2012, p.5) em seu trabalho comparativo entre as *personas* políticas de Vargas e de Lula, argumenta que:

Vargas ficou conhecido como o ‘pai dos pobres’, fundador e principal representante do populismo brasileiro, e Lula tornou-se referência por conta da criação do lulismo, que alguns analistas políticos acreditam se tratar de um novo populismo.

Santos (2014) argumenta que o personalismo político é uma característica duradoura da política brasileira, enraizada em traços culturais transmitidos pela herança ibérica.

Segundo Carlos Fico (*apud* Veiga, 2022) a comparação entre Vargas e Lula seria imprópria, por configurarem situações diferentes, visto que, Lula foi eleito pelo voto direto três vezes, enquanto Vargas apenas uma. A semelhança encontrada pelo historiador, é que ambos se beneficiaram da chamada “adesão por afeto”, em que uma parte de seus apoiadores permanece leal política e eleitoralmente, independentemente das ações dos líderes.

É preciso destacar que a comparação nem sempre surge de terceiros. De acordo com Santos e Vieceli (2024), em uma matéria escrita para a *Folha de São Paulo*, o presidente Lula, em visita ao Rio Grande do Sul, em meio à tragédia climática que assola o estado, se comparou com Dom Pedro II e Getúlio Vargas. O presidente fez a seguinte afirmação: “Depois dos dois, só eu. Ninguém tem a quantidade de experiência que eu tenho, de viver problemas neste país”.

A fala do presidente Lula se torna mais interessante ao analisarmos que, por vezes, muito se pondera, na comparação entre essas *personas políticas*, sobre os meios

em que ambos chegaram ao poder, Vargas, inicialmente, por meio de um golpe e depois por eleições indiretas, enquanto Lula, eleito democraticamente três vezes.

Outro viés possível para a comparação entre Vargas e Lula é o da divergência entre o estilo de liderança de ambos. Vargas foi um líder centralizador, muitas vezes governando de modo autoritário, especialmente durante o Estado Novo. Por outro lado, Lula tem governado em regimes plenamente democráticos, enfrentando, inclusive, o desafio da necessidade de negociações políticas e alianças com os poderes legislativo e judiciário.

Braga (2021), a partir de um arcabouço teórico em que se incluem Foucault, Le Bon e Courtine analisa a evolução da trajetória política de Lula, fazendo uma interface com dois momentos da história do Brasil, a partir de duas fotografias emblemáticas dele, uma feita em 1979 e outra em 2018.

O interesse em analisar a relação dos líderes e as massas, também inclui o bolsonarismo. Bispo *et al.* (2022) examinam as condições subjetivas, sociais e tecnológicas que contribuíram para o fortalecimento do poder de influência do bolsonarismo no Brasil. Um dos pontos destacados é o da proliferação das *fake news* em momentos cruciais como as eleições e a pandemia. Dessa forma, a indagação proposta por Bispo *et al.* (2022, p. 115) é: “para além da crença, como podemos pensar a adesão em massa a notícias e ideias tão absurdas durante todo esse período de ascensão do bolsonarismo?”

Para responder essa questão, Bispo *et al.* (2022) utilizam Freud, em *Psicologia das Massas*, reconhecendo que, mesmo decorridos cem anos, os princípios da obra ainda são pertinentes para compreender as atuais dinâmicas. No atual contexto, os movimentos de massa também têm o poder de anular, de certa forma, a individualidade do sujeito, trazendo uma reflexão de como essa dinâmica reverbera no contexto das redes sociais.

Silva Júnior e Mello Neto (2022) também investigam as percepções que levaram a uma adesão em massa ao discurso conservador de Bolsonaro durante as eleições de 2018. Assim como Bispo *et al.* (2022), os autores também se utilizam da análise da psicologia das massas. Na conclusão do trabalho citado, eles alertam para as preocupações coletivas dos brasileiros que resultaram no surgimento do “mito”, um líder considerado um herói capaz de transformar a realidade nacional:

Ocupando esse lugar no imaginário de parcela considerável da população, canalizou um forte investimento afetivo com a promessa de salvar a nação de inimigos corruptores, em um projeto que envolvia, além do cumprimento de uma agenda econômica neoliberal, principalmente uma agenda de valores e costumes que se oferecia como um possível recurso ante as incertezas e angústias de um contexto de crise e polarização. (Silva Júnior e Mello Neto 2022, p.13)

Mediante essa pesquisa acerca das relações entre os líderes e as massas e o surgimento de novos movimentos, Pappas (2008) alerta para a ideia que permeia o entendimento de muitos, de que a democracia liberal é um sistema firmemente estabelecido, no qual as forças de oposição competem de forma moderada com a autoridade legítima. Dessa forma, quando o radicalismo surge, muitas pessoas ficam surpresas. O referido autor discute a origem desses movimentos radicais em sistema políticos pluralistas e semipluralistas.

A argumentação utilizada por ele se baseia na análise de três casos em que o radicalismo de massa surgiu nas últimas décadas: Grécia, Iugoslávia e Venezuela, fazendo, posteriormente, uma análise contrafactual em seis casos nos quais o radicalismo em massa não aconteceu: Espanha, Portugal, Bulgária, Romênia, Colômbia e Equador.

Pappas (2008) conclui que na Grécia, Iugoslávia e Venezuela, os movimentos radicais de massa surgiram devido às ações simbólicas e estratégicas de seus líderes. Os líderes, Papandreou, Milošević e Chávez, obtiveram uma significativa influência política ao empregar mensagens ideológicas que questionavam o sistema estabelecido, conseguindo atrair e mobilizar grandes contingentes populacionais para respaldar agendas políticas radicais. A capacidade de comunicação e mobilização foi crucial para o surgimento dos movimentos radicais de massa nesses países.

Rocha (2024), em sua dissertação nomeada *2022 em uma casca de noz: Personalismo político e o Twitter como plataforma polarizante*, se concentra em dois fenômenos principais: personalismo político e polarização afetiva. Em virtude de o recorte de pesquisa ser o das eleições presidenciais de 2022, Rocha (2024) também especifica acerca dos dois principais candidatos: Bolsonaro e Lula.

Para Rocha (2024) Lula é retratado como uma figura que se posiciona contra Bolsonaro, criticando suas políticas e ações, sua falta de confiabilidade, ao mesmo tempo em que utiliza as mídias sociais para se apresentar como uma vítima de um

processo injusto, no qual fora condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro - o caso do triplex no Guarujá, na Operação Lava Jato - argumentando que lidaria com crises nacionais com mais responsabilidade do que o então presidente.

Em relação a Bolsonaro, Rocha (2018) o define por adotar uma estratégia de comunicação que envolve o confronto direto com a mídia tradicional, alegando que ela é tendenciosa e favorece Lula, adotando uma estratégia para, nas mídias sociais digitais construir para si uma *persona* de um *outsider* lutando contra o sistema estabelecido. Ao mesmo tempo em que associa Lula a regimes autoritários, com a intenção de deslegitimá-lo (Rocha, 2014).

Rocha (2024) refere-se ao fenômeno da divisão da nação entre as figuras de Lula e Bolsonaro, como uma polarização afetiva, caracterizando o momento como aquele em que os indivíduos não apenas discordam politicamente, mas também desenvolvem sentimentos negativos intensos em relação aos que têm visões políticas opostas.

A relação entre líderes e seguidores é estudada por Castro *et al* (2012), que colocam a interdependência como o cerne da questão. Para esses autores, a liderança é um contínuo que une líderes e seus seguidores, com polos que se interinfluenciam. Eles apresentam várias teorias de liderança que sustentam essa relação dual, a exemplo da teoria X e Y de McGregor, que consiste em explorar como diferentes estilos de liderança podem influenciar o comportamento dos seguidores, bem como diferentes demandas de liderados podem influenciar os estilos de lideranças adotados. Citando Kelley (2010), Castro *et al.* classificam os seguidores em cinco tipos: o conformista, o pragmático, o exemplar, o passivo e o alienado.

Focalizando mais especificamente a liderança política, Metz (2024) analisa os efeitos das perspectivas dos liderados sobre os líderes políticos, tendo aqueles um papel decisivo nas democracias moderna. Para esse autor, ainda faltam ferramentas conceituais e metodológicas adequadas na academia para analisar os motivos pelos quais os cidadãos seguem seus líderes, e qual é o papel dessa relação na política personalizada e na liderança política.

Ainda para Metz (2024, p.2), o sistema de crenças e a relação de confiança nos líderes é o que determina o comportamento dos seguidores: “estes aceitam mensagens políticas e são influenciados; eles reconhecem, capacitam e elegem líderes. No entanto,

também podem limitá-los ou controlá-los em determinadas circunstâncias (mobilização de oposição, resistência ou mudança de expectativas)”.

Segundo esse autor, seguir não é apenas um ato passivo ou de obediência. Envolve ação voluntária ou até mesmo proativa, na ausência de coerção, mesmo em um contexto em que possa haver manipulação. As pessoas seguem líderes políticos porque acreditam que é a coisa certa e/ou necessária a fazer.

Para nossa pesquisa a reflexão de Metz (*idem*) é muito importante, servindo de guia para nossa pesquisa com os seguidores de Lula e de Bolsonaro, oferecendo uma oportunidade de entender fenômenos como o da polarização política atual no Brasil, bem como sobre a força das duas *personas* políticas partindo de informação e produção de dados sobre seus seguidores.

Quando falamos da relação entre líderes e seguidores no contexto político, é também importante levar em consideração a questão da liderança carismática, abordada por Sell (2013) em sua análise do populismo na América Latina a partir da teoria weberiana, na qual define esse fenômeno como um subtipo de dominação carismática, enfatizando a relação emocional entre líder e povo. Esse autor argumenta que o populismo não é um fenômeno transitório, possuindo múltiplas orientações ideológicas (nacionalismo, livre mercado, bolivarianismo), devendo sua análise, portanto, ir além da baseada em classes sociais, considerando o carisma como fator central.

Também de inspiração weberiana, Laureano (2020), destaca que o conceito de carisma pode também ser mobilizado para analisar a conexão emocional entre líderes e seguidores, contribuindo para entender a capitalização, consolidação e rotinização da dominação de *personas* políticas em sistemas democráticos.

Na discussão sobre populismo, que pretendemos mobilizar para a análise aqui proposta, a definição de Laclau é fundamental. Para ele, o populismo tem uma lógica política sem conteúdo específico, o que significa que ele não está vinculado a ideologias de direita ou esquerda, ou a valores bons ou ruins. Ele é uma maneira de construir o político, criando uma divisão simbólica entre "o povo" e "o outro".

Segundo Nascimento (2018), Laclau critica a abordagem tradicional do populismo, que o trata de forma desfavorável, associando-o à irracionalidade e à

degeneração política. Ele argumenta que o populismo foi confinado ao “impensável” pela ciência política tradicional e que sua lógica é subestimada.

A partir da chave do populismo, alguns autores analisam o bolsonarismo. Cyril Lynch e Paschoeto Cassimiro (2021), por exemplo, pensando o termo populismo como polissêmico, argumentam que esse fenômeno pode ser associado a líderes políticos tanto de esquerda quanto de direita, como Chávez/Maduro, Orbán, Duterte, Trump, Marine Le Pen, Matteo Salvini, e Nigel Farage. Esses autores definem três fontes do populismo reacionário no Brasil: o regime militar; o Lulismo às avessas; e o Trumpismo. A percepção dos autores é que o bolsonarismo se baseou na imagem do regime militar como o exemplo do que seria positivo, em sua definição de resistência contra o comunismo. Na performance midiática de sujeitos sociais antissistema, o bolsonarismo teve como uma inspiração significativa a imagem do governo Trump.

Na linha das abordagens do bolsonarismo usando o conceito de populismo, trazemos também a contribuição de Silva e Lopes (2021), que focalizaram a retórica do populismo autoritário mobilizada por Jair Bolsonaro, analisando suas declarações e as manifestações de apoio ao seu governo durante a pandemia de COVID-19.

Para os supracitados autores, a expressão "populismo" pode ser usada na análise política contemporânea para descrever uma ampla variedade de fenômenos e líderes políticos, abrangendo diferentes comportamentos e objetivos. Vejamos o que eles dizem sobre esse ponto:

A análise política contemporânea tem se valido da expressão “populismo” para diversos fenômenos e líderes políticos. Governantes que controlam ou pretendem controlar a alta dos preços e os movimentos da economia, outros que objetivam aumentar o gasto público, outros ainda que se mostram favoráveis aos reclames diretos de seus eleitores, apostando em uma comunicação mais direta com as massas, ou mesmo atuais negacionistas da pandemia de COVID-19: todos estes, de uma forma ou de outra, são nomeados como “populistas”. (Silva e Lopes, 2021, p.127)

Para Silva e Lopes (2021), Bolsonaro utilizou uma retórica que colocava o "povo", nesse caso, os seus apoiadores, contra as instituições democráticas, como o STF e o Congresso Nacional, reforçando a ideia de que seus inimigos estavam dentro do próprio Estado. Com frequência invocava o apoio do "povo" e das "Forças Armadas" para legitimar sua autoridade e rechaçar a interferência de outros poderes, intensificando

a tensão com as instituições democráticas, sendo mobilizada uma retórica autoritária e populista.

Silva e Rodrigues (2021) examinam o populismo de direita de Bolsonaro, mostrando como seu governo mistura nuances de autoritarismo, de conservadorismo e de neoliberalismo, utilizando a noção de "povo" como uma ferramenta para unificar diferentes grupos sociais em torno de uma identidade comum, baseada em valores conservadores e nacionalistas. Para esses autores, Bolsonaro incorporou pautas de segurança pública e moralidade conservadora, incluindo a defesa do porte de armas, a crítica aos direitos humanos, a hostilidade em relação a minorias raciais e sexuais, criando assim um canal de expressão e de identificação dele com sujeitos sociais que compartilham essas concepções e preocupações.

Ainda de acordo com Silva e Rodrigues (2021), Bolsonaro também se apoia na retórica anticorrupção, punitivista e neoliberal, articulando uma ideia de meritocracia, definindo o "cidadão de bem" como alguém que, por seu próprio mérito, não depende do Estado. Esse discurso é amplamente aceito por uma classe média que se vê como moralmente superior e ameaçada pelas políticas dos governos de orientação à esquerda anteriores, que teriam favorecido minorias em detrimento dessa suposta "maioria silenciosa". A ideia de Silva e Rodrigues (2021) acerca do populismo de Jair Bolsonaro fica clara no trecho que citamos a seguir:

A ideia é que o *cidadão de bem*, entendido como *self-made man* em potencial, caso tenha mérito, não precisa do auxílio do Estado, ao contrário, é por este prejudicado na medida em que é obrigado a sustentar, via tributos, uma série de vagabundos (beneficiários de políticas assistenciais), corruptos e demais privilegiados (minorias que de algum modo se beneficiam ou poderiam se beneficiar das políticas de ação afirmativa). (Silva e Rodrigues, 2021, p. 92-93)

Para Maitino (2020), a adesão à liderança de Bolsonaro se constrói com base em sua proposta de resgatar antigos símbolos e ideias do conservadorismo brasileiro, que nunca desapareceram completamente da política do país. Para esse autor, o populismo bolsonarista em vez de propor mudanças econômicas significativas ou atacar o neoliberalismo, se concentra em questões culturais e identitárias com o intuito de mobilizar o apoio popular, atribuindo a culpa dos problemas do Brasil a políticas "socialistas" e à corrupção, que ele atribui a Lula e ao PT, e mobilizando símbolos populares para viabilizar seu discurso contra o Estado.

Para Pinheiro-Machado e Scalco (2018), os governos de Lula e Dilma trouxeram uma ampliação das oportunidades de consumo para as classes mais baixas, o que gerou um sentimento de inclusão e esperança. Segundo esses autores, com o colapso econômico e a crise política subsequente, essa esperança deu lugar ao ressentimento e ao ódio, sentimentos que explicam a adesão de jovens e outras camadas da população ao discurso conservador e autoritário representado por Bolsonaro.

Focalizando a percepção de jovens da periferia de porto alegre (RS) sobre política, Pinheiro-Machado e Scalco (2018) argumentam que as transformações naquela não surgem de forma repentina, e nem são simplesmente lineares ou excludentes. Elas se observam de forma contínua, nos espaços em que esperança e ódio se entrelaçam.

As autoras supracitadas argumentam que é preciso atentar as novas subjetividades políticas que emergem nos períodos de crise, nos quais os jovens, nesse caso especialmente os homens, passaram a admirar figuras autoritárias que prometem ordem e segurança em meio ao caos social e à perda de oportunidades que marcaram o período pós-governos de Lula e Dilma.

Ainda sobre o uso do conceito de populismo para explicar a força da liderança de Lula, Southier (2022) define aquele como um exercício macro de hegemonia, ou seja, uma ação que busca estabelecer ou manter a liderança, domínio ou influência de um grupo ou entidade, produzindo, seria então uma espécie de poder consensual e coercitivo na relação entre o *povo* e as *elites*.

Southier (2022) avalia o grau de populismo no lulismo, analisando a relação entre autonomia (mobilização popular e horizontal) e hegemonia (liderança institucional e vertical), através de uma investigação que se estende do início do governo Lula (2003) ao fim do governo Dilma (2016), além de incluir também uma pesquisa empírica junto ao Movimento Lula Livre, em Curitiba, em maio de 2018.

Para Southier (2022, p.72), o populismo pode ser definido como: ‘uma relação hegemônica de articulação de demandas em que se sobressai o papel do símbolo populista, o significante vazio que “solda” a rede equivalencial, representada como o “povo”, ou a *plebs* que se reivindica como o *populus*, o povo legítimo’.

Essa autora busca entender o lulismo em sua interface com o petismo, de maneira geral, como um projeto hegemônico de longo prazo do PT, partindo da

teorização de Gramsci. A tese sugere que, ao longo do tempo, a dimensão vertical de hegemonia e da institucionalização se sobrepôs à dimensão horizontal de autonomia e mobilização popular. E em virtude desses acontecimentos houve um enfraquecimento da articulação autônoma com a sociedade resultando em um populismo de esquerda passivo e, de certa forma, decadente, ao apostar em táticas e estratégias contraditórias e conciliatórias. Isso torna o lulismo um populismo que, apesar de ser progressista em certos aspectos, não radicaliza e, ao evitar o confronto, uma postura radical ou confrontadora em relação às estruturas de poder e às elites abriu espaço para a ascensão de um populismo de extrema direita no Brasil.

Com essa autora, é possível compreender que de alguma forma, apesar de serem vistos como opostos, o lulismo e o bolsonarismo se retroalimentam. Os problemas estruturais não resolvidos pelos governos do PT forneceram o material para o ressentimento que foi mobilizado por Bolsonaro para e legitimar como líder populista de extrema direita *antistablishment*.

Os movimentos lulista e bolsonarista, portanto, exemplificam diferentes manifestações do populismo contemporâneo. Esse comportamento pode ser notado na maneira como ambos os movimentos basearam em uma conexão direta com o eleitorado, utilizando uma retórica que se opõe às elites e às instituições tradicionais para consolidar o apoio popular. A percepção é de que enquanto o lulismo é marcado por um populismo de esquerda, focado na inclusão social e na redução das desigualdades, o bolsonarismo se caracteriza por um populismo de direita, que apela ao conservadorismo e ao nacionalismo. O que ambos os movimentos têm em comum? Revelam como o populismo molda o cenário político brasileiro, polarizando a sociedade e desafiando as instituições democráticas.

Além do populismo como chave teórica para a compreensão da lideranças política, trazemos também as contribuições da teoria da personalidade autoritária, desenvolvida por Freud e posteriormente expandida por outros pensadores, como Adorno (1950) e seus colegas na obra "The Authoritarian Personality", utilizada para analisar fatores que determinam a adesão a líderes de perfil autoritário. Essa teoria pode ser usada para entender vários movimentos políticos atuais no Brasil e no mundo, como o lulismo e o bolsonarismo, temas dessa dissertação. É importante destacar, que ambos os movimentos têm uma liderança carismática, e o bolsonarismo um movimento que atrai pessoas com tendências à submissão mediante figuras autoritárias.

No texto de Adorno acima citado, baseado em uma pesquisa empírica realizada pelo autor entre 1945 e 1948 nos estados unidos, o autor estuda a relação entre os reflexos da discriminação social e o surgimento do tipo antropológico chamado de "homem autoritário". O texto destaca que este tipo de indivíduo combina características de uma sociedade industrializada com crenças irracionais. Para o autor, esse tipo antropológico é esclarecido e supersticioso, individualista e submisso a líderes autoritários.

O homem autoritário, ou tendente ao autoritarismo, como definido por Adorno (*idem*), apresenta uma série de contradições dele constitutivas: ele é, ao mesmo tempo esclarecido e supersticioso; individualista e submisso à autoridade

O estudo de Adorno (1950) visa entender os fatores socio-psicológicos que fazem do tipo autoritário uma ameaça ao tipo democrático e individualista. Vale destacar que a pesquisa foca no indivíduo potencialmente fascista, explorando como certas convicções econômicas, políticas e sociais são expressões de tendências profundas na personalidade.

Outro autor que discute a relação entre líderes políticos e seguidores usando a chave da psicanálise é Cavalcanti (2023). Ele aborda líderes com personalidades autoritárias e como esses influenciam grandes massas, focalizando a ditadura militar no Brasil e a eleição de Jair Messias Bolsonaro, um presidente com ligações com as forças armadas.

De acordo com Cavalcanti (2023, p.3), líderes com traços de personalidade autoritária:

costumam apresentar atributos que os tornam atraentes para as massas, como forte senso de autoconfiança, superioridade e atitude autoritária, que criam um ar de confiança levando a uma falsa sensação de segurança, gerando obediência e medo que lhes permite controlar a população.

Ainda sobre a contribuição de Adorno para a compreensão da relação entre líderes políticos autoritários e seus seguidores, Bordin e Dias (2024) focalizam a interface entre o radicalismo de direita e a personalidade autoritária. Esta seria, para o teórico crítico citado, um traço cultural das sociedades capitalistas e democráticas modernas, sendo ancorada no modelo socioeconômico capitalista.

Bordin e Dias (2024) descrevem as características da personalidade autoritária: a primeira delas seria a *conformidade*. De acordo com o pensamento de Adorno, a obediência às regras e padrões normativos socioculturais é um sinal de conformidade. Pessoas com personalidade autoritária e atraídas por líderes políticos autoritários geralmente aceitam essas normas; uma segunda seria a prontidão para a submissão de forma acrítica às ordens e instruções de figuras de autoridade; uma terceira seria a *agressividade*, geralmente dirigida contra indivíduos ou grupos considerados inferiores ou ameaçadores à ordem existente. A atitude agressiva é uma maneira autoritária de manter a coesão social; uma quarta, uma forte inclinação para o *pensamento rígido*, o que resulta em dificuldades para lidar com ambiguidades e uma inclinação para categorizar coisas de forma dicotômica; e a quinta o *preconceito*, uma tendência para perpetuar preconceitos sociais, étnicos e raciais. Indivíduos autoritários frequentemente demonstram animosidade em relação a grupos marginalizados ou minorias, sustentando assim a exclusão social.

Segundo Bordin e Dias (*idem*), Adorno postulou que a personalidade autoritária frequentemente se desenvolve em ambientes familiares rígidos e hierárquicos, onde o respeito à autoridade é fortemente enfatizado. Além disso, fica evidente que o contexto socioeconômico capitalista moderno, com suas hierarquias e competitividade, contribui para a formação e perpetuação dessa personalidade. A estrutura social reforça esses traços, moldando comportamentos e atitudes desde a infância, ornando os sujeitos sociais suscetíveis de aderir a líderes políticos que fundamentam sua *persona* política em ideologias fascistas e nacionalistas.

Para pensar com Adorno as relações entre sujeitos sociais e líderes políticos de orientação fascista, Della Torre (2020) em seu texto nomeado *Com quantos paus se faz uma canoa? Notas sobre A personalidade autoritária* explora a conexão entre o fascismo e a psicologia social, analisando como características individuais e disposições autoritárias podem predispor uma sociedade ao fascismo. Para ela, o fascismo não é apenas um conjunto de proposições políticas, mas também uma mentalidade subjacente que se manifesta na sociedade, independentemente da classe social, encontrando-se no Brasil contemporâneo, onde, embora não haja milícias organizadas, um partido fascista de massa ou uma perseguição racial declarada, muitos elementos característicos da ideologia política supracitada, a exemplo da erosão da democracia, suspensão de

direitos civis, e a perseguição de opositores, podem ser identificados no bolsonarismo, mesmo que ele não se encaixe perfeitamente no "tipo ideal" de fascismo.

Seguindo pelo caminho de Della Torre (2020), Cêpeda (2018) também utiliza o conceito de personalidade autoritária de Adorno para explorar as bases psicossociais que sustentam a nova direita no mundo e no Brasil, produzindo no campo da política e dos costumes uma ênfase na hierarquia, na ordem e na naturalização de desigualdades.

Ainda na esteira das contribuições de Adorno, Costa (2019) destaca o conceito adorniano de *clima cultural geral* para descrever a influência ideológica difundida pelos meios de comunicação, que afeta tanto indivíduos com alta quanto baixa pontuação em tendências autoritárias. Além dessa contribuição do autor que lhe inspira, ela destaca os conceitos de expropriação pulsional para controle social, a dessublimação das pulsões agressivas, e a fraqueza do ego (Costa, 2019).

A *expropriação pulsional para controle social*, refere-se ao processo pelo qual as pulsões, ou seja, os impulsos e desejos individuais são reprimidas ou redirecionadas para servir aos interesses do controle social. Em um ambiente autoritário, os impulsos que poderiam desafiar a ordem estabelecida são suprimidos, e o comportamento é moldado de forma a manter a conformidade e a obediência (Costa, *idem*).

A *dessublimação das pulsões agressivas*, é o processo inverso da sublimação, através do qual os impulsos não são canalizados para atividades socialmente aceitáveis, mas são liberados de maneira direta. Em contextos/climas culturais autoritários, as pulsões agressivas podem ser encorajadas ou permitidas, de maneira que favoreçam o controle social, traduzindo-se em atitudes preconceituosas ou violentas contra grupos específicos (Costa, *idem*).

Costa (2019) destaca também como o ego se enfraquece totalmente em contextos autoritários, permitindo que o *superego*, a parte da psique que representa a internalização das normas sociais, reassuma um papel central, reprimindo ainda mais os impulsos individuais e reforçando a conformidade com normas autoritárias.

O exposto até agora se relaciona como os objetivos de nossa dissertação na medida que nos guiou no levantamento de informações sobre os estilos de liderança e de ser liderados no atual campo político nacional, mediando nossa análise através do conceito adorniano de *clima cultural geral*.

Tanto o lulismo quanto o bolsonarismo criaram ambientes culturais distintos que moldaram suas bases: o lulismo, com ênfase na inclusão social e combate à pobreza; o bolsonarismo, com um discurso de moralidade conservadora e combate ao "inimigo" (comunismo, corrupção).

Como veremos no capítulo de análise dos dados a seguir, a interface entre psicanálise e política discutida na tese de Costa (2019) será um dos nortes para a compreensão da relação entre *personas* políticas de Lula e de Bolsonaro com seus seguidores, destacando-se os conceitos de formação do ego, as repressões e sublimações discutidas por Costa (2019), úteis para analisar como lideranças políticas moldam o inconsciente coletivo de seus seguidores, reforçando comportamentos autoritários ou paternalistas.

CAPÍTULO 3 – PERCEPÇÕES SOBRE LULA E BOLSONARO: AS NARRATIVAS DOS ENTREVISTADOS

Neste capítulo analisamos as percepções dos entrevistados sobre Lula e Bolsonaro, com foco em como esses líderes políticos são compreendidos e avaliados por seus apoiadores. A obtenção das informações aqui trabalhadas se deu através da realização de entrevistas semiestruturadas com uma amostra intencional de lulistas e bolsonaristas, constituída através da frequência a eventos promovidos por entidades que congregam os adeptos de Lula e de Bolsonaro e por indicações feitas pelos primeiros entrevistados. Nas entrevistas, seguimos um roteiro semiestruturado de questões², por meio das quais foram explorados temas diversos, tais como as percepções iniciais sobre cada figura, a identificação e a relação com as *personas* de Lula e de Bolsonaro, a avaliação de suas lideranças e ações dos respectivos governos, e o impacto de suas atuações na democracia e na identidade política brasileira.

A análise foi organizada em categorias temáticas, que permitem destacar padrões e singularidades nas narrativas dos entrevistados. Neste capítulo trazemos trechos selecionados das falas coletadas, os quais ilustram as interpretações, dando centralidade às vozes dos participantes das amostras de apoiadores dos dois personagens políticos aqui focalizados, buscando evidenciar como as percepções dos indivíduos entrevistados sobre Lula e Bolsonaro refletem contextos históricos, sociais e emocionais, refletindo as bases ideológicas, simbólicas e imaginárias do lulismo e do bolsonarismo no cenário político brasileiro contemporâneo.

A seguir, cada categoria será explorada em detalhes, com trechos selecionados das entrevistas que ilustram os pontos-chave levantados.

3.1 Percepções Iniciais

Logo de início, com o intuito de desbloquear memórias, perguntei aos entrevistados sobre a primeira vez que eles ouviram falar de Bolsonaro e Lula. Essa pergunta acabava por abrir o direcionamento da entrevista para outras indagações relacionadas, tais como: Qual foi a sua impressão inicial? O que mais chamou sua atenção?

² Anexo 1

Vejam os alguns trechos das falas dos entrevistados que apoiam o presidente

Lula:

Eu ouvi falar de Lula pela primeira vez durante as greves do ABC Paulista, final da década de 70. Eu estava entrando na universidade, entrei em 1980, as greves foram em 79, naquele momento de revolução do movimento sindical brasileiro, a coisa da renovação sindical, enfim. E o Lula como líder disso. A primeira vez que eu vi o Lula pessoalmente foi antes da fundação do PT. Ele ainda como líder sindical, ele foi à Brasília, eu morava em Brasília, estava no UNB, em 1980 mesmo, e fez uma palestra lá no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, me lembro até hoje. Eu fiquei muito impressionado com a inteligência, com a sua percepção e, evidentemente, com o seu carisma. Então, essa foi a primeira vez, em 1980. (A1)

A primeira vez que eu ouvi falar de Lula foi em 1977 ou 1978, quando eu entrei na universidade. Não lembro bem, mas foi em relação à questão da greve dos metalúrgicos, foi em 77, né? E é o que se comentava dentro da universidade. Minha impressão inicial foi de que era um trabalhador como outro qualquer que estava lutando pelos seus direitos e pelos direitos dos metalúrgicos, e depois o que foi me chamando a atenção foi quando a gente ficou sabendo nos discursos, nas falas, que ele não tinha terminado um curso superior, então eu ficava pensando: como é que ele conseguia fazer aqueles discursos arrojados, aqueles discursos cheios de informações, como é que ele conseguia negociar com os patrões lá em São Paulo sem ele ter sequer ter feito um curso de graduação? Então eu achava isso muito interessante, me chamava muito a atenção. Essa questão aí dele ter condições de negociar, de comandar, digamos assim, de dirigir aquele sindicato, e de fazer aqueles discursos sem ter estudado para isso. Está entendendo? (A2)

Eu era muito jovem ainda, mas já tinha uma militância nos movimentos aqui de Campina Grande, movimento popular, movimento sindical, e comecei a admirá-lo a partir da participação dele nos movimentos sociais, no movimento sindical, que começou no ABC, e ele foi uma grande liderança, foi o fundador do sindicato, foi o estimulador, conseguiu motivar aquele povo, do ponto de vista de participação, ele conseguiu criar as comissões dentro das fábricas, que chamavam de comissões de base. (...) então isso me chamava muita atenção, e foi crescendo a minha admiração por ele, fui observando aquela luta, também na participação dele pela democratização do país (...) Então Lula, pra mim, é uma pessoa, a verdade que, eu vou dizer assim, tem lulistas e petistas, eu sou petista, né? Eu acho que o lulismo, essa história do Lula, Lula, Lula, isso atrapalha um pouco, só Lula, sabe? Porque, por exemplo, o presidente, ele não pode tomar decisões sozinho, né? (A3)

Olha, a primeira vez que eu tive contato com a figura de Lula foi na juventude, ele como líder sindical. Ele já era do PT, ele já era presidente de honra do PT, ele já era a maior liderança pública do PT, mas ele se destacava, a figura dele como liderança sindical, até o final dos anos 90, começo dos anos 2000 e a grande referência que a gente tem de Lula, mesmo que ele já tenha disputado eleição presidencial perdida, como foi em 89, 94, 98, mas a principal figura, a imagem que eu tinha dele na juventude, era de líder sindical, era um metalúrgico, um trabalhador que veio da luta sindical, do movimento sindical, quando ele foi no PT, e aí o PT se tornou o maior partido de esquerda do Brasil, e ele como principal referência. Mas assim, na época da minha juventude, quando eu olhava para o Lula, eu olhava a imagem de um líder sindical, aí depois ele foi presidente, aí a gente tinha mais aquela referência presidencial. (A4)

Desde os anos 80 com as grandes greves do ABC quando Lula se destacou como grande liderança sindical que comandou grandes greves e que

enfrentou o Regime Militar. Nessa época Lula já despontava como grande líder nacional e internacional. O que mais me chamou a atenção foi: Sua resiliência, sua capacidade de liderar e consciência de classe. (A5)

Entre os apoiadores do presidente Lula entrevistados, há um consenso: todos os entrevistados da amostra de lulistas mencionaram ter conhecido ou ouvido falar de Lula inicialmente por seu papel como líder sindical no ABC Paulista e sua atuação nas greves de trabalhadores, nas décadas de 1970 e 1980. Todos também destacaram a capacidade de liderança de Lula e sua habilidade de mobilizar trabalhadores em massa, muitas vezes ressaltando seu carisma e resiliência como atributos marcantes.

Ao longo de sua trajetória, Lula conseguiu se estabelecer como um líder, de certa forma, orgânico, pois sempre esteve profundamente enraizado nas lutas trabalhistas e nas necessidades do povo. Os apoiadores de Lula, conforme revelado nas entrevistas, destacam que sua identificação inicial com o presidente se deu por sua atuação como líder sindical, o que demonstra sua capacidade de se conectar com as bases e interpretar suas demandas. Ao contrário dos líderes criticados por Gramsci (2023a), que se distanciam das massas e se tornam burocráticos, Lula manteve um diálogo constante com os trabalhadores, trabalhando para superar a alienação e construir uma relação sólida de confiança e solidariedade.

Essa proximidade não apenas fortaleceu sua liderança, mas também possibilitou a mobilização de um amplo apoio popular, refletindo a importância de uma liderança comprometida com a educação e a conscientização das massas. Esses são pontos que ecoam nas falas dos entrevistados mediante as perguntas foram sendo feitas.

Destacamos a seguir um trecho da entrevistada de A3, no qual se encontra a linha de admiração pela trajetória de Lula, mas também uma crítica reflexiva sobre o que ela define como um foco excessivo em sua figura individual, destacando a importância da luta coletiva:

Então Lula, pra mim, é uma pessoa. A verdade que, eu vou dizer assim, tem lulistas e petistas. Eu sou petista, né? Eu acho que o lulismo, essa história do Lula, Lula, Lula, isso atrapalha um pouco, só Lula, sabe? Porque, por exemplo, o presidente, ele não pode tomar decisões sozinho, né? (...) Era um conjunto, não era uma pessoa. Não era uma pessoa, era um conjunto. (A3)

Este trecho indica uma fricção na relação entre apoiadores e a liderança carismática de Lula, aparecendo a apologia do papel do coletivo nas transformações sociais, uma questão central em movimentos políticos e sindicais.

Vejam agora as falas dos entrevistados apoiadores do ex-presidente Bolsonaro, em relação ao questionamento sobre como foi seu primeiro contato com o político:

Eu achei ele ... muito ... muito ríspido, assim, o jeito de falar. A primeira imagem que eu tive foi justamente essa, a de uma pessoa sem paciência, não sei se consigo adjetivar, mas foi um jeito mais incisivo de falar, mais firme. Acho que é esse modo firme de falar. E eu não o conhecia como parlamentar, não sabia da existência dele. Algumas pessoas, como o meu marido, que já o conhecia, já tinha ouvido falar, mas eu nunca tinha ouvido falar nele como deputado, como nada. Então, foi a primeira vez, e eu pensei: Quem é essa pessoa com esse posicionamento tão firme e que eu nunca tinha ouvido falar? Então, isso foi o que me chamou a atenção. Mas ainda nessa época eu não o seguia, não passei a admirá-lo, a partir daí não. Só tive conhecimento. Passei a segui-lo, passei a admirar a partir de 2017. (B1)

A primeira vez que eu ouvi falar sobre Bolsonaro foi porque eu sempre gostei muito de política, acompanhava, eu já acompanhava as bravatas dele no congresso, ali na Praça dos Três Poderes, as falas, inclusive, eu até já ventilava para minha esposa dizendo: Esse cara vai ser presidente do Brasil! Justamente essa, como impressão inicial, era a de um cara que falava o que o brasileiro precisava, queria dizer, precisava ouvir e a sinceridade dele, a forma com ele falava, sem polir as palavras, sendo muito direto na posição de deputado, era uma coisa que o brasileiro estava precisando naquele momento. Era uma característica. Era uma característica que chamava muito a atenção para a política que a gente tinha na época, aquela coisa engomadinha, faceira, e aí essa marca dele foi o que realmente chamou a atenção. (...) Na verdade o seu discurso contundente, direto, sincero, sem polir palavras, que eu acho que é o que a gente mais precisa no Brasil hoje, a gente não tem essa característica de polir, de dar a volta para dizer o que é verdadeiro. Então, tanto que hoje a gente percebe que o brasileiro está muito arredio com essa postura, chamando de uma pessoa assim, de uma pessoa belicosa, de uma pessoa rebelde, quando na verdade é o que o político deve ser, sincero, objetivo e direto no seu discurso. Eu acho que essa foi a marca mais importante do então deputado Bolsonaro, e também com vereador. (B3)

Não me lembro com detalhes da primeira vez que ouvi falar de Bolsonaro, mas sei que faz bastante tempo já. A primeira percepção que tive foi a de que era alguém de coragem, que não era moldado pelos padrões do politicamente correto e isso, com toda certeza, fez a diferença na minha percepção. (B5)

Entre os apoiadores do ex-presidente Bolsonaro entrevistados, apareceu com destaque a forma, a firmeza, sinceridade ou o comportamento contundente como um aspecto marcante em suas primeiras percepções da persona do referido líder. O ponto interessante é que essa característica foi interpretada de maneiras diferentes: ora como algo positivo e corajoso, ora como algo ríspido ou agressivo.

Nos trechos das entrevistas acima trazidos chama a atenção a ênfase que alguns dos entrevistados deram nos comentários sobre seu primeiro contato à impressão de autenticidade de Bolsonaro, apontando que ele se diferenciava por não seguir o "politicamente correto", ou seja, os padrões tradicionais dos políticos. Comparando com os entrevistados lulistas, não se observa nas falas acima a alusão a algo que o líder tenha feito, mas a características como a firmeza, a bravata, a contundência do jeito de falar. De acordo com as falas dos entrevistados apoiadores de Bolsonaro, nos primeiros contatos os seus apoiadores se identificavam com o modo de ser do líder e não com algo pelo que ele pudesse ser reconhecido como uma forma de atuação política, projetos parlamentares.

A descrição da fala de Bolsonaro como não tendo polidez, por alguém que o segue pode indicar o que Adorno (1950) interpreta como a atração exercida por personalidades autoritárias.

Vejamos as falas de mais dois entrevistados:

Vamos lá, a primeira vez que eu ouvi falar de Bolsonaro foi em 2014, devido a uma entrevista que ele deu ao antigo e finado programa CQC, da qual cortaram parte da entrevista em que ele tinha aparentado que tinha dado uma resposta racista. Então, assim, em um primeiro momento eu me horrorizei, até porque colocaram no YouTube, que tinha o deputado brasileiro nazista, alguma coisa assim, e aí, devido ao título, eu fui procurar, até porque hoje em dia não cabe mais isso, a gente não tem espaço para... pessoas intolerantes a esse nível. Eu fui ver se realmente era verdade, pois aquilo lá era um absurdo. (...) Fui pesquisando sobre o mesmo, fui vendo entrevistas passadas, que eu vi que não tinha nada disso, pelo contrário. Muito do que ele defendia, pelo contrário, ele não tinha nada de nazismo, ele defendia era o povo judeu (..) antes eu não tinha ouvido falar sobre o presidente Bolsonaro, tive que pesquisar a fundo. E graças a essa entrevista do CQC, que tinha a intenção de 'queimar' o deputado na época, o presidente Bolsonaro. Só que saiu pelo contrário. Foi efeito contrário. (B2)

Em relação ao Jair Bolsonaro eu não lembro muito bem qual foi a primeira vez que eu vi ele na TV ou nas redes sociais, mas a vez que ele se apresentou mais emblemático para mim foi em 2012, no CQC, que era um programa da Band que fazia diversas entrevistas com políticos e fez uma entrevista com ele e trouxe à tona alguns comportamentos dele na Câmara dos Deputados (...) e aí na forma como ele conduziu a situação, eu me identifiquei com a fala dele e com o discurso dele naquele momento e outros discursos, aí eu fui me coagulando com ele, eu simpatizei com o jeito dele, pra época, pra minha mentalidade da época ele parecia um herói porque não existia outra pessoa no meio político que falasse como ele falava, que se portasse com ele se portava e que se manteve tão coerente naquele momento, então, eu criei ali, naquele momento, uma grande admiração por ele, ali no início de 2012, graças ao programa CQC que deu uma visibilidade a ele. (B4)

Existe uma similaridade na fala desses dois entrevistados, B2 e B4, citam que tomaram conhecimento da figura de Bolsonaro por meio de matérias vinculadas no programa humorístico CQC, que buscava destacar aspectos polêmicos de sua atuação política. Apesar da similaridade, cada um teve a sua interpretação diante da exposição do então deputado no programa.

As falas dos entrevistados B2 e B4 destacam como a mídia, incluindo programas televisivos como o CQC, desempenhou um papel crucial na construção da visibilidade de Jair Bolsonaro e na formação de sua base de apoio. Apesar da intenção inicial de criticar ou expor comportamentos controversos, como mencionado por B2, o efeito produzido foi o oposto: Bolsonaro conseguiu ressignificar as críticas, transformando-as em um espaço de reafirmação de suas ideias e postura política, o que levou muitos a simpatizarem com ele, como evidenciado em B4.

Essa dinâmica se relaciona diretamente com a análise de Bispo *et al.* (2022), que apontam como a mídia pode, inadvertidamente, fortalecer movimentos populistas ao amplificar discursos e comportamentos que ressoam com setores específicos da população. A crítica direta e a exposição pública, especialmente quando moldadas em um tom polarizador, frequentemente reforçam o vínculo emocional entre o líder populista e seus apoiadores. Além disso, o uso das redes sociais para buscar conteúdos adicionais, como mencionado em B2, reflete o impacto da mídia digital em fornecer novas camadas de informação que, em vez de enfraquecer o discurso de líderes autoritários e próximos a modelos como o nazismo ou fascismo, podem contribuir para o validar.

3.2 Identificação e Relação Pessoal

Nesse bloco foram feitas perguntas nesse direcionamento: Como você descreveria sua percepção sobre Bolsonaro/Lula? Você o vê principalmente como um líder, uma inspiração ou de outra forma? Há algo na trajetória de vida de Bolsonaro/Lula que você considera importante ou inspirador para sua própria história?

O intuito dessas indagações foi o de tentar captar como as trajetórias de vida de Lula e Bolsonaro são percebidas pelos seus apoiadores, buscando assim, explorar a relação pessoal que cada indivíduo tem com o líder político e potencializar a reflexão sobre como suas ações e ideais ressoam na vida das pessoas que os apoiam.

Vejam os trechos de maneira detalhada:

Eu votei em Lula todas as vezes em que ele se candidatou à presidência da república. Sou filiado ao PT desde 1987, certo? Eu acompanho o Lula como um líder político, como referência política e há alguns atributos em relação a isso: primeiro, a capacidade de liderança que ele tem, as vitórias que ele conseguiu no movimento sindical, mudando a classe trabalhadora brasileira, em determinado momento, né? E como se diz, o carisma, o Lula é uma pessoa extremamente carismática, extremamente inteligente, ele tem uma inteligência política muito fina, e claro, a minha percepção é enquanto líder político, enquanto referência de liderança, o primeiro pobre a ser eleito presidente da república no Brasil, é um cara que tem uma história de vida extraordinária, passou fome, passou sede quando criança, tem uma história de vida, não sei se você leu as biografias, deve ter duas ou três, uma autorizada (essa virou filme) então é uma vida muito dura, pra mim é um modelo de líder político em função desses atributos. Então a trajetória de vida é isso, uma criança pobre, retirante nordestino, foi para São Paulo, né? Lá se tornou líder sindical e revolucionou o sindicalismo brasileiro, então é por aí... (A1)

Eu vejo Lula como um grande líder, como uma referência, uma grande referência para os trabalhadores e para as trabalhadoras, para quem defende os direitos humanos, pra quem defende a solidariedade, para quem se preocupa com o próximo. Pra mim Lula é essa inspiração. Essa preocupação de Lula sempre com as pessoas, isso é muito forte, na minha percepção, né? E eu acho que assim na trajetória de Lula, que eu considero bastante inspirador, também o fato dele acreditar na luta, né? De ele entrar na luta e não mais sair e incentivar outras pessoas e organizar e não se limitar apenas a questão sindical, né? Mas se juntar com outras pessoas, fundar um partido político, fundar uma central de sindicatos. E por mais que ele tenha perdido algumas eleições, que ele tenha sido preso, que ele tenha sofrido tudo que ele sofreu ele continua na luta com a mesma intensidade, apesar da idade, apesar das doenças físicas que teve, continua na luta com a mesma intensidade. (A2)

Muitos fatos me chamam muito a atenção sobre o Lula. Eu tenho dito que Lula, para mim, é um ser humano humanizado. É um humanista, o maior humanista que nós temos. É um grande estadista e um humanista, porque ele sempre defende a pauta dos mais pobres. A gente vê, é um cara que respeita as diferenças, tem muito respeito pelas questões das mulheres, pela emancipação da mulher, pela emancipação do povo negro, pelo respeito aos índios, às terras indígenas. Isso me chama a atenção demais (...) eu o vejo como um grande líder político e também um grande inspirador. Ele inspira muito a sociedade, apesar de tudo, e apesar das dificuldades que ele enfrenta, mesmo assim ele consegue ser uma grande inspiração para muita gente. (A3)

Primeiro, Lula, na minha opinião, é a maior liderança política da história do Brasil. É a maior liderança política que esse país já concebeu. Eu acho que nós tivemos grandes lideranças políticas: Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek. Mas nada se compara à capacidade de mobilização popular que o presidente Lula tem. Um ponto especial aqui no Nordeste. Então, assim, a referência principal que eu tenho nele é essa dirigida, de uma pessoa que começou de baixo, pobre, retirante, que sai do interior do Nordeste, uma família fugindo da seca, que consegue trabalhar, se tornar uma liderança sindical e disputar o mundo institucional da política democraticamente (...). O deputado Lula conseguiu vencer o debate democraticamente, sem necessariamente pegar em arma. Venceu disputando eleição no voto, perdendo, aceitando o resultado. E lá na frente conseguiu vencer as eleições. Então isso, para mim, é a maior referência que eu tenho nele. É um cara que, democraticamente, chegou à presidência da República, apesar de tudo que

passou na vida. Então, assim, é a principal referência que eu tenho hoje na política. (A4)

O vejo como um grande líder com capacidade e inteligência suficiente de conduzir o país nos momentos bons e nos momentos mais difíceis. A resistência de Lula em enfrentar os seus algozes nos momentos mais difíceis, como foi o caso de sua prisão no Paraná, e não aceitar nenhum acordo até provar ao mundo a sua inocência e desmontar todo o esquema que montaram para destruí-lo. (A5)

Um ponto em comum entre os apoiadores do presidente Lula entrevistados foi seu destaque como uma liderança política excepcional e única no Brasil, enfatizando sua trajetória democrática e sua influência no cenário nacional. A4 destaca que: “Lula é a maior liderança política que esse país já concebeu”.

Também foi recorrente a alusão à resiliência de Lula diante das adversidades, sendo as situações usadas para ilustrar esse fato as perseguições políticas e a prisão. Dessa forma, a maneira como os entrevistados percebem Lula mediante essas situações é destacada como uma ‘inspiração’. A3 é taxativa ao dizer: “Lula, para mim, ele é um ser humano humanizado. É um humanista, o maior humanista que nós temos.”

Seguindo para os apoiadores do ex-presidente Bolsonaro, vejamos os trechos:

Atualmente ele é o maior líder que a gente tem da direita no nosso país. Então, a maior característica que eu acho dele é a humanidade. Ele é um ser humano. Um humano normal, que está sem paciência, com um monte de coisa que ele sabe mais do que a gente, que acontece lá na política do país, mas eu o acho como um ser humano, e o ser humano que não é de passar pano pra tudo, a gente se revolta, então eu me identifico muito com ele por conta disso, e eu o conheço. Já estive com ele algumas vezes, ele é exatamente aquilo, ele não é um personagem. Eu passei a admirá-lo muito mais por isso, ele é transparente, é um ser humano que está, sabe, cheio de tudo que a gente tem visto no nosso país, então isso me aproxima muito dele, essa questão dessa humanidade. (...) Além disso, ele se mantém reto. Ele tem o mesmo posicionamento, quando vai analisar retrospectivamente de 2014, que foi quando começou aquelas confusões com Maria do Rosário, então ele segue o mesmo posicionamento, os mesmos valores, dez anos depois. Ele se manteve reto no posicionamento dele, mostrando que ele é um político totalmente diferente dos outros. Ele sabe que ele vai perder popularidade, ele sabe que ele vai ganhar um monte de inimigo, mas ele defende aquilo que ele acredita que seja o certo. E nisso eu me identifico, é exatamente como eu me sinto, como eu sou, eu me identifico demais com ele, porque a gente sabe que vai gerar insatisfação de muitas pessoas, ele depende dos votos dessas pessoas, mas ele não fala nada para agradar quem quer que seja. Ele fala aquilo que ele acredita ser o certo. Ele é firme e ele não se desvia e não se associa à corrupção, já vasculharam a vida dele toda. (B1)

Um líder, para mim, ele tem que reconhecer até erros próprios e votar atrás quando esse erro é percebido. Bolsonaro tem muito disso. Bolsonaro, se você for olhar ele para um primeiro momento, no campo da defesa dos valores da direita, ok. Ele já se passava por direita. Porém, no campo econômico, ele tinha uma grande resistência. A questão das privatizações, livre mercado e esperança ainda do regime militar. A gente sabe o tanto que o regime militar

foi estatista. Então, no primeiro momento, como eu falei, ele era resistente. (B2)

Um político sincero, que não apresentou nada, nenhuma falha de conduta (...). Eu acho que essa percepção aí é o que interessa realmente, no momento, no desenvolvimento de Bolsonaro, no crescimento da pessoa do Bolsonaro, essa pureza aí na questão de corruptibilidade, né? Até então a gente não tinha isso, não constatava isso, isso foi o que mais chamou a atenção sobre ele. Eu acho que inicialmente foi um cara que trouxe esperança de dias melhores, com aquela postura contundente dele, objetiva, sincera, sem polidez. Foi um grande líder, eu acho que foi um grande líder, ainda é (...), mas eu acho que ele está numa, não sei se numa decrescente, eu costumo dizer que Bolsonaro está em um tipo de vislumbre. E sim, é um grande líder ainda, é uma inspiração pelo seu histórico passado, mas também eu diria que é uma placa de aviso. O poder, a visibilidade podem desnortear a pessoa. (...), mas acho positiva a coragem inicial que ele sempre apresentou de 'peitar' até mesmo o próprio partido, em algumas vezes, em votação no plenário, de votar contra o partido, e de crescer dessa forma independente, meio que independente, tendo essa coragem. E foi por causa dele, que eu coloquei o nome a vereador, vou acreditando que é possível você entrar na política e fazer um bom trabalho sem estar se 'sujando' com as pessoas, com os processos do sistema. Essa isenção da corruptibilidade. Espero que ele continue e volte para a sua postura inicial, para que a gente não tenha decepções aí para frente. (B3)

Atualmente eu vejo o Bolsonaro como uma figura política extremamente importante para o movimento de direita no Brasil, talvez a figura mais forte, pelo número de pessoas que ele consegue movimentar, na minha visão a maior figura política populista hoje no Brasil é já é Bolsonaro, Lula também é um cara gigante, nessa questão do populismo, mas eu vejo que ele não consegue mobilizar tanto quanto Bolsonaro consegue. (...) Hoje eu o vejo como uma ferramenta de manutenção de um movimento político, de um movimento ideológico. Ele é uma figura que mantém o movimento existindo. Eu não tenho essa adoração por ele, mas tenho uma grande admiração por tudo que ele fez no governo dele, especialmente resistindo a assédios do sistema, (...) algo que eu admiro em relação ao comportamento de Bolsonaro e que influenciou na minha história foi a forma como faz política (...) ele foi a minha primeira inspiração para entrar na política através do discurso dele, é um discurso simplista, mas que traziam valores e sentimentos que eu vejo como importantes e que eu me senti representado e eu senti que eu também poderia ser igual a ele, que eu poderia representar pessoas que pensam como eu penso, que é desejam um representante dessa forma. (B4)

Vejo Bolsonaro como alguém que incomoda o estamento brasileiro, ele também conseguiu quebrar um ciclo de uma 'pseudo' alternância de poder, por isso merece ser observado. Não consigo definir a minha visão sobre Bolsonaro, mas deixo claro que não estou em busca de um pai, como líder, não tendo histórico de assassinato, estupro, terrorismo, roubo, etc... já está melhor do que a média dos grandes nomes da política nacional. (B5)

Todos os apoiadores de Bolsonaro entrevistados o veem como uma figura importante ou central para o movimento de direita no Brasil. B1 elogia Bolsonaro por sua transparência e coerência ao longo do tempo, descrevendo-o como alguém que mantém os mesmos valores desde 2014, como destaca a fala: “Ele se manteve reto no posicionamento dele, mostrando que ele é um político totalmente diferente dos outros”.

Embora todos os entrevistados reconheçam Bolsonaro como uma figura central no conservadorismo brasileiro, as percepções variam entre admiração pela autenticidade, críticas a mudanças de postura e avaliações estratégicas sobre seu papel no movimento político. A diferença entre um olhar mais humano destacada por B1 e um mais pragmático observado por B4 e B5 é um ponto marcante nas análises.

Os entrevistados B3 e B4 ressaltam a postura do líder político, descrevem Bolsonaro como uma figura que desempenhou um papel inspirador em suas próprias decisões, visto que, ambos tentaram ingressar na carreira política³. Outro ponto interessante é quando B4 enfatiza que o discurso de Bolsonaro, apesar de simplista, trouxe valores e sentimentos com os quais ele se identificou de maneira profunda. De maneira complementar, para B3, esses valores mostravam que era possível “entrar na política e fazer um bom trabalho sem estar se ‘sujando’ com as pessoas e os processos do sistema”.

Ao analisar os dois grupos de entrevistados é perceptível a relação com os conceitos de dominação carismática de Weber e a teoria do populismo, questões mencionadas por Sell (2013) e Laureano (2020), destacando como o carisma atua como um elemento central na relação entre Lula, Bolsonaro e seus seguidores.

Ao analisar as falas de A1: “Lula é uma pessoa extremamente carismática, extremamente inteligente, ele tem uma inteligência política muito fina”; e de B1: “Bolsonaro é transparente, é um ser humano que está, sabe, cheio com tudo que a gente tem visto no nosso país, então isso me aproxima muito dele”, percebemos que tanto Lula quanto Bolsonaro exemplificam a capacidade de mobilizar suas bases através de traços carismáticos que transcendem alianças partidárias ou interesses de classe. Inclusive esse é um ponto que Sell (2013) destaca, de como o carisma é central no populismo e como ele molda a relação emocional entre esses líderes e seguidores.

Para Sell (2013), o carisma no populismo não se limita apenas ao apelo inicial de um líder, mas é sustentado por narrativas que destacam sua força de caráter. Nesse ponto, percebemos que, tanto Lula quanto Bolsonaro são apresentados como figuras resilientes que enfrentaram adversidades significativas, o que fortalece seu status

³ os entrevistados em questão, almejavam o cargo de vereador e disputaram as eleições municipais de 2024, ambos não obtiveram sucesso

carismático e legitima sua liderança, essa percepção ecoa em diversas falas ao longo das entrevistas.

A partir de Laureano (2020), que explora especificamente o conceito de dominação carismática de Max Weber em regimes democráticos, é possível relacionar os elementos fundamentais do carisma com os perfis de liderança de Lula e Bolsonaro.

A liderança de Lula pode ser analisada por meio de sua resistência e persistência em momentos de crise. Por exemplo, sua postura durante a prisão no Paraná, quando se recusou a aceitar qualquer acordo até que pudesse provar sua inocência, exemplifica o que Laureano (2020) descreve como a necessidade de líderes carismáticos demonstrarem continuamente sua legitimidade.

A prova do carisma se manifesta na capacidade de enfrentar adversidades, consolidando a confiança dos seguidores. Conforme destacado nas falas de A5: "...a resistência de Lula em enfrentar os seus algozes nos momentos mais difíceis, como foi o caso de sua prisão no Paraná, e não aceitar nenhum acordo até provar ao mundo a sua inocência" e A2: "...apesar de tudo que ele sofreu, ele continua na luta com a mesma intensidade", são trechos que reforçam a característica central do carisma, que é a intensidade da relação afetiva entre líder e seguidores, como um elemento essencial para manter o vínculo emocional e político.

No caso de Bolsonaro, sua liderança também pode ser compreendida por meio do conceito de dominação carismática. Quando B3 fala que Bolsonaro teve: "coragem de 'peitar' até mesmo o próprio partido, em algumas vezes, em votação no plenário, de votar contra o partido, e de crescer dessa forma independente" é um exemplo da construção do caráter subversivo do carisma, como descrito por Weber e analisado por Laureano (2020).

Esse comportamento reforça a ideia de autonomia e autenticidade, qualidades que fortalecem a conexão emocional com sua base de apoio. Além disso, sua disposição de sacrificar popularidade para defender suas convicções, como expressa o trecho da fala de B1: "ele sabe que vai perder popularidade, (...), mas defende aquilo que ele acredita ser o certo", ilustrando a relação emocional de lealdade característica de líderes carismáticos, além mostrar também como os apoiadores os enxergam. A percepção do compromisso do líder com valores percebidos como autênticos por seus seguidores é crucial para a manutenção do carisma em sistemas democráticos.

Tanto Lula quanto Bolsonaro utilizam crises e momentos de tensão como oportunidades para reafirmar suas lideranças carismáticas. Como aponta Laureano (2020), o carisma em regimes democráticos é sustentado por uma relação afetiva intensa, difusa e direcionada, que permite a esses líderes mobilizar seus seguidores mesmo em contextos de grande adversidade ou conflito institucionais.

Nesse tópico também podem ser notadas as questões levantadas Freud (2011) em *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. Ele explica que, em uma massa, os indivíduos transferem parte de sua individualidade para se identificar com o grupo, geralmente em torno de uma figura líder. Esse líder é idealizado como alguém que incorpora características desejadas ou admiradas pelos indivíduos. Essa característica pode ser observada nas falas dos apoiadores de Bolsonaro, a exemplo de B1, quando fala: “(...)Bolsonaro se manteve reto no posicionamento dele, mostrando que ele é um político totalmente diferente dos outros (...)”.

Os seguidores de Bolsonaro projetam nele qualidades simbólicas, como coerência, coragem e firmeza, que são valorizadas em um cenário político marcado pela desconfiança e pela percepção de corrupção. Essa projeção funciona como um mecanismo emocional que cria a percepção de que Bolsonaro é um líder autêntico.

Dessa forma, os entrevistados, o veem como alguém que “fala o que pensa” e “não se desvia”, características que desejam em si mesmos ou nos líderes que os representam. Isso reforça a coesão do grupo dos seguidores, que compartilham essa percepção, criando um sentimento de pertencimento coletivo.

Logicamente, algo semelhante também ocorre com os apoiadores do presidente Lula, a fala de A2: “Ele entra na luta e não mais sai (...) continua na luta com a mesma intensidade.” Essa fala reflete como os entrevistados se identificam com a perseverança de Lula, vendo nele uma inspiração para enfrentar adversidades pessoais. A continuidade de sua luta, apesar das dificuldades, reforça a conexão emocional.

De maneira geral, a teoria freudiana permite entender que a relação emocional entre líderes como Bolsonaro e Lula e seus seguidores não é apenas racional, mas também inconsciente e profundamente simbólica. Os modos de identificação construídos pelos liderados respondem a inclinações, disposições e desejos que podem estar ligados a traços de busca do pai ou mãe, de busca por modelos de visões de mundo que permitam a reafirmação de crenças, de interesses e valores, os quais estão em

grande medida no inconsciente dos sujeitos sociais. As dinâmicas de construção da aproximação e afastamento de personas políticas sustentam a coesão dos grupos que se formam em torno de figuras políticas, moldam comportamentos e reforçam regimes de lealdade, tornando os líderes figuras centrais nas identidades políticas de seus apoiadores.

3.3 Avaliação da liderança e de ações de governo

Nesse tópico as perguntas eram: Como você avalia a liderança de Lula/Bolsonaro ao longo dos mandatos? Qual a medida ou projeto do governo Lula/Bolsonaro teve mais impacto para você ou para sua comunidade? Se você pudesse indicar um ponto forte e um ponto fraco no governo de Lula/Bolsonaro, quais seriam?

O intuito dessas perguntas foi o de analisar como os entrevistados enxergam, não só a imagem do líder isoladamente, mas também suas ações concretas, visto que ambos tiveram a oportunidade de governar o país, ainda que atualmente a quantidade de mandatos seja desigual.

Vejamos os trechos selecionados do *corpus* de entrevistas com apoiadores de Lula:

O Lula como sindicalista tem uma capacidade de diálogo muito boa, o Lula sabe dialogar com as pessoas e conseguiu fazer um governo, né? Minoria no Congresso Nacional e conseguiu passar as pautas que ele propunha, programa de campanha, o que ele prometeu durante as campanhas, então ele nesse terceiro mandato, eu não sei, é um mandato que ainda estamos avaliando, um mandato muito difícil em virtude da atual conjuntura, as pessoas naturalizam, como muita facilidade, os ganhos que elas querem. (...) eu tô achando, eu não queria usar essa palavra, mas enfim, um mandato meio 'xoxo', e isso por uma série de coisas, claro, você não tem nem um terço dos deputados no congresso nacional, tem que dialogar com as forças hegemônicas, que têm outra pauta, a direita tá crescendo muito no mundo, agora com a eleição do Trump, que vai dar ainda mais prosseguimento nesse processo, então ele tá tendo mais dificuldade sob o meu ponto de vista nesse mandato, mas o que eu admiro bastante no Lula é justamente isso, a capacidade de diálogo, de negociação e de percepção, até porque política é o seguinte, política você tem que ver antes, não adianta ver depois, certo? Você tem que montar cenários que são possíveis de acontecer, você trabalha politicamente em cima desses cenários, e ele costuma acertar. (...) sobre os projetos ... o Bolsa Família, é uma outra política social que a ONU tem como referência hoje, o que levou a ascensão social de milhões de pessoas no governo Lula, tanto é que a classe média ficou maior que a classe baixa. A expansão das universidades (...) eu acho que o ponto fraco desse mandato é a falta de novas ideias, ponto forte é a economia, que sem dúvida nenhuma, tá no caminho certo. Mas eu acho o governo sem ideias novas, o que me preocupa, inclusive. (A1)

A liderança de Lula ao longo dos seus mandatos é uma coisa assim visível, né? É uma coisa que chama a atenção inclusive do mundo inteiro. Não só sou eu que penso assim, né? São jornalistas, estudiosos, pesquisadores, chefes de Estado. Eles avaliam que Lula é realmente uma liderança que consegue dialogar, eu acho que é isso que diferencia Lula de outros políticos, é que além dele ser um grande articulador, de conseguir dialogar com quem pensa muito diferente dele, ele consegue, digamos assim, agregar...agregar, juntar, Lula é assim, a articulação em pessoa e o projeto de Lula todos são importantíssimos, mas eu acho que aquele Brasil Sorridente, pode ser até uma coisa simples, ter uma casa, ter energia elétrica onde você mora, ter como entrar na universidade, tudo isso é muito importante, agora você ter um presidente que pensa e pensou e colocou em prática um projeto pra todo mundo que estivesse sem dente, ter direito a colocar seus dentes é, isso pra mim, assim foi uma coisa muito forte, por que só sabe qual é o sofrimento de uma pessoa sem dente, a pessoa deixa de viver praticamente, a pessoa não pode nem sorrir, a pessoa tem vergonha de falar. Tem vergonha de sorrir. A pessoa vai entrando dentro de si mesma por falta de dentes e Lula pensou, e fez o projeto Brasil Sorridente. Então pra mim assim, show mesmo, o melhor! E um ponto forte no governo Lula eu acho que é exatamente isso, dele pensar políticas públicas que vão servir exatamente para quem precisa, para quem tem necessidade. E um ponto fraco eu acho que é muito a comunicação. Acho que o governo Lula em nenhum mandato conseguiu se comunicar com a sociedade, conseguiu passar para a sociedade o que tem que passar para entender as ações, os projetos, as políticas que são implementadas a comunicação não dá conta, acho que esse é um ponto fraco. (A2)

Eu vejo que ele consegue atrair e chamar a atenção de muita gente. Aliás, não só no Brasil, mas no mundo inteiro. É realmente uma liderança. Quanto ao governo do Lula, o que eu acho que ele fez muito pelo mais simples, como foi o caso do fortalecimento da agricultura familiar, os investimentos feitos as políticas públicas, na realidade, mudaram a vida de muita gente, como o projeto Minha Casa Minha Vida, como as cisternas, que nós sabemos que aqui, principalmente no Nordeste, a população vivia à mercê de determinados grupos políticos que faziam politicagem, as pessoas confundem política com politicagem, faziam politicagem a partir da falta de água, das pessoas não terem condições econômicas e as cisternas trouxeram uma certa independência. Ele também investiu muito nessa questão da educação, proporcionar às pessoas estarem numa universidade, inclusive, foi no governo dele que foram aprovadas as cotas. Que a gente vê hoje aí, que, por exemplo, o pessoal que é mais considerado da classe média rico, eles não aceitam de jeito nenhum, né? Então, as cotas possibilitaram para muitas pessoas a chance de entrarem dentro das universidades, pessoas que jamais teriam acesso à universidade. Então, eu vejo que o governo trouxe muita coisa positiva, né? Dentro dos seus ministérios, né? A questão da educação, melhorou também a questão da saúde. Foi um governo que não descuidou da saúde, criou a UPA, criou a Farmácia Popular, o Fome Zero, por exemplo. O que é o Fome Zero? O Fome Zero, na realidade é uma política emancipatória, infelizmente, a sociedade não entende assim e faz disso como se fosse uma coisa para ser permanente tanto que tem uma exigência de as crianças estarem na escola, das crianças estarem com a carteira de vacina em dia. E agora, na minha concepção, o que faltou aí, foi um diálogo melhor com a sociedade, do ponto de vista de trabalhar essa questão da formação política. A questão política, as pessoas precisam discutir constantemente a política, hoje a política está sendo vista como se fosse uma coisa feia, uma coisa ruim, e eu vejo a política como uma coisa nobre. É uma arte nobre, na minha avaliação, é ser nobre quem quer fazer as coisas corretas. (...) O ponto forte que eu acho, são essas políticas sociais. Eu acho um ponto muito forte e muito determinante na vida das pessoas. Contribuiu muito, muito mesmo! E a questão da moradia? Qual foi o governo na história do Brasil? Nenhum governo, por exemplo, teve preocupação de construir casa popular. Para ninguém. Casa popular, que eu digo assim, em grande número, em

grande escala. (...) e eu acho que o ponto fraco é exatamente a comunicação do governo e eu tenho dito isso bastante, o que falta no governo PT, no governo Lula também falta, é o feedback para a sociedade. A sociedade recebe os benefícios muitas vezes, mas não se apropria daquela ideia de que aqueles benefícios estão sendo oferecidos, não é um favor, mas são oferecidos, porque tem um governo que é comprometido com as suas dificuldades, com as suas necessidades. É um governo que se identifica com aquela necessidade do mais pobre, do mais necessitado. Então, eu acho que a comunicação do governo nunca foi boa. (A3)

A principal diferença de Lula em relação aos outros políticos é que ele é uma figura de esquerda, mas que dialoga com todos os segmentos da política nacional. Ele não fica restrito apenas ao mundo dele. É diferente, por exemplo, de Bolsonaro. Bolsonaro é uma liderança de direita conservadora, mas só dialoga com o círculo político dele. Só dialoga com os segmentos de sede da política que ele defende. Lula tem a capacidade de dialogar com todo mundo. Tanto que a base que sustenta o governo Lula hoje no Congresso Nacional é formada por partidos de centro, de direita e até de direita também. Lula tem essa capacidade de dialogar bem com todos os segmentos da política. Para mim, isso é o diferencial que ele tem. (...) Sem dúvida nenhuma, o Bolsa de Família. O Bolsa de Família é uma revolução social do país. É você colocar o Estado cuidando das pessoas. É você ter o Estado fazendo transferência de renda para que as pessoas, por exemplo, tenham o direito de fazer as três refeições: Tomar café, almoçar e jantar. Então, na minha opinião, o Bolsa Família, é a maior política desse governo, do presidente Lula, do governo Lula e agora do terceiro governo. (...) Um ponto forte é essa história da classe pobre. A política de assistência social, que passa pela educação, pela saúde, pela gestão social, é o que tem de melhor para o governo do presidente Lula. Na minha opinião, especialmente nesse tipo de governo, o ponto fraco tem sido a comunicação. O presidente Lula tem feito muita coisa, mas a gente não está conseguindo comunicar com as pessoas, informando o que a gente tem feito. Eu acho que o governo peca muito na questão da comunicação. (A4)

Lula tem feito história em nosso país e se consolidado como a maior liderança política já com três mandatos eleitos por vontade da maioria do povo brasileiro e pelo caminho da democracia. Acredito que o maior projeto é o Combate à pobreza e a fome, essa é a grande marca do governo Lula. Vejo como ponto forte a valorização do salário mínimo, renda mínima, abertura da educação para os menos privilegiados. E como ponto fraco, não ter controlado a inflação com mais rigidez. (A5)

Os entrevistados compartilham uma visão amplamente positiva sobre a liderança e as conquistas sociais dos governos em que Lula esteve à frente, mas divergem em relação ao impacto de políticas específicas e às limitações do governo. A habilidade de articulação de Lula e o foco nas necessidades dos mais pobres são pontos de destaque, enquanto a comunicação ineficaz é a crítica mais recorrente. De maneira generalista, Lula é visto como uma figura que transcende o Brasil, com reconhecimento mundial.

Como projetos dos governos Lula, o Bolsa Família, Fome Zero, as cotas para universidades, Minha Casa Minha Vida e fortalecimento da agricultura familiar aparecem como grandes legados, dessa forma, as políticas sociais são unanimemente elogiadas por transformarem a vida das classes mais vulneráveis. Para A1: “O combate

à pobreza é o cerne da militância política do Lula”, o entrevistado A4, segue nessa mesma linha, porém direcionando para um programa específico: “O Bolsa Família é uma revolução social no país”.

É importante perceber que alguns programas foram citados por vários entrevistados, talvez por serem mais conhecidos e conseqüentemente terem tido um alcance maior, porém, vale destacar também um programa que foi citado apenas por um dos entrevistados: *Brasil Sorridente*. A entrevistada A2 descreve o Brasil Sorridente como uma política pública que, embora pareça simples, tem um impacto profundo na vida das pessoas. Para A2, a falta de dentes afeta não apenas a saúde, mas também a autoestima, a dignidade e a capacidade das pessoas de se relacionarem com o mundo ao seu redor.

Dessa forma, o projeto é citado como um exemplo da sensibilidade de Lula em criar políticas que atendam às necessidades reais das pessoas mais vulneráveis. Como fica destacado nesse trecho da fala de A2:

Ter um presidente que pensou e colocou em prática um projeto para que todo mundo que estivesse sem dente tivesse direito a colocar seus dentes, isso, para mim, foi uma coisa muito forte. (...) Só sabe qual é o sofrimento de uma pessoa sem dente quem passa por isso. A pessoa deixa de viver praticamente, tem vergonha de falar, de sorrir. (A2)

Dessa forma, para A2, o Brasil Sorridente tem um impacto emocional, pois transcende a saúde física e aborda um aspecto psicológico e social muitas vezes negligenciado. É, portanto, um exemplo de como uma política pública pode restaurar a dignidade de um indivíduo.

Deixando de lado a questão dos projetos de maior impacto e partindo para os pontos fortes e fracos dos governos Lula, é quase unânime entre os entrevistados a questão das falhas na comunicação, como um ponto de fragilidade, sugerindo que o impacto dessa falha de comunicação se reflete no ponto em que suas políticas não são adequadamente transmitidas à sociedade. Talvez a frase que resuma essa percepção é a de A2: “O governo Lula nunca conseguiu comunicar à sociedade o que tem feito, e essa falta de diálogo prejudica a percepção das suas realizações.”

Ainda sobre os pontos fracos do governo, alguns entrevistados trouxeram também alguns pontos exclusivos desse terceiro mandato como a questão da falta de ideias/novidades ou de forma mais direta, a percepção de que esse governo ainda não

mostrou a que veio, A1 destaca que: “O governo parece sem ideias novas, e isso me preocupa.”

Por outro lado, olhando em retrospecto, A3, destaca a falta de iniciativas para fomentar o debate político entre os cidadãos com uma falha: “Na minha concepção, o que faltou aí, foi um diálogo melhor com a sociedade, do ponto de vista de trabalhar essa questão da formação política.”

Dessa forma, a entrevistada A3 lamenta a falta de incentivo ao debate político na sociedade e aponta que isso prejudica a compreensão do papel da política como uma ferramenta nobre de transformação. Para ela essa ausência de discussão enfraquece a formação política da população, que, muitas vezes, enxerga a política de maneira negativa.

Os pontos fortes acabam indo de encontro com as respostas da pergunta sobre os projetos/programas, os entrevistados no geral, apontam para o impacto positivo das políticas inclusivas e transformadoras, com foco em atender às necessidades dos mais vulneráveis, A2 sintetiza em uma frase: “Lula é um presidente que pensa políticas públicas para quem precisa, para quem tem necessidade”.

Vejamos os trechos das falas dos apoiadores do ex-presidente Bolsonaro:

Eu trabalhei durante o governo, eu achei que ele foi um dos principais líderes do mundo, relacionado à direita mundial, ele é ainda, mas ele no governo, ele se manteve firme. Na questão da pandemia foi algo impressionante, ele defendeu a nossa liberdade, ele sustentou a nossa economia, o que mais me admirava nele, como líder é que ele soube delegar aquilo que não era da capacidade técnica dele. Então, ele nunca foi uma pessoa que entendeu muito bem de economia, mas ele conseguiu delegar a um ‘ás’ na economia, que foi o Paulo Guedes. Ele não entendia tão bem de saúde, mas ele se cercava o tempo todo de consultores na área de saúde. Então, assim, ele, tudo que ele não dominava, ele como líder, ele conseguiu se cercar de pessoas que dominavam. Ele não foi líder de um governo de troca de favores. Ele realmente conseguiu criar um governo, um quadro técnico no ministério. E isso me admira demais, né? Eu me sentia muito mais segura tendo técnicos nas pastas do que eu me sinto agora (...) obviamente, ele teve frases infelizes, que foram a imensa maioria retiradas de contexto, mas as ações dele na pandemia, o Ministério da Saúde todo se mudou para um gabinete no Amazonas, que era onde estava tendo a maior crise no país. Os hospitais que foram criados, aqueles hospitais que foram abertos para tentar minimizar os danos de um sistema de saúde falho que a gente tinha, com poucos leitos de UTI. O Estado, como o Amapá, tinha 13 leitos de UTI para toda a população do Amapá. Então, ele conseguiu minimizar esses danos, a despeito do boicote de alguns... Só foram falas infelizes, que foram a imensa maioria retiradas de contexto. Então, ele conseguiu minimizar esses danos, a despeito do boicote de alguns governadores, como o consórcio do Nordeste, que se uniram contra as ações dele, fixaram na questão dos respiradores, que nunca apareceram. Então, o Bolsonaro teve ações

concretas relacionadas a isso. Ele comprou as vacinas. Foi o segundo país a adquirir as vacinas e ele se preocupou, que nenhum outro líder, que eu não consigo imaginar, que teria essa preocupação em relação à bula sobre os eventos adversos. (...) Então, ele se preocupou em relação a esses efeitos adversos, teve a coragem de questionar os laboratórios em relação a esses efeitos adversos e garantiu a liberdade, porque, por exemplo, o vírus não se comportava de forma agressiva em crianças saudáveis, não tinha sentido realmente de obrigar essa vacinação nessa população. E ele foi firme, defendendo a liberdade dos pais que entendiam mais sobre isso. Se você quiser se vacinar, vacinar seu filho, tudo bem. Providenciou a vacinação, ele garantiu a liberdade de quem não quisesse, não tivesse sentido confortável se vacinar. (...) Sobre a economia eu ainda achei mais importante. Porque a gente vê hoje a economia do país muito pior do que na época da pandemia. Como ponto fraco, a questão da comunicação foi muito ruim. Não a atitude dele em relação à comunicação, ele poderia ter, e aí seria contra o que eu falei, que ele se mantém firme e reto em todos os posicionamentos dele, mas talvez se ele não tivesse atacado tanto a grande mídia, ele tivesse tido um governo com mais paz. Porque a mídia era 24 horas, 365 dias por ano, batendo nele. Ele fazia uma coisa boa, eles conseguiram pegar alguma falha para poder bater naquela pequena falha, desprezando todos os benefícios que vinham com qualquer medida que ele tomasse. (...) Então a mídia trabalha manipulando a mente das pessoas, que não tem a educação suficiente muitas vezes. Então eu acho que o fato dele não ter se vendido, entre aspas, para essa grande mídia dificultou muito a comunicação dele com a grande massa, que estava sendo beneficiada, mas não conseguiu enxergar o benefício que estava acontecendo. Porque se fosse a pandemia num governo desse de esquerda, acabou o país. (B1)

O ponto forte foi que ele tentou desregular tudo o que poderia com relação ao Estado. O ponto fraco dele foi que ele quis fazer, no primeiro momento, um governo muito técnico, porém, a gente sabe que no nosso ordenamento político você precisa fazer parcerias para poder governar. No primeiro momento ele tentou eliminar o Centrão, porém, nós sabíamos que isso só poderia ser possível a longo prazo. Naquele momento era impossível. Então, ele foi com um governo muito técnico e a gente não pode esquecer que, em um governo, a gente tem que ter confiança. Tem que ter cargos de confiança. Você não pode fazer um governo colocando só cargos técnicos. Porque, uma hora ou outra, alguns daqueles tidos como competentes para participar do governo, devido à sua técnica, devido ao seu conhecimento sobre o local que iria participar, ele pode puxar o tapete, assim como fez Sérgio Moro. E outros também. Então, acho que teve muita, entre aspas, inocência com relação ao governo Bolsonaro nesse caso. Depois foi que o governo foi acordando, mas muito estrago já tinha sido feito pelos tidos técnicos. O governo precisa de uma coalizão. E, como eu falei, faltou um pouco mais de experiência com relação a isso no governo Bolsonaro. Eu aponto como defeito, Bolsonaro quis brigar muito de frente ao sistema, até podendo se comparar com o primeiro governo Trump. Mas, aqui no Brasil, a gente sabe que é mais difícil ainda de brigar, de se lidar com o sistema, do que lá nos Estados Unidos. E nos Estados Unidos, a gente viu qual foi o resultado na tentativa da reeleição do presidente Trump. Aqui também não foi diferente, não. Aqui você tinha Bolsonaro batendo de frente com os bancos. Porque botou o PIX. O PIX foi criação do Temer, no governo Temer, mais do mesmo. Não teve coragem, não teve peito para bater. Não teve coragem de bater de frente com os banqueiros. O Bolsonaro já fez o contrário, tanto é que você viu a quantidade de bancos e banqueiros que declararam apoio a um governo Lula. Como eu falei, o Temer criou, foi no governo do Temer, foi criado o PIX, porém, quem botou em prática foi o Bolsonaro, desafiando o sistema bancário do país. Primeiro ele deveria ter, como fala a linguagem popular, 'comido pela beirada', ter batido de frente somente em um eventual segundo governo. Ele lidou, lutou contra muito no sistema e terminou, a gente já viu, vendo o resultado (...) Nós tivemos o menor número de invasões

a propriedades privadas, foi na gestão do Bolsonaro, nós tivemos uma diminuição da criminalidade em 22%, foi a maior da história no governo Bolsonaro, e isso foi devido àquele, eu acredito muito, até porque sou advogado, trabalhei na questão, da criminalidade, então, assim, eu atribuo muito ao pacote anticrime, você teve a pena, antigamente a pessoa só podia ficar 30 anos preso, independente do crime que cometeu, hoje já passou para 40, foram 10 anos a mais. (B2)

Avaliar a liderança de Bolsonaro ao longo do mandato dele é avaliar positivamente. Ele teve boas escolhas, fazia reuniões firmes, reuniões, inclusive, aquela vazada, que não deveria ter vazado, mas dava para ver o tom que ele tinha. Diante dos ministros dele, uma pessoa que sempre estava ali perto do povo, ouvindo, sabia dos anseios, das necessidades do povo, isso ele colocava em ação como executivo. A diferença dele, justamente esses cargos técnicos, os ministros com formação nas áreas. (...) Ele, apesar de escolher pessoas com boa formação, com boa capacidade nas suas áreas, mas infelizmente ele tem um hábito terrível de ser traído. E eu acho que é uma das falhas, não falhas dele em si ou do nosso pensamento conservador, mas de não perceber a construção do progressismo, do esquerdismo (...) conheço muitas pessoas que se dizem conservadoras, que até militam muito do nosso lado. Mas no frígir os ovos são progressistas, tem muito da ideia do ideologismo de esquerda e que fere os princípios (...) e o ponto forte do governo Bolsonaro é simplesmente por ele ter esse compromisso com o Brasil ele tem essa vontade de fazer pelo Brasil o melhor. O ponto fraco também é ele ter se rendido ao modelo natural político que o brasileiro aprendeu a ter no início do governo dele foi muito decreto, muito confronto com o parlamento. Mas depois ele cedeu algumas coisas e aí a gente viu que começou a cair e aí aumentaram as 'traições'. (B3)

Foi bom no primeiro momento, ali no início da pandemia, ele tomou decisões importantes mas ele pecou, ele cometeu um pecado com quem acredita nele que se diz aí bolsonarista, galera da direita conservadora, quando em 7 de setembro de 2021 ele não tomou a decisão de agir com firmeza contra Alexandre de Moraes e todo o autoritarismo que ele já estava ali apresentando (...) ali ficou muito claro a fraqueza de Bolsonaro em tomar uma decisão mais firme que em outras nações outros líderes conseguiram tomar essa decisão e ele não teve esse cacife todo (...) onde a gente colocou mais de 400 mil pessoas lá em Brasília inclusive o 8 de janeiro foi uma visita no parque em relação ao que aconteceu no 7 de setembro de 2021 se fosse para dizer algum tipo de tentativa de golpe de estado, seria ali no 7 de setembro de 2021 que a galera foi com sangue no olho para atirar no Alexandre de Moraes e eram 400 mil pessoas era algo assim. Absurdo a situação do 8 de janeiro. O movimento pífio, poucas pessoas aderiram àquela luta lá que o principal discurso era não confiar nas urnas por ter eleito um corrupto para ser presidente da república, a maioria das pessoas acredita que houve fraude nas urnas eleitorais não quiseram aceitar o resultado das eleições e foram às ruas ali algum tipo de situação que tirasse o corrupto, mas não conseguiram êxito. Não conseguimos êxito ao trazer esse discurso à tona, houve aí essa perseguição ainda mais acirrada politicamente e demonstrou ao final do governo de Bolsonaro outra fraqueza dele porque as pessoas esperavam que ele tomasse uma decisão (...) muita gente descreditou do Bolsonaro por ele não ter feito nada, por não ter agido muitas pessoas ficaram desgostosas com ele, inclusive, estão migrando para outras figuras políticas. A principal medida do governo Bolsonaro que preservou a sociedade brasileira no momento foi a de pagar o Auxílio Brasil naquela época e as relações internacionais que ele tinha com outros países para trazer agrotóxicos da Rússia para o Brasil para alavancar ainda mais o agro e ações também de preservação do meio ambiente, acho que foram muito boas, as entregas das casas das pessoas que estavam na fila para receber suas casas, seus terrenos, ele fez a entrega disso, isso daí eu observo que impactou muito nessa minha comunidade mais pobre. As pessoas mais

simples, essa entrega das casas, especialmente para as mulheres, acho que foi algo muito benéfico. Então, para a minha classe social, acredito que isso impactou muito. (...) Auxílio Brasil e Bolsa Família é a mesma coisa, muda só o governo, eles trocam o nome (...) outra coisa também foi a questão dos impostos sobre eletrônicos. Eu sou uma pessoa que joga videogame, jogo jogos eletrônicos, então eu me senti beneficiado diretamente pela falta de impostos que tinha, graças a Deus, redução das taxas. Isso eu via que aumentava o consumo até de importados. Comprando roupas importadas, comprando eletrônicos importados, tinha um consumo maior. A galera usava muita SHEIN, né? Depois que entrou esse governo atual, vieram as taxas e com isso a diminuição do consumo. Tudo está aumentando, infelizmente. Em resumo, o que eu vejo durante o governo dele foi a coerência, onde ele, na maioria das vezes, conseguiu manter 90% do que ele disse. Ele cumpriu. Então, isso é muito em relação a outros políticos. E um ponto fraco que eu acho é a questão da falta de inteligência emocional, que muitas vezes ele não tem. Sangue de barata, sangue frio. Ele tem um comportamento muito de chefe e não de líder, muito de mandar, de impor. Isso eu acho que prejudica ele. (B4)

Bolsonaro foi líder da metade da população. Agiu como líder de toda ela e não liderou a classe política. O projeto que teve mais impacto pra mim foi quando ele buscou descentralizar de Brasília os recursos e tratou indistintamente os prefeitos aliados ou não. Ele facilitou o direito da autodefesa, respeito à autodeterminação do cidadão no tocante à obrigatoriedade ou não de uso de medicamentos experimentais, além do auxílio emergencial, inegavelmente, salvou a economia nacional do colapso total e milhões de pessoas da fome. De maneira geral, vejo que a recuperação econômica, avanço na infraestrutura nacional e efetivo combate ao crime organizado foram pontos fortes do governo Bolsonaro. (B5)

Quando seguimos para a percepção dos apoiadores de Bolsonaro, todos mencionaram aspectos positivos relacionados à economia, porém alguns deles detalharam de forma diferente: B1, destacou a manutenção da atividade econômica durante a pandemia; B2 deu relevância ao impacto do PIX, enquanto B4 discorreu sobre as medidas de preservação econômica, como o Auxílio Brasil.

De maneira mais detalhada, para o entrevistado B4 duas iniciativas do governo Bolsonaro que, em sua visão, trouxeram impactos positivos para diferentes setores da sociedade: o Auxílio Brasil e a redução de impostos sobre eletrônicos e jogos. B4 enfatizou que a possibilidade de os beneficiários do Auxílio Brasil continuarem recebendo o benefício por até dois anos após ingressarem no mercado formal de trabalho foi uma medida que equilibrou assistência social e incentivo à autonomia financeira, ajudando famílias a saírem da vulnerabilidade sem perderem o suporte imediato.

Paralelamente, para B4, a redução de impostos sobre consoles de videogame, jogos e outros produtos tecnológicos foi vista como um alívio no custo desses bens, ampliando o acesso especialmente para jovens e consumidores de tecnologia, ao mesmo

tempo em que estimulou o mercado de entretenimento e inovação. Portanto, para B4, essas ações mostram uma combinação de políticas públicas voltadas tanto para a inclusão social quanto para o estímulo econômico.

Quando falamos sobre a percepção acerca dos pontos fortes, os entrevistados apontaram uma diversidade na gestão do governo Bolsonaro. O entrevistado B1 destacou o incentivo ao agronegócio, ressaltando que o setor teve crescimento e se consolidou como um pilar essencial da economia brasileira. Por sua vez, o entrevistado B2 destacou os resultados positivos da gestão Bolsonaro no combate à criminalidade, ressaltando o impacto do pacote anticrime. Ele mencionou que durante o período houve uma redução histórica de 22% na criminalidade e o menor número de invasões a propriedades privadas já registrado. Entre as mudanças trazidas pelo pacote, ele enfatizou o aumento do limite máximo de cumprimento de pena, que passou de 30 para 40 anos, como uma medida eficaz no enfrentamento ao crime.

Já o entrevistado B3 elogiou a política de privatizações, afirmando que reduziu o peso do Estado em setores estratégicos e aumentou a eficiência dos serviços. Em conjunto, essas falas revelam uma visão de um governo que foi eficaz em promover crescimento econômico, melhorar a segurança pública e aumentar a eficiência administrativa

Os entrevistados destacaram diversos pontos fracos do governo Bolsonaro, B1 destacou que achou a comunicação do governo falha, enquanto B2 destaca que achou que ele ‘pecou’ e até mesmo foi inocente em tentar cumprir a promessa de um governo técnico:

Então, ele foi com um governo muito técnico e a gente não pode esquecer que, em um governo, a gente tem que ter confiança. (...) Tem que ter cargos de confiança. Você não pode fazer um governo colocando só cargos técnicos. Porque, uma hora ou outra, alguns daqueles tidos como competentes para participar do governo, devido à sua técnica, devido ao seu conhecimento sobre o local que iria participar, ele pode puxar o tapete, assim como fez Sérgio Moro. (B2)

Sendo assim, a reflexão sugere que a visão de B2 é de que um governo eficiente deve equilibrar critérios técnicos e políticos, priorizando tanto a capacidade técnica quanto a lealdade para construir uma gestão coesa e funcional.

Mediante as respostas dos entrevistados, chegamos à teoria de Laclau, explorada por Nascimento (2018), segundo a qual o populismo pode ser compreendido como uma

lógica política que organiza demandas sociais a partir da construção de um "povo" em oposição a um "outro". Essa construção não depende de conteúdos fixos, mas se caracteriza por uma divisão simbólica que estrutura antagonismos na sociedade. Essa abordagem permite analisar as lideranças de Lula e Bolsonaro, destacando diferenças e similaridades em suas práticas políticas.

No geral as falas sobre Lula, especificando o que A2 e A4 disseram, evidenciam sua capacidade de articular demandas diversas e construir coalizões amplas. Ele é descrito como um líder de esquerda que dialoga com diferentes segmentos políticos, incluindo partidos de centro e direita, para implementar políticas públicas de inclusão, como o Bolsa Família e a expansão das universidades. Sua habilidade de agregar demandas e construir consensos reflete a lógica populista descrita por Laclau, na qual o "povo" é formado pela unificação de diversas demandas sociais. No entanto, as falas também apontam para uma limitação: a dificuldade de comunicação do governo Lula com a sociedade, o que enfraquece a percepção pública das políticas implementadas.

Por outro lado, de acordo com as falas de B4 e B5, Bolsonaro apresenta uma liderança estruturada em antagonismos mais explícitos, destacando-se pela polarização ideológica. Ele é percebido como alguém que enfrentou o "sistema político", promovendo uma narrativa de "povo contra a elite" e antagonizando com instituições, governadores e a mídia. Para Nascimento (2018) e segundo Laclau, é característica da lógica populista, que mobiliza a sociedade em torno de divisões radicais. Contudo, as falas apontam que essa postura gerou dificuldades para formar alianças políticas e ampliar a base de apoio, especialmente no Congresso Nacional.

Assim, enquanto Lula construiu sua liderança a partir da articulação inclusiva e do pragmatismo político, Bolsonaro estruturou sua atuação em uma polarização mais rígida. Ambos os casos ilustram como a lógica populista, conforme teorizada por Laclau, pode se manifestar de formas distintas, influenciando a maneira como o "povo" é mobilizado e as tensões democráticas são geridas.

A crítica de Nascimento (2018) à lógica populista ganha relevância nesse contexto, pois evidencia como essa estratégia pode tensionar a democracia, seja pela exclusão de partes da sociedade no caso de Bolsonaro, ou pela dificuldade de comunicação com a sociedade no caso de Lula.

3.4 Representação e Identidade Política

Nesse bloco os entrevistados foram indagados sobre a representação de Bolsonaro/Lula em relação aos seus ideais e valores, e também sobre suas identidades políticas. Os entrevistados também foram indagados acerca do que eles percebem como bolsonarismo/lulismo. A ideia era de tentar captar o nível de relevância desses líderes na vida dos entrevistados.

Vejam os trechos dos apoiadores do presidente Lula:

Lula não influencia no meu perfil, mas faz com que eu me identifique, pois desde antes de Lula eu já era de esquerda, era garoto, fim da ditadura, fazia ensino médio na época, era a época da abertura política, a partir de 1977, e eu sempre militei na esquerda, lia todos os jornais alternativos, que eram vários, tinha uma militância de esquerda e tal, e quando o Lula surgiu no movimento sindical, eu me encontrei, quer dizer, vi uma referência de liderança, que pensa como eu, que tem os mesmo ideais que eu e que eu respeito muito enquanto liderança. A minha percepção acerca do lulismo é que é um movimento de opinião pública fortíssimo no Brasil, o Lula conseguiu transformar o país (...), mas no início (governo Lula I) existia muita desconfiança e ele surpreendeu. O Lula é uma liderança carismática, assim como o Bolsonaro, são dois líderes carismáticos. Então criou-se, inclusive, dizem hoje em dia que o Lula é maior que o PT, e eu concordo. O lulismo é isso, um líder que transforma a vida de milhões de pessoas, no Nordeste é muito forte, e até ele ser preso, isso era incontestável, ele seria eleito, com a ascensão da direita, teve mais dificuldade. Mas o lulismo é isso, eu penso assim, como um movimento forte de opinião pública, consolidado principalmente entre as duas pontas, as pessoas intelectualizadas, mas também o povo pobre desse país que vê em Lula uma referência. (A1)

Lula representa minhas ideias, meus valores. Teve uma importância, uma influência determinante na minha identidade política. Porque eu fui forjada no movimento sindical, aprendi no movimento sindical, e assim que eu consegui meu primeiro cargo público concursada, eu fui logo pro sindicato, depois eu fui pra CUT, depois eu fui pro partido, então assim, eu sigo mesmo o Lula, eu sou eu sou lulista de carteirinha e eu acho que essa história da gente (...) assim, pra mim não tem, não tem, um separação entre lulismo e o petismo não, para nós que fomos forjados na formação política, no novo sindicalismo de Lula pra cá. Lula é a grande figura, obviamente, tornou-se maior do que o partido, tornou-se, embora, pra nós com toda a referência e influência que ele tem, obviamente, que a fala dele no partido é praticamente uma ordem, né? Mas nós que estamos dentro, nós sabemos que há discussão, há divergência. Lula pode ser Presidente da República, mas se ele participar de uma reunião do diretório nacional e alguém, a gente tem companheiros e companheiras que divergem de alguma forma, mas na verdade, o que termina sobrevivendo mesmo, o que termina acontecendo mesmo é o que Lula, o que Lula digamos assim, dialoga com a militância, né? Então assim fora do partido, aí sim, temos um espírito digamos, lulista, né? Tem muita gente que não vota no PT só vota em Lula né? Que não liga Lula ao PT, mas nós que somos filiados ao PT, a gente liga sim, Lula e o PT se confundem sim, na nossa vida, é como se fosse a mesma coisa, entendeu? (A2)

Eu consigo ver nele e me inspiro em tudo o que ele fala, em tudo o que ele fez, em tudo o que ele faz, da forma que me leva também a pensar e a me preocupar muito com essas pessoas também. Eu sempre tive essa preocupação e depois que eu comecei a estudar, a ver como são as coisas, a

gente vê que a gente tem a identificação porque a gente tem origens semelhantes e acho que a classe trabalhadora precisa compreender quem é trabalhador e quem é patrão. Eu acho que é isso. É uma mistura muito grande. Gente que é trabalhador, que é explorado, e não consegue ter essa percepção. (...) Sobre o lulismo, é o seguinte: a imagem do Lula é muito forte. Porque Lula é aquela coisa, ele se transformou num líder tão grande que ele chega a espaçar o tamanho do partido, né? Mas eu digo que, eu não concordo, nem digo que eu sou lulista, eu sou petista, eu acho que quando você é lulista, você vota em Lula e vota num cabra de direita, ou da extrema direita. Tem gente aí que vota. Vota em Lula e vota nos caras de direita. (A3)

Uma liderança de esquerda, um cara que surgiu do movimento social e tem uma visão quase que na totalidade voltada para as pessoas mais carentes. Ele faz da política uma vida para melhorar a vida. É isso aí. É tudo aquilo que eu acredito, é ter um político como vocação para mudar a vida das pessoas. (...) Eu não sou lulista, eu sou petista. Até porque eu acho que o PT tem que se preparar para ter vida após Lula, porque Lula está com quase 80 anos, ele não é eterno. A gente precisa construir liderança no partido para ter vida política após o presidente Lula. Com certeza ele vai ser candidato à reeleição e vai ser o mandato dele. Então a gente tem que mostrar ao Brasil que tem vida no PT após o presidente Lula. Agora eu tenho muita identidade com o que o presidente Lula pensa. Eu acredito muito no que ele pensa, tenho muita convergência com o que ele pensa. A concepção que o presidente Lula tem de país, tem de governo é a mesma concepção que o PT. Eu considero o Lula, a imagem, a figura, o histórico de Lula maior que o PT. Isso aí não tem dúvida. Por exemplo, na última eleição contra Bolsonaro, se eu fosse qualquer outro candidato para o PT, eu teria uma avaliação que perderia a eleição. Nós ganhamos a eleição porque foi Lula quem disputou a eleição com ele. Por isso que nós fizemos a imagem de Lula maior que o nosso partido. O partido é um partido grande, o PT é o maior partido deste país. Mas precisa movimentar e construir novas lideranças para dizer que existe vida no PT depois do presidente Lula. (A4)

Sim, Lula representa meus valores e ideias, do ponto de vista da concepção de classe, de estar ao lado das minorias e defender políticas aos mais necessitados. Sobre o lulismo eu vejo como um projeto, modelo de desenvolvimento com mais inclusão e combate às injustiças sociais e é nesse sentido que ele dialoga com as minhas opiniões. (A5)

Os entrevistados expressaram que Lula representa seus ideais e valores de maneiras distintas, mas com uma base comum ligada à identificação com sua trajetória, suas políticas de inclusão social, e sua defesa dos trabalhadores e das minorias.

O entrevistado A1 reconhece Lula como uma figura que representa seus ideais desde o início de sua militância na esquerda, portanto, de certa forma, ele diz que ele não o influenciou, visto que, ele já era de esquerda, mas possibilitou uma identificação: “Quando o Lula surgiu no movimento sindical, eu me encontrei, quer dizer, vi uma referência de liderança, que pensa como eu, que tem os mesmos ideais que eu e que eu respeito muito enquanto liderança”.

De maneira mais emocional, a entrevistada A3 fala: "Eu consigo ver nele e me inspiro em tudo o que ele fala, em tudo o que ele fez, em tudo o que ele faz, da forma que me leva também a pensar e me preocupar muito com essas pessoas também". A fala de A3 traz a percepção de Lula como uma inspiração contínua, especialmente por sua preocupação com a classe trabalhadora, além disso, reconhece valores e origens compartilhados, reforçando a conexão entre identidade política e trajetória social.

O entrevistado A5, por sua vez, traz uma fala mais objetiva, porém não menos importante: "Sua concepção de classe, de estar ao lado das minorias e defender políticas para os mais necessitados dialoga com as minhas opiniões". Descreve Lula como a personificação de um projeto e modelo de desenvolvimento que inclui o combate às injustiças sociais, e que se alinha diretamente com as suas opiniões.

Os apoiadores de Lula entrevistados mostram identidade com ele enquanto figura carismática e transformadora, mas divergem quanto ao impacto do lulismo e sua relação com o PT. Alguns defendem o lulismo como um movimento mais amplo, enquanto outros defendem a centralidade do partido para a continuidade do legado político. A necessidade de renovação no PT é mencionada, assim como críticas à incoerência de parte do eleitorado brasileiro.

Para A2: "Para nós que fomos forjados na formação política, sindical do novo sindicalismo de Lula pra cá, Lula e PT se confundem". Portanto, a fala de A2, traz a ideia de um reforço na inseparabilidade entre Lula e o PT para quem vive o partido por dentro. Por outro lado, para A4: "O PT tem que se preparar para ter vida após Lula, porque ele não é eterno". Dessa forma, A4 alerta de forma pragmática para a necessidade de renovação do partido. No geral, as falas como as de A2 e A4 são emblemáticas ao conectar identidade política com experiências pessoais e trajetórias partidárias.

Vejamos agora as respostas das mesmas indagações que foram feitas aos apoiadores do ex-presidente Bolsonaro:

Totalmente, ele defende exatamente aquilo que eu defendo. Eu acho assim, que ele poderia verbalizar de forma diferente, mas aí não seria ele. Ele poderia falar de forma mais polida, por outro lado, se ele falasse de forma mais polida, ele perderia a identidade principal dele, que foi justamente o que me chamou a atenção. Porque esse homem está falando tão firme? Foi o que me fez chamar a atenção. Talvez ele, quando estivesse no governo, pudesse ter sido mais polido nas retóricas, enquanto estivesse falando. Ele representa sim os meus ideais e valor, mas eu sou conservadora antes de

Bolsonaro aparecer. Eu fui líder do movimento Vem Pra Rua, eu nem tinha ouvido falar em Bolsonaro. Então nem se falava em Bolsonaro naquela época. (...) Eu considero o bolsonarismo como um movimento conservador de direita, né? E que tem como líder Bolsonaro. Existe o movimento conservador e existe o movimento conservador que tem o Bolsonaro como grande líder. Não é todo conservador que tem Bolsonaro como grande líder. Então ele representa a maior parte do movimento conservador que o tem como um grande líder. (B1)

As ideias, muitas, não todas, mas muitas das ideias que ele defende, muitas das bandeiras que ele levanta, me representam. Já eram ideias que antes de eu conhecer o presidente Bolsonaro, eu já defendia, a questão da redução da maioria penal, o livre acesso para pessoas aptas e que considerem ter uma arma para se defender, a diminuição considerável do Estado, são bandeiras que eu já defendia. O aumento maior de penas para criminosos, o fim dos benefícios como saídas temporárias, auxílio de reclusão, são umas das defesas que eu já considerava, eu já defendia, antes mesmo, e que Bolsonaro também defende. Principalmente nessa questão aí do combate à criminalidade, ele me representa como nenhum outro político. (B2)

Bolsonaro é um cara que representa as ideias e valores, muito embora ele tem se perdido um pouco por causa do modelo político das pessoas que o cercam (...) Bolsonaro perdeu essa capacidade de aferir corretamente as pessoas. Sendo estratégia ou não, eu acho ruim a atitude dele comunica para as pessoas uma postura de abertura para a traição. Isso pra mim é ruim, mas sim, como ideais, como valores, eu acho que Bolsonaro representa sim. Não por ter vários casamentos, mas por valorizar a família, por ter esse cuidado. Eu acredito que o conservadorismo não é sobre o testemunho pessoal de cada pessoa. A figura de Bolsonaro influencia a minha identidade política demais. Sempre foi muito ligado à política. Sempre gostei de estar ali nos bastidores, trabalhando, militando. (...) até 2013, militava muito na esquerda, depois da conferência estadual das cidades. Eu rompi com os movimentos sociais e em 2015, comecei a entender realmente a forma de política correta, Bolsonaro estava naquela ascensão, comecei a me identificar com ele, com a sua postura aguerrida, beligerante, um cara que não dá volta na palavra. Então, sim, ele influencia muito na minha identidade política e foi sempre como eu fui, como eu agi, até no meio da esquerda, batia muito de frente com as pessoas que queriam fazer baderna nos movimentos de rua e tal. Sempre tive essa postura e encontrei o Bolsonaro, sim, uma pessoa que influencia muito pra isso. E é dessa forma, que ele tem direcionado, né? Eu tenho buscado aprender mais sobre questões de economia, coisa que ele não tem, mas ele tem como ter pessoas pra informar ele. Então, economia, jornalismo, todos esses pontos importantes pra uma sociedade bacana que a gente precisa trabalhar do ponto de vista político, tenho procurado por causa do conhecimento que ele passa. Não tenho a capacidade de guardar tantas informações como ele tem, não tenho pessoas pra me assessorar, mas eu espero, sim, que ele consiga ensinar mais tanto a mim como outras pessoas que tenham vontade de desenvolver o conservadorismo no Brasil. (...), mas os valores e os princípios, eu acredito que sim. Esse bolsonarismo que eu acredito, não o bolsonarismo apaixonado, que dá tudo para o Bolsonaro, a vida para o Bolsonaro. Não, eu dou a vida pela pátria, pelo Brasil, e enquanto o Bolsonaro estiver desse lado, a gente está junto, caso contrário, estamos em lados opostos. (B3)

Acho que ele é o maior representante hoje desses pensamentos, dessas ideias e valores que eu tenho. Mas não é o único. Ele é o maior, mas não é o único. (...) eu acho que esse termo bolsonarista, ele é mal empregado. Eu acho que é uma forma até de segregar as pessoas, quando se usa esse termo. A gente, às vezes, se apresenta como bolsonarista para dizer que é um defensor do presidente Bolsonaro, da permanência dele como líder do movimento. Mas não existe um movimento ideológico igual ao movimento conservador, igual

à direita, que é muito maior do que ele, inclusive. Então, eu acho que o bolsonarismo hoje seria uma defesa do nome dele, mas se ele se manter defendendo as nossas ideias, entende? Se ele mudar, é capaz desse movimento bolsonarista ir pelos ares. Enquanto ele representar nossas ideias e valores, vai existir esse movimento bolsonarista. (...) então, só existe bolsonarismo enquanto ele seguir esses anseios que o movimento, as pessoas, a sociedade (...) essa questão desse termo bolsonarista, eu vejo que é usado muito pejorativamente pela mídia, para identificar as pessoas, já que eles não têm coragem de chamar, por exemplo, fascistas ou neonazistas, ou, sei lá, capitalistas, ou o que seja. Eles usam o termo bolsonarismo, para tentar colocar como se esse termo fosse negativo, da mesma forma que a gente chama de lulista uma pessoa, por exemplo. Quando eu chamo alguém de lulista, eu não estou elogiando a pessoa, eu estou ao contrário. Eu estou tratando a pessoa de algo que eu considero negativo. Isso é uma pessoa que eu desprezo, está entendendo? Então, esse termo que foi criado, bolsonarismo, eu acho que ele vem aí como uma estratégia pejorativa para reduzir as pessoas a uma mentalidade específica, como se as pessoas fossem bajuladoras, ou fanáticos e tudo mais. O que não é, de fato, realidade. Eu vejo que a gente tem identidade própria, a maioria das pessoas. Infelizmente, existem fanáticos dentro do movimento da direita, mas não são os líderes. (...) então, eu digo que eu sou um bolsonarista por defender o Bolsonaro na política, mas em ser um devoto dele, não. (B4)

Não totalmente, particularmente penso que sou mais puxado pra uma visão mais conservadora. Bolsonaro me influencia no sentido de buscar ratificar o que foi ou é produtivo/benéfico, belo/bom e buscar não repetir eventuais erros ou falhas. Em relação ao bolsonarismo penso que exista, mas que seja mais um agrupamento político do que um movimento político, e que tal agrupamento converge fundamentalmente na liderança do Bolsonaro e em mais uma ou duas pautas, mas que é, pelo menos ainda, bastante heterogêneo em relação à maioria das pautas como também aos perfis dos seus próprios integrantes. Portanto para se falar de como o bolsonarista se relaciona com suas próprias opiniões, precisa-se saber qual bolsonarista está em tela. Alguns são bem críticos, outros nem opiniões têm. Como toda corrente política que se torna uma coisa de massa sem uma doutrina própria formulada e bem amplificada junto aos seus adeptos, há vários níveis de pessoas, consciências e formas de agir. (B5)

Ao indagar os entrevistados apoiadores do ex-presidente Bolsonaro, todos destacam que já defendiam ideias conservadoras antes de se alinharem com Bolsonaro, dando exemplo de pautas da direita como: redução do Estado, aumento de penas criminais, ou valores ligados à família e religião. O entrevistado B2 afirma: “Muitas das ideias que ele defende, muitas das bandeiras que ele levanta, me representam. Já eram ideias que antes de eu conhecer o presidente Bolsonaro, eu já defendia”.

De maneira geral, eles reconhecem em Bolsonaro uma figura de liderança central no movimento conservador, embora não o vejam como insubstituível. Para eles, sua postura firme e direta, apesar de polêmica, reforça essa identificação, ainda que alguns apontem a necessidade de maior polidez ou critiquem suas escolhas estratégicas, a fala B1 reforça um pouco esse paradoxo: “Ele poderia falar de forma mais polida, mas por outro lado, se ele falasse de forma mais polida, ele perderia a identidade principal dele”. Em comum, os entrevistados reconhecem a influência inicial de Bolsonaro em

suas identidades políticas e ressaltam que o apoio a ele está atrelado à continuidade de suas pautas e valores.

Quando perguntados sobre o bolsonarismo, os entrevistados apresentaram diferentes interpretações, mas convergiram em vê-lo como um fenômeno político centrado na liderança de Jair Bolsonaro e associado à defesa de valores conservadores, como a valorização da família, o combate à criminalidade e a preservação de princípios judaico-cristãos.

Alguns o consideram um movimento heterogêneo e ainda pouco estruturado, mais próximo de um agrupamento político do que de uma ideologia consolidada, o entrevistado B4 afirma: “Não existe um movimento ideológico igual ao movimento conservador, igual à direita, que é muito maior do que ele”. Há também críticas ao uso pejorativo do termo, que seria utilizado para desqualificar seus apoiadores como fanáticos, como também enfatiza B4: “Eu acho que esse termo bolsonarista é mal empregado (...) É usado muito pejorativamente pela mídia”. De maneira geral, para muitos, o bolsonarismo existe enquanto Bolsonaro representar os anseios conservadores; caso ele se desvie desses ideais, o movimento pode perder força.

Analisando os dois blocos de trechos das entrevistas de apoiadores de Lula e de Bolsonaro, recorreremos a Silva (2018), para quem o personalismo político emerge em contextos de crise da representação na América Latina, sendo caracterizado pela exaltação da figura do líder, cujo carisma e atributos pessoais superam o papel das instituições formais, como partidos políticos. Nos dois grupos de entrevistados há um reconhecimento do peso dos partidos, mas uma ênfase na centralidade das figuras de Lula e Bolsonaro.

O personalismo, conforme o artigo de Silva (2018), se diferencia do populismo por focar na liderança como o elemento central, enquanto o populismo se baseia na relação direta entre o líder e o povo. Nas falas sobre Lula, observa-se que ele é amplamente reconhecido como uma liderança transformadora que ultrapassa o Partido dos Trabalhadores (PT). A fala de A1 exemplifica essa relação ao afirmar que Lula “é maior que o PT”, consolidando o lulismo como um movimento de opinião pública forte, que se conecta tanto às classes populares quanto aos intelectuais. Esse cenário está em consonância com a ideia de que o personalismo político na América Latina é

impulsionado por uma cultura de desconfiança nas instituições e valorização de líderes carismáticos.

A crise de representação, destacada por Silva (2018), é um elemento fundamental para compreender esse fenômeno, apontando para como o enfraquecimento dos partidos políticos e a descrença nas instituições contribuem para o surgimento de lideranças personalistas. Isso é refletido na fala de A2, onde Lula é descrito como uma figura incontestável dentro do partido e também como uma liderança que dialoga diretamente com a militância e a população em geral. Por outro lado, as falas de A4 e A5 reconhecem que o PT deve se preparar para uma era “pós-Lula”, evidenciando a dependência do partido em relação à sua liderança carismática.

No caso de Bolsonaro, ele é construído como uma liderança que se torna maior que as instituições, não importando em qual partido ele resolva estar combinando elementos populistas e antipolíticos. A fala de B3, por exemplo, ilustra como Bolsonaro influencia diretamente na identidade política de seus apoiadores, especialmente por meio de seu estilo “aguerrido” e “beligerante”. Entretanto, há também uma diferenciação feita em B4 e B5, que apontam ser o bolsonarismo um movimento heterogêneo, com valores conservadores mais amplos que podem existir independentemente da figura do líder.

A confiança reduzida nas instituições políticas na América Latina, apontada no artigo como um catalisador para o personalismo, se reflete na percepção de que líderes como Lula e Bolsonaro preenchem lacunas deixadas pelos partidos, estabelecendo vínculos diretos com suas bases de apoio. A fala de B1 ilustra bem essa dinâmica ao destacar que Bolsonaro é visto como uma liderança que representa valores conservadores, mesmo que o “bolsonarismo apaixonado” seja rejeitado em favor de um alinhamento mais pragmático.

Assim, tanto o lulismo quanto o bolsonarismo reforçam a tese de Silva (2018) de que a crise de representação na América Latina cria condições propícias para o desenvolvimento do personalismo político. Esses movimentos demonstram como líderes carismáticos podem se tornar centrais na vida política, personificando valores e ideais que, muitas vezes, transcendem os partidos e as estruturas institucionais. Contudo, também apontam para os desafios de construir uma democracia de partidos sólida e independente de figuras centralizadoras.

3.5 Relação com a Democracia Brasileira

As perguntas feitas nesse bloco nortearam a percepção dos entrevistados em relação ao papel dos líderes Bolsonaro/Lula na defesa da democracia do Brasil, além de tentar mensurar os impactos dessas lideranças na forma como os brasileiros enxergam a política.

Vejam os trechos de entrevistas com apoadores de Lula:

Ele é um democrata que não negocia a questão da democracia, não apenas ideologicamente falando, mas também na prática. Os governos do Lula foram governos de ampla participação popular, conferências, diálogo. Ele é um defensor irrestrito da democracia, um democrata de ideologia e de prática. O Lula de fato causou um impacto na percepção de como as pessoas enxergam a política, porém, uma das falhas dos outros governos de Lula foi não ter dado atenção à educação política do povo brasileiro. Esse é o problema: se critica muito a questão da comunicação, já é algo que todo mundo fala, a grande questão é que o povo brasileiro é um povo de baixa educação política, de baixo capital cultural. Então faltou uma educação política associada às questões, como por exemplo, o Bolsa Família. Ganhar é muito bom, você receber todo mês, aquele dinheiro tal, mas qual é a contrapartida? não é que você tem votar naquele governo. Eu acho que poderia ter aproveitado (...) claro você tem as amarras, a questão da vacinação, da criança tá na escola, de ser entregue para as mulheres, o que é fantástico e tal, mas tem essa falha, que é uma falha de não se pensar em uma autonomia para essa pessoa e também não ter a educação política, não apenas do Bolsa Família, (...) acho que isso foi uma falha, em muitas políticas públicas no governo Lula, de não associar isso a uma educação política. E agora? O negócio do pé-de-meia, bolsa para os jovens, concordo, eu não discordo disso, agora, é só o dinheiro? Você ter aí um processo de educação política, que eu acho que é uma falha, que poderia ter feito, como na educação como um todo. É uma outra crítica que eu faço!” Tudo bem, o que é que acontece nos dois governos Lula e Dilma? Se aumentou em termos quantitativos, se aumentou as universidades, os institutos federais, PROUNI, FIES, mas eu acho que era necessário um salto de qualidade na educação brasileira, poderia tá sendo feito agora e não está. Então essa é mais uma crítica que eu faço: uma falta de pensar uma política mais estrutural de mudança para educação brasileira. (A1)

Lula é um grande defensor da democracia, ele é um cara muito democrático, desde a época do sindicato, lá atrás, acho que até pelo fato dele ter passado por um período muito difícil, né? Da ditadura militar. Mas ele é um grande defensor da democracia, tanto que em seus governos deram ênfase às conferências, aos conselhos. Temos aí um grupo que sabemos que não defende a democracia. Tivemos um governo aí anterior que devastou a democracia. Então eu acredito que ele se diferencia justamente por isso: foi dada ênfase às conferências de saúde, conselho de alimentação e isso é uma forma genuína de participação popular. (A3)

O papel de Lula na defesa de democracia é fundamental. Ele hoje é a principal referência que a gente tem no Estado Democrático de Direito. É um cara que sofreu um processo condenatório ilegal, injusto, midiático, com uma justiça toda corrompida, que tinha um único objetivo, que era tirá-lo da eleição de 2018. Conseguiram fazer isso. Prenderam o presidente Lula e aceitou a prisão. Ele não fugiu, não fez nenhum outro tipo de movimento, saiu da prisão, é provado que tudo que fizeram contra ele foi uma fraude. Ele disputa eleição e vende eleição. Então esse cara é a maior referência

democrática que faz tempo. E respeito à constitucionalidade e à regra do povo, com certeza, é um dado que vai ficar marcado para a história do Brasil. (...) Acompanharam o desenrolar dos governos do PT, não viveram o que foram os governos de Fernando Henrique Cardoso, viveram os quatro anos do governo Bolsonaro, então a referência que as pessoas têm no governo Lula, principalmente da juventude, é muito grande. (A4)

O entrevistado A4 enfatiza a trajetória de Lula como símbolo de resiliência democrática, destacando sua postura diante das adversidades enfrentadas, incluindo perseguições judiciais e políticas. Para o entrevistado, a forma como Lula lidou com essas situações reforça sua posição como uma referência central na defesa da democracia brasileira. Nesse contexto, A4 afirma:

É um cara que sofreu um processo condenatório ilegal, injusto, midiático, com uma justiça toda corrompida, que tinha um único objetivo, que foi tirar ele da eleição de 2018. Conseguiram fazer isso. Prenderam o presidente Lula e aceitaram a prisão. Ele não fugiu, não fez nenhum outro tipo de movimento, saiu da prisão, é provado que tudo o que fizeram contra ele foi uma fraude. (...) Ele disputa e vence a eleição. (A4)

De maneira geral, os entrevistados concordam que Lula é um defensor inquestionável da democracia, destacando sua trajetória desde a luta contra a ditadura até a implementação de políticas participativas, como conferências e conselhos, em seus governos. Como destaca A1:

Ele é um democrata que não negocia a questão da democracia, não apenas ideologicamente falando, mas também na prática, os governos do Lula foram governos de ampla participação popular, conferências, diálogo, ele é um defensor irrestrito da democracia, o Lula é um democrata de participação, de ideologia e de prática. (A1)

Além disso, os entrevistados ressaltam o impacto social ao promover a inclusão de populações historicamente restauradas, especialmente pobres, negros e nordestinos, por meio de programas como o Bolsa Família e a expansão do acesso ao ensino superior. Ressaltam também sua forte conexão com o povo, que o vê como um líder próximo e representativo, com um estilo de governar marcado pelo diálogo, pela busca de consensos e pela defesa dos direitos sociais.

Vejam agora a percepção dos entrevistados apoiadores do ex-presidente Bolsonaro:

Ele é o maior defensor da democracia do Brasil. Ele é o maior defensor das nossas liberdades individuais. E a democracia, ela envolve liberdade. Sem

liberdade não tem democracia, que é exatamente isso. Porque a gente tem a repressão. Ele, na verdade, surgiu como uma grande esperança. Um cidadão que pensa como um cidadão comum, que verbaliza, que se comunica como um cidadão comum e que chegou à presidência do país contra todo o sistema. Então, ele enfrentou o sistema, que era algo que os cidadãos comuns sempre reclamaram e ele conseguiu enfrentar esse sistema e ter êxito. Então, ele tem um mérito que é dele. Ele fez com que as pessoas tivessem essa consciência do que é ser conservador. Porque até então, muitas pessoas nem se relacionavam com a política, não acompanhavam. Então, as pessoas passaram a entender mais de política e de participar mais da vida política, porque a gente viu, pela primeira vez, uma polarização. O PSDB nunca foi de direita, nunca foi conservador. Ele, quando surge como essa figura conservadora, ele conseguiu realmente mostrar que existe a polarização, que existe dois modos realmente de se pensar, de se fazer política. E que fez o brasileiro mediano, o brasileiro comum, perceber que ele é conservador. A nossa população brasileira é predominantemente conservadora. É uma população que é predominantemente cristã, que valoriza a família, que é o capitalismo, que quer viver numa democracia, que valoriza a vida. Então, ele foi a pessoa que instigou o brasileiro a entender mais de política, a acompanhar a política. Hoje em dia todo mundo sabe os nomes do ministro do STF, na minha época ninguém sabia, minha mãe, ninguém sabia. Então, ele realmente fez surgir esse sentimento do brasileiro, de participar mais ativamente. (B1)

Enquanto o Bolsonaro esteve à frente da presidência, o Brasil só fez acordo, só se aproximou, na maioria das vezes, de países democráticos. Teve ali os acidentes na Cuba, como a Arábia Saudita, enfim. Mas, comparado a essa gestão atual, comparado a partidos de esquerda que defendem proximidade do Brasil com Hamas, com Hezbollah, com outros grupos terroristas ou até mesmo ditaduras que estão instaladas no nosso próprio continente, como Venezuela, Cuba, um pouco mais acima. Enfim, nós não vimos o presidente Bolsonaro se aproximar, muito pelo contrário. Nós tivemos a maior distância, desde a época de FHC, desse tipo de regime. Então, dos políticos que temos atual, eu considero o Bolsonaro sendo o mais democrático, que defende fervorosamente a democracia e, realmente, a independência das instituições. É óbvio que tem muito que deixa ainda a desejar, mas, comparado aos políticos que temos hoje, eu acredito que Bolsonaro é o mais próximo que a gente tem de outro sistema. (B2)

Primeiro a gente tem que separar o que é democracia, né? O que a gente tem visto nas mídias, na televisão, pela fala dos ministros do STF, pelo atual governo, seus pares, a democracia que eles pregam não é democracia. Eles usam a tática de distorcer o sentido, o conceito das palavras. Uma coisa que a gente vê muito em George Orwell, né? Quando ele fala isso, a distorção das palavras, dos conceitos. E, como diz ele, quem controla a linguagem controla o pensamento. E, infelizmente, a democracia nem sempre é 'presa' pelo bem. E quando a gente vê um povo emburrecido, perdido nos valores e acomodado em ganhar tudo do Estado, eles ficam incapazes de exercer uma boa democracia. E Bolsonaro, sim (...) ele é defensor dessa postura de desenvolver o povo, não só construções, de dar ao povo a liberdade de produzir, de se estabelecer, de se desenvolver, eu creio que sim, ele defende a democracia, da forma como é interessante ser. O aparecimento de Bolsonaro no cenário político permitiu que o povo começasse a entender realmente como se faz política. O maior impacto de Bolsonaro, como os brasileiros verem a política, é a possibilidade de ver certo e errado, bom e mal. E está faltando o desenvolvimento de uma mentalidade mais aguerrida, mais belicosa do povo, de cobrar os seus direitos e deixar de ser capacho daqueles que estão no controle, no governo. (B3)

Em relação à defesa da democracia, existe um ponto que nós que temos uma consciência política na direita entendemos que a democracia é um outro

nome dado para o socialismo, para o comunismo, para a implantação de um regime autoritário em passos, um regime autoritário colocado em passos. A democracia eu vejo dessa forma, a palavra democracia. Eu tenho mais admiração pela palavra república do que pela palavra democracia. Eu acho que ser democrático, num sentido positivo da palavra, é algo muito bom. E nessa parte positiva, o Bolsonaro é um cara altamente democrático, no sentido que a sociedade em geral entende pela palavra democracia. Mas num sentido mais interno, dessa questão do politicamente correto, que tentam impor a nós, brasileiros, eu acho que o Bolsonaro não entra dentro dessa esfera, inclusive a maioria das pessoas de direita gostam dele por conta disso, dele ser o cara que não é politicamente correto. E aí a mídia, a sociedade vai tratar ele como antidemocrático, como um cara que não segue as diretrizes que estão sendo impostas. Mas justamente por ser imposta, é perceptível que não é democrático. Quando algo é imposto dessa forma como é feita essa 'lactração' que existe hoje na sociedade, principalmente nas redes sociais e nas TVs, na grande mídia, essa lactração de querer impor certas coisas que a maioria da sociedade não concorda, especialmente o aborto, que é um dos temas que eu sou contra. (...) O impacto de Bolsonaro foi justamente por ele ser o cara que mais trouxe as pessoas para falarem de política no Brasil, então o impacto dele não posso dizer que é positivo ou negativo, porque isso vai depender da esfera política de cada pessoa, mas para mim foi extremamente positivo, ele fez o povo falar de política de uma forma até mais presente as pessoas se envolveram mais, tanto que agora está acontecendo um processo inverso. As pessoas estão começando a enjoar de política dos dois lados tanto da esquerda quanto da direita. As pessoas não estão querendo mais se envolver porque não querem entrar nesse embate e muitas vezes não sabem o que vão dizer, ou são conduzidas por notícias falsas na internet de ambos os lados ou não tem embasamento para entrar em determinadas discussões, então as pessoas estão ficando agora com medo, mas lá atrás as pessoas não tinham medo, falavam o que vinha na cabeça. (B4)

Ao fazer os mesmos questionamentos aos apoiadores de Bolsonaro, os entrevistados, concordam que Bolsonaro marcou profundamente o cenário político, despertando uma maior participação política, além de promover uma acentuação na polarização.

Contudo, há divergências sobre o significado de democracia, sua capacidade de promover mudanças estruturais e a consistência de sua postura política ao longo do tempo, como se expressa na fala de B3: “Primeiro a gente tem que separar o que é democracia, né? O que a gente tem visto nas mídias, na televisão, pela fala dos ministros do STF, pelo atual governo, seus pares, a democracia que eles pregam não é democracia.” O entrevistado B3 questiona a definição convencional de democracia, sugerindo que as versões apresentadas pela mídia e autoridades não correspondem à verdadeira democracia. Portanto, a ideia que ele implica é de que o conceito de democracia está sendo distorcido.

O entrevistado B4 direciona a problemática para as palavras e o suposto significado ou simbolismo por trás delas: “A democracia eu vejo dessa forma, a palavra democracia (...) Eu tenho mais admiração pela palavra república do que pela palavra democracia.” Dessa forma, para o entrevistado B4, o termo “democracia” é visto com ceticismo, sendo ele mais favorável ao conceito de “república”. Ele sugere que o uso de “democracia” esconde, em sua visão, uma agenda de imposição autoritária. Sendo assim essas divergências apresentadas refletem os diferentes níveis de apoio a Bolsonaro e, de certa forma, críticas ao seu legado.

Nesse ponto da entrevista, as ideias apresentadas pelos entrevistados começaram a assumir uma natureza cíclica, com os discursos frequentemente girando em torno das mesmas percepções sobre os líderes. Essa repetição reforça argumentos já apresentados, sem introduzir novas perspectivas ou expandir significativamente o debate, o que, de certa forma, evidencia a centralidade dos líderes como figuras carismáticas e polarizadoras na política brasileira.

Dessa forma, ambos os líderes, apesar de suas diferenças ideológicas, exemplificam a teoria de Weber, que Laureano (2020) expande, ao destacar como o carisma é consolidado e rotinizado em sistemas democráticos. Fica perceptível que Lula e Bolsonaro utilizam suas trajetórias e narrativas pessoais para estabelecer uma conexão emocional com seus seguidores, que não se limita a uma profundidade racional, mas se aprofunda em valores simbólicos que fortalecem a lealdade de suas bases. Essa dinâmica, que mistura repetição e reforço de ideias centrais, evidencia o papel de ambos como líderes carismáticos, capazes de mobilizar e influenciar suas respectivas bases políticas, mesmo diante de adversidades ou críticas. Assim, são duas figuras que se consolidam como pilares centrais no cenário político e são sustentadas pela interação entre dominação carismática e processos de identificação emocional.

3.6. Conexão Emocional e Imagem Política

As questões levantadas nesse tópico possuem um viés mais emocional. O ponto principal foi entender a relação dos líderes aqui focalizados com o povo brasileiro, além de focar na forma como os entrevistados enxergam as críticas da mídia em relação a esses líderes.

Vejam as falas dos entrevistados apoiadores do presidente Lula:

Em relação às críticas e acusações, eu estou do lado dele. É claro que nós temos que olhar tudo com olhar crítico, não tem problema nenhum. Agora em relação aos crimes que lhe imputam, a própria justiça já disse que, aquele negócio lá daquele duplex, um negócio ridículo, aquilo foi feito lá como uma grande perseguição. Ele é perfeito? Não! Ele tem defeitos? Sim! Mas em relação à conduta dele, em relação às críticas a ele, eu não tenho problema nenhum, eu sou um cara democrático, faz a crítica que eu debato, eu vou pro debate, tentando demonstrar pra pessoa que a crítica é infundada ou muitas vezes entender a crítica. Como eu disse ele não é perfeito, ele não é um deus, ele erra. É passível de crítica? Sim! Mas o que a mídia diz do Lula não me afeta porque eu conheço o Lula há muito tempo. Acompanho há muito tempo, então isso não muda a minha percepção. Sobre a imagem de Lula ter sido moldada... inclusive ele se tornou um cara mais flexível. Enquanto sindicalista ele era mais rígido e ao longo do tempo se tornou menos, pois é preciso dialogar e negociar. Ele era uma radical, não extremista, mas sim radical e hoje com as mudanças, ele se mantém coerente e é algo que eu valorizo. As bandeiras que ele defendia lá no início e hoje são as mesmas. (A1)

A relação de Lula com o povo brasileiro é uma relação muito próxima, o povo se vê em Lula, o povo se vê representado em Lula, o povo que passa fome, o povo que não tem emprego, o povo que não terminou um curso superior, o povo que quer uma casa pra morar. Os intelectuais que querem entender como é que um líder sindical chega à presidência da república, enfim, então, o povo se sente sim representado, né? É uma relação muito próxima, embora assim nestes últimos, pelo menos, cinco/dez anos aí, Lula tem aliás desde que ele foi eleito Presidente da República em 2003, que as ofensivas contra ele foram intensificadas, mas ele vem resistindo e ele vem resistindo porque o povo se sente representado por Lula e o povo defende Lula, a sua grande maioria, eu minha reação com a relação às críticas e acusações que Lula enfrenta uma é uma reação de indignação, de raiva, de não entender como é que as pessoas não percebem, né? O bem que Lula faz para o Brasil, é isso, as críticas e as acusações da mídia não afetam nem um pouco a minha visão sobre ele. Afeta minha visão sobre quem está fazendo. Que aí você já sabe de que lado, efetivamente, aquele setor da mídia está, qual é o lado que eles representam, que é o lado do opressor. Quem defende trabalhador, quem defende toda essa grande maioria do povo brasileiro que sofre, que precisa de políticas públicas, quem defende isso aí não faz crítica contundente a Lula. Óbvio que o governo tem que ser criticado, muitas vezes algumas críticas procedem, mas sobre a pessoa de Lula eu sempre considero extremamente, digamos assim, improcedentes, sempre considero uma coisa sem sentido, você fazer determinada acusações a Lula, por exemplo, dizer que Lula roubou, meu Deus do céu! Isso é uma coisa tão ridícula que já foi provado milhares de vezes que Lula não roubou nada de ninguém e ainda tem gente que tem isso na cabeça, fico indignada com isso. (A2)

Em relação ao que eu vejo na mídia, não me afeta, isso não me influencia, não afeta minha percepção sobre Lula, ele foi vítima de um processo de lixamento, chegando até ser preso, você sabe muito bem que ele poderia ter pedido anistia, poderia ter pedido pra sair do Brasil, né? E ele ficou pra enfrentar tudo isso, e foi perante os tribunais, perante as autoridades, porque exatamente, eu tenho plena convicção, plena consciência de que ele é exatamente essa pessoa que ele diz que é, ele está aqui para fazer o bem, o bem e a perseguição a Lula se dá porque ele defende os mais pobres isso e não é só com Lula, qualquer governante que vá lutar pelos mais pobres, vai sofrer o mesmo, ele não se rende ao poderio. Acredito que houve mudanças no comportamento de Lula, mas sem perder a essência, ele não perde a comunicação com a origem. (A3)

A classe média alta logicamente não gosta, não defende o que o Lula defende. Uma prova disso agora é que a gente está num debate nacional sobre a jornada de trabalho, que a gente não aceita mais a jornada sexta-feira. A gente quer melhorar isso, para que o trabalhador tenha direito de ficar pelo menos dois dias em casa com a sua família. É o que o Lula defende, já defendia, então, os patrões da classe média alta não defendem isso. Então, o Lula tem um segmento muito grande de pessoas que gostam dele, mas também tem gente que é contra. (...) As acusações da mídia não me afetam. O presidente Lula, acho que há 30 anos, vem sofrendo perseguição da mídia. Com mais ênfase, nos últimos 20 anos. Desde o mensalão, passando pela Lava Jato. Tudo que o presidente Lula sofreu, e tudo que ele sofre até hoje, e a gente ainda tem provado que tudo foi perseguição política, para tirá-lo do jogo político. (A4)

Todo político é amado e odiado e nesse momento da atual conjuntura brasileira quando o país ainda continua dividido. Ainda bem que o povo brasileiro na sua maioria ainda acredita que Lula é o mais competente para governar nosso país e o Lula dialoga bem com o povo brasileiro. Apesar dos negacionistas que se pudessem já tinham matado o Lula. (...) a mídia como o mercado, servem aos seus interesses e tenta manipular a população como fizeram com a ex-presidenta Dilma Rousseff até sua cassação injusta. As críticas não me afetam, porém, analiso e acompanho para entender de fato onde eu possa estar errando, a minha percepção é que até agora ele acertou mais do que errou. (...) Ao longo dos anos Lula foi se aperfeiçoando e percebendo o que a sociedade esperava dele como homem público e capaz de governar nosso país agora pela terceira vez. Esse tem sido um dos seus grandes feitos o de se ressignificar. (A5)

De maneira geral, todos os entrevistados defendem Lula e minimizam as críticas e acusações contra ele, enfatizando que tais ataques são motivados por interesses políticos e econômicos. De alguma forma todos afirmaram que a mídia não interfere na percepção acerca de Lula.

É preciso destacar que em um contexto em que as críticas a figuras públicas como Lula geram intensos debates, a fala do A1 reflete uma postura defensiva, mas também pragmática, sobre a forma como as acusações são vistas e respondidas. Dessa forma, A1 discorre que:

Em relação às críticas e acusações, eu tô do lado dele, é claro que nós temos que olhar tudo com olhar crítico, não tem problema nenhum, agora em relação aos crimes que lhe imputam, a própria justiça já disse que, aquele negócio lá daquele duplex, um negócio ridículo, aquilo foi feito lá como uma grande perseguição, ele é perfeito? Não! Ele tem defeitos? Sim! Mas em relação à conduta dele, em relação às críticas a ele, eu não tenho problema nenhum, eu sou um cara democrático, faz a crítica que eu debate, eu vou pro debate, tentando demonstrar pra pessoa que a crítica é infundada, ou muitas vezes entender a crítica, como eu disse ele não é perfeito, ele não é um deus (A1)

Dessa forma, para A1, apesar de tudo, há uma visão clara sobre a necessidade de análise crítica. Sem perder a capacidade de o defender em face das acusações, ele ressalta a importância do debate e da reflexão, enquanto reconhece que, embora Lula tenha defeitos, as críticas a ele muitas vezes não são justas.

Muitos dos entrevistados também reconhecem que Lula evoluiu ao longo dos anos, especialmente no contexto político, de uma postura mais rígida, quando sindicalista, para uma postura mais flexível como presidente. Essa mudança é vista de forma positiva, como uma adaptação necessária ao processo político.

As divergências se concentram nas nuances de como os entrevistados percebem a relação de Lula com o povo e como as críticas da mídia impactam a opinião pública. Enquanto alguns enfatizam a identificação do povo com Lula e sua resiliência diante das acusações, outros abordam a complexidade das reações sociais, especialmente entre as elites.

A percepção da relação de Lula com o povo brasileiro, portanto, não é monolítica para os entrevistados. Para A2: “A relação de Lula com o povo brasileiro é uma relação muito próxima, o povo se vê em Lula, o povo se vê representado em Lula, o povo que passa fome, o povo que não tem emprego, o povo que não terminou um curso superior, o povo que quer uma casa pra morar”. Essa fala destaca uma relação de representação e empatia, com o povo se sentindo incluído, representado e defendido por Lula, especialmente em relação às questões sociais e econômicas que afetam as classes populares.

Por outro lado, para A4 e A5 a questão não é tão simples assim, pelo contrário, está carregada de nuances, como aponta esse trecho de A4:

A classe média alta logicamente não gosta, não defende o que o Lula defende. Uma prova disso agora é que a gente está num debate nacional sobre a jornada de trabalho, que a gente não aceita mais (...). A gente quer melhorar isso, para que o trabalhador tenha direito de ficar pelo menos dois dias em casa com a sua família. É o que o Lula defende, já defendia. Então, os patrões da classe média alta não defendem isso. (A4)

A fala de A4 ilustra bem a resistência das elites e a divisão entre classes sociais. A fala evidencia que, enquanto Lula tem grande apoio das classes mais baixas e trabalhadoras, há uma oposição clara por parte da classe média alta, que não apoia suas

propostas e políticas voltadas para a redistribuição de renda e melhoria das condições de trabalho. Seguindo para a questão da polarização social, A5 discorre que:

Todo político é amado e odiado e nesse momento da atual conjuntura brasileira, quando o país ainda continua dividido, ainda bem que o povo brasileiro na sua maioria ainda acredita que Lula é o mais competente para governar nosso país e Lula dialoga bem com o povo brasileiro. Apesar dos negacionistas que se pudesse já tinham matado o Lula. (A5)

Dessa forma, enquanto A2 vê Lula como uma figura de proximidade absoluta com as camadas populares, A4 e A5 abordam uma complexidade que reconhece a resistência das elites, em um cenário de polarização social. Essas diferentes visões dos entrevistados refletem, de certa forma, a realidade de uma sociedade dividida, onde o apoio a Lula pode ser forte e incondicional entre os mais pobres, mas também fortemente contestado pelas elites e setores conservadores da sociedade.

Levando em conta o trabalho de Southier (2022), o populismo se torna uma teoria extremamente relevante para compreender a relação entre Lula e seus seguidores. Nas falas de A1, A2 e A3, o reconhecimento de Lula como alguém que “representa o povo” e que é vítima de perseguição política reflete o conceito de “populismo como lógica política” de Laclau. A ligação direta entre Lula e o povo brasileiro, destacada nessas falas, reforça sua capacidade de mobilizar apoio com base na identificação e no afeto, características fundamentais do populismo progressista, descrito por Southier (2022) e outros.

Vejamos os trechos das entrevistas com os apoiadores do ex-presidente Bolsonaro:

O pessoal vem chegando nos aeroportos, nos lugares, o lugar mais longínquo, que você jamais vai imaginar, sei lá, no interior de Pernambuco, por exemplo, e as pessoas todas sabem que é Bolsonaro. As pessoas se mobilizam para encontrá-lo, se vestem camisas com a figura dele, compradas do seu próprio dinheiro, eu nunca vi nada parecido na vida. (...) Sobre as acusações da mídia, me afeta muito, porque... não consigo ver alguém ser injustiçado e não me compadecer, não me afetar por isso, não me sentir atingida por isso. Do mesmo jeito pode ser a culpa. Pode acontecer comigo, pode acontecer com qualquer pessoa. (...) a grande mídia o colocou como um demônio e influenciou muitas pessoas. Do mesmo jeito, pode acontecer comigo, pode acontecer com qualquer pessoa. (B1)

Olha, com relação à proximidade do povo, mais uma vez, ele é o político que mais se aproxima do povo. Tanto é que, quando ele foi

eleito, ele foi eleito pelo quê? Pelo sistema? Não, não foi. Por partido político? Não. Ele tinha o menor partido político com oito segundos no tempo de televisão. Foi com o fundo eleitoral? Não, não foi. O partido era, como eu falei, era nanico. Então, por que ele foi eleito? Ele foi eleito porque ele já, lembrando que ele já estava à frente nas pesquisas, antes do atentado. Tem gente que atribui a vitória dele ao atentado que ele sofreu, mas ali ele já estava bem à frente. Ele chegou onde chegou por defender o que a população, a maioria da população brasileira já pensavam e já defendiam. Então, assim, Lula chegou... Depois de três eleições seguidas, ser derrotado, com a aglomeração toda da esquerda e caminhando também para o centro. Bolsonaro chegou pelas ideias. E sem contar que Lula teve que fazer vários acordos para chegar. Bolsonaro foi pelas ideias que ele já defendia. Então, o grande diferencial dele para os demais políticos é esse. Aglomerar, fazer manifestações gigantescas, sem contar com a máquina, sem contar com a mídia. (B2)

A relação dele com o povo brasileiro é realmente positiva, mas infelizmente ainda não comunica o necessário, o principal, a base. A base da mentalidade do povo não está sendo trabalhada por ele. Eu acho que essa relação emocional que ele gerou no povo, falta uma relação racional. (...) e eu acho que a mídia já perdeu toda a credibilidade, e eu não consigo mais ver uma reportagem, confesso, não dá pra ver mais uma reportagem da Globo, muitas das mídias abertas estão perdidas, e não me influencia muito porque eu também nem acompanho. As acusações dele, da mídia, tem muita coisa... Eu leio livros, eu gosto de ler livros de diferentes autores, eu gosto de ouvir o conselho do professor Olavo, que diz pra não ler um livro já com pré-julgamento. Eu gosto de ler o livro, entender a ideia do autor, e depois fazer o juízo de valor, segundo os valores e princípios que eu acredito. (...)a influência da mídia na mentalidade pública acaba atrapalhando muito nessa construção da imagem dele. Por isso que eu acho que ele mesmo ter ganhado uma eleição já foi uma coisa até que meio milagrosa. Mas aí o povo não respondeu bem na sequência. Deveria ter sido mais expressivo o apoio a esse sentimento, a esse desejo mais conservador, que o Brasil é muito mais conservador ainda, mas influencia muito a opinião pública, o que está na mídia, porque o povo ainda é muito dependente de televisão, de programinhas diários, e aí acaba dominando. (B3)

E acho que ele é apaixonado pelas pessoas de bem do Brasil. Ele é fã do povo, povo que não é da política. A população comum. Isso pelo contato que eu tive com ele pessoalmente e acompanhar as redes sociais e ver o comportamento dele. Eu vejo que quem é envolvido com política, ele não tem tanto esse apreço, esse carinho, essa coisa mais paternalista. Mas com a população mais comum, que não tem esse envolvimento com política, esse jogo de interesses explícito, eu vejo que ele tem uma relação muito agradável com essas pessoas que são a maioria. Eu vejo que ele quer muito bem essas pessoas que não têm a informação que a gente tem. A gente que faz parte desse movimento político no geral. Então, eu acho que o Bolsonaro tem esse carinho pelas pessoas. Eu acho que o Bolsonaro, ele tem uma relação próxima por conta das redes sociais, onde ele publica diariamente e as pessoas podem interagir nos comentários com a publicação. (...) eu não confio na mídia como um todo, na grande mídia em geral. Eu perdi qualquer tipo de senso de credibilidade em relação à grande

mídia. Eu perdi a fé na mídia justamente porque ela têm um discurso político ideológico socialista. Eles têm um viés de esquerda explícito. A maioria dos canais de comunicação do Brasil, a grande mídia, tem um viés de esquerda. E eu não sinto credibilidade quando assisto a falas negativas contra Bolsonaro. Até coisas que eu sei que são verdadeiras. Quando são faladas pela grande mídia, eu prefiro ficar do lado dele, pela forma como a informação foi trazida, tá entendendo? O sentimento que eu tenho em relação à mídia é de repugnância, de repúdio. De não aceitar o que a mídia fala como confiável. Eu perdi a fé na mídia. E aí tem novos canais que estão sendo criados, novas fontes de informação que muitas vezes conseguem fazer uma crítica até inteligente do Bolsonaro, ponderada. Essas críticas, sim, eu levo em consideração. (B4)

A percepção dos entrevistados apoiadores do ex-presidente Bolsonaro soa semelhante à dos apoiadores de Lula entrevistados, no ponto em que eles também afirmam que não se deixam influenciar pelo que a mídia divulga. Todos os entrevistados criticam a grande mídia, considerando-a enviesada, com motivações ideológicas de esquerda. Há consenso de que a mídia tradicional tentou moldar Bolsonaro de maneira negativa, o que, paradoxalmente, reforçou sua conexão com parte do público que passou a desconfiar dos meios de comunicação. De acordo com o entrevistado B3:

Eu leio livros, gosto de ouvir o conselho do professor Olavo, que diz pra não ler um livro já com pré-julgamento. (...) E eu acho que a mídia já perdeu toda a credibilidade, e eu não consigo mais ver uma reportagem, confesso. A influência da mídia na mentalidade pública acaba atrapalhando muito nessa construção da imagem dele. (B3)

Essa fala do entrevistado B3 reflete uma certa desilusão com os meios de comunicação tradicionais e a adoção de um posicionamento crítico, orientado por valores pessoais em combinação com a adoção de referências ideológicas alternativas, a exemplo do professor Olavo de Carvalho, que ele cita expressamente. Seguindo por um caminho semelhante B4 afirma: “Eu perdi qualquer tipo de senso de credibilidade em relação à grande mídia. (...) Eles têm um discurso político ideológico socialista. Eles têm um viés de esquerda explícito”.

Elicitadas pelas questões deste bloco surge a ideia de Bolsonaro como um *outsider*, ou alguém fora do "sistema político tradicional", ganhando ênfase em diversas falas dos entrevistados. De acordo com B2:

Ele foi eleito porque ele já, lembrando que ele já estava à frente nas pesquisas, antes do atentado. (...) Ele chegou onde chegou por

defender o que a população, a maioria da população brasileira já pensavam e já defendiam. (...)Bolsonaro foi pelas ideias que ele já defendia. (...) Então, o grande diferencial dele para os demais políticos é esse. (B2)

Essa fala de B2 sugere que Bolsonaro não ascendeu ao poder por meio de acordos políticos tradicionais, mas por representar diretamente os valores e pensamentos de grande parte da população, posicionando-o como um *outsider* do *establishment* político.

Reforçando o mesmo entendimento, B1 afirma que: A partir do momento em que ele incomoda o sistema, o sistema vai todo contra ele. E a grande mídia faz parte do sistema. Então, a partir do momento em que o viram como ameaça ao sistema, ao mecanismo, aí, realmente resolveram atacá-lo”.

A maioria dos entrevistados também considera que Bolsonaro tem uma relação estreita com o povo, marcada por um apoio espontâneo, uma imagem de autenticidade e forte apelo emocional. Nesse ponto, B1 afirma que: “As pessoas se mobilizam para encontrá-lo, vestem camisas com a figura dele, compradas do seu próprio dinheiro. Eu nunca vi nada parecido na vida”.

Por outro lado, alguns entrevistados sugerem que essa relação, embora próxima, precisa ser aprofundada em termos de comunicação estratégica, valores racionais e alcance político mais amplo. Para B4: “Eu vejo que ele tem uma relação muito agradável com essas pessoas que são a maioria (...) Então, por conta da rede social, ele tem uma relação próxima.” Sendo assim, talvez a relação virtual e emocional não seja suficiente para lidar com a complexidade política, o que limita a efetividade dessa proximidade.

Analisando os relatos de seguidores de ambos os líderes mostram como o personalismo político destacado por Silva (2018) e Rocha (2024) se manifesta na lealdade emocional dos eleitores. Enquanto Lula é visto como alguém que resistiu às adversidades e se mantém próximo ao povo, como presente nas falas de A1 e A2, Bolsonaro é exaltado por seu contato direto com a população via redes sociais e por sua oposição à grande mídia, de acordo com B3 e B4. A polarização, definida como afetiva por Rocha (2024), é evidente nos discursos de apoio e rejeição às críticas feitas aos dois líderes.

Além disso, tanto nas análises de Silva e Lopes (2021) quanto nas de Maitino (2020), observa-se que líderes populistas frequentemente se posicionam contra instituições democráticas tradicionais. Essa dinâmica é refletida na fala de A5 e B4, onde os entrevistados desconfiam da mídia e das elites como “opressores” ou defensores de interesses contrários aos do povo [rever aproximação de Lula e Bolsonaro nesse ponto].

De maneira geral, ambos os grupos entrevistados expressam desconfiança em relação à mídia, descrita como tendenciosa e parcial. Essa postura está alinhada com as análises de Silva e Rodrigues (2021) sobre o uso de narrativas contra elites ou instituições para reforçar a legitimidade dos líderes.

Portanto, nesse tópico, as falas dos entrevistados dialogam diretamente com os conceitos de populismo, personalismo político e liderança carismática, indicando como a relação afetiva e simbólica entre líderes e seguidores se consolida em cenários de polarização e crises de representação democrática.

3.7 Percepção de futuro e legado

Nesse ponto surgiram questões acerca de possíveis sucessores dos líderes políticos citados, a partir do questionamento dos entrevistados quanto ao futuro dos movimentos e claro, da influência desses líderes nessa possível continuidade.

Vejamos o que os entrevistados apoiadores do presidente Lula disseram:

Eu espero um Brasil melhor, ele já demonstrou essa capacidade aí, nos primeiros governos de transformação, uma série de coisas que Lula trouxe, o combate à miséria, a distribuição de renda, você ter um país que consegue distribuir renda e não quebrar, nessa mandato atual, nós temos a oportunidade de melhorar o país e ter menos pobre miserável, a minha militância política é por isso e sempre foi, a dele também, então eu acho que sem dúvida nenhuma o legado de Lula é um legado extremamente positivo para a sociedade brasileira, também pela forma de fazer política. (...) Então essa capacidade política dele, ele é um ‘animal político’, e bom! E eu acho que isso é uma característica muito forte, e tanto um legado também, nas pessoas que se miram nele, nas pessoas que querem fazer política como ele, com batalha, com luta, mas também com diálogo, acho que isso também é um legado do fazer política. E também a questão da possibilidade da pessoa que nasceu pobre, indigente, passando fome e se tornou presidente da república, também é um exemplo de vida para a sociedade brasileira. Sobre o sucesso ...acho que seria o Fernando Haddad. (A1)

Lula está deixando e vai deixar para as futuras gerações o legado mais importante que um povo, uma nação pode querer de um governante, que é a defesa intransigente ampla e irrestrita, da educação para todo mundo, da igualdade de oportunidades para todo mundo. Do combate a pior coisa que existe no mundo que é a fome, então isso jamais será esquecido, isso e tantas outras coisas, né? Jamais será esquecido pelo povo. E as futuras gerações que já usufruem, a geração de hoje, já está usufruindo dos benefícios que Lula, o legado que Lula deixou dos dois primeiros governos dele e as futuras gerações vão usufruir do que está sendo construído agora, principalmente, além das políticas públicas e da educação e da saúde, a defesa da democracia, né? Essas futuras gerações vão usufruir um país melhor, um país democrático, um país sem autoritarismo, sem preconceito, sem homofobia, sem racismo, sem (...) porque Luiz Inácio Lula da Silva está construindo isso e executando, né? A luta nesse sentido. Eu acho que, eu não acho muito essa história do lulismo e acho que acho que há uma simpatia por Lula, há um crédito de uma parte da população que não quer filiar ao partido, que não que não gosta muito do PT e que vota em lula, mas eu não considero isso um lulismo, um movimento. Eu acho que eu acho que as pessoas vão respeitar Lula sempre como respeitam o Mandela, como respeitam tantos outros líderes mundiais que lutaram por causas humanas né? Não continuar, as pessoas vão defender Lula e jamais vão esquecer, por conta, exatamente, dessa defesa intransigente da dignidade do ser humano que Lula faz. (A2)

Eu espero que as pessoas se inspirem nesse legado, estudem mais para compreender a grandiosidade desse homem, desse estadista, desse humanista, porque não é só ser presidente, é preciso ser humano, gostar de gente e isso não vale só pra ser presidente, também para todas as outras profissões. Eu espero que as próximas gerações se inspirem, para que se construa um Brasil melhor, Lula é uma pessoa respeitada a nível nacional. Sobre o futuro do lulismo, eu acredito que o movimento pode ter um fim, muitas pessoas votam no Lula, única e exclusivamente nele, e isso é preocupante. A respeito de um sucessor, é difícil prever, principalmente com essa conjuntura, mais ainda sim eu vejo Fernando Haddad como um bom nome, é um nome que transita muito bem em vários espaços, mas precisamos ver o que vai acontecer no futuro. (A3)

Olha, o legado do presidente Lula vai ser o maior legado que esse país vai ter do ponto de vista da política. De um líder político, de uma liderança política, a maior liderança da história do país e de um presidente que fez muito pelo país. (...) porque o legado dele é muito forte, a imagem dele é muito forte, é o que ele fez por esse país, foi muita coisa. E, logicamente, não é fácil você construir outra liderança como essa. Eu acho que nunca a gente vai ter essa capacidade de construir, nós vamos ter que ter capacidade de ter lideranças políticas preparadas que cheguem perto da história do presidente Lula. Acredito que essa é a grande missão do PT para o futuro, é mostrar ao Brasil que existe vida no PT pós o presidente Lula. Então, eu vejo a Haddad hoje como a maior liderança do PT, para futuramente, quem sabe, se apresentar e ser o nome que o PT possa trabalhar. Agora, eu acho que o PT tem que ter capacidade também de olhar para fora do PT, e não achar que é só o PT que a gente vai achar uma liderança de esquerda, uma liderança popular,

para lá na frente, ser usado como referência. Eu tenho, por exemplo, esse prefeito aqui de Recife, o João Campos, que é um jovem prefeito, é um cara que dialoga muito bem com a juventude, com o digital, com a rede social, e é um grande gestor. Um cara que sai do governo com 80% de aprovação popular, é candidato à reeleição e tem quase 70% dos votos, não é uma liderança qualquer. É um cara que merece ser olhado com atenção, e eu acho que a gente tem que ter capacidade. Eu acho que a gente tem que ter capacidade também de olhar outras figuras fora do PT, mas dentro do PT eu não vejo um nome melhor do que o ministro Haddad. (A4)

Lula deixará um grande legado para o país e o mundo, o seu exemplo e capacidade de enfrentamento e de colocar em prática o seu projeto político ficará para as próximas gerações de um grande exemplo, de um grande líder. Porém muitos vão querer apagar essa história principalmente se algum outro aventureiro voltar a governar esse país, como aconteceu em 2018. Isso é possível, pois estarmos num estado democrático de direito é dar liberdade ao povo de fazer suas escolhas mesmo algumas vezes errando e pagando muito caro por isso (...) nada se sustenta por muito tempo, após Lula outros e outras surgirão, pois, a sociedade e a história são muito dinâmicas, mas ficará o grande exemplo e história de um grande homem público. (A5)

Os entrevistados destacam o legado de Lula como um marco na história política e social do Brasil, valorizando conquistas como o combate à pobreza, a distribuição de renda, a defesa da educação e da democracia, e a luta pela dignidade humana. Lula é considerado um exemplo de liderança política, humanismo e superação pessoal. Dessa forma A2 afirma que:

Lula está deixando para as futuras gerações o legado mais importante que um povo pode querer de um governante: a defesa intransigente da educação e da igualdade de oportunidades. (...)As pessoas vão respeitar Lula sempre como respeitam o Mandela, como respeitam tantos outros líderes mundiais que lutaram por causas humanas. (A2)

Quanto ao futuro do lulismo, há consenso de que o movimento está fortemente associado à figura de Lula, mas enfrentará desafios para se sustentar após ele. Fernando Haddad é apontado como o sucessor mais viável dentro do PT, enquanto há também a sugestão de buscar lideranças fora do partido. Embora novas figuras devam surgir, o exemplo de Lula será lembrado como referência histórica e inspiração para futuras gerações.

Do lado dos entrevistados apoiadores do ex-presidente Bolsonaro oferecem uma visão multifacetada sobre o legado e o futuro do bolsonarismo no Brasil.

Vejam os trechos:

Não tem mais como voltar atrás, o movimento conservador se fortaleceu muito com a figura do Bolsonaro e isso não tem mais volta, não tem mais retorno. As pessoas passaram a se politizar mais, a entender mais de política do nosso país e muito, obviamente, não foi só por causa dele, mas muito por causa dele. Então, o benefício que ele já deu para nós...para a população é inquestionável. No caso, essa próxima eleição seria importante ver o futuro do bolsonarismo após Bolsonaro. Afinal, ele vai continuar se mantendo um grande líder, independentemente de estar com algum papel, com algum cargo político. A prova disso é o nosso momento atual, ele não tem nenhum cargo, mas ele continua sendo relevante. (...) Pra agora? agora não, mas... Nikolas Ferreira, para mim, é o grande líder do futuro. Aquele rapaz, se ninguém interferir, não atentar contra a vida dele, eu tenho certeza que ele vai ser presidente do Brasil, outro grande líder da direita é o Marcel van Hattem. Eu consigo enxergar lideranças genuínas da direita. (B1)

A gente vai determinar dependendo do impulsionamento da intelectualidade conservadora. O quanto a gente vai produzir de material, o quanto a gente vai escrever bem, o quanto a gente vai ajudar os nossos acadêmicos a desenvolver trabalhos nas universidades, moldar a cultura, porque é como dizem alguns, quem escreve a história é quem determina o vencedor (...) então, o legado para as futuras gerações vai depender muito de quem vai contar a história e de como essa história vai ser contada. Eu espero que o bolsonarismo seja mudado para um verdadeiro conservadorismo (...) eu espero que esse bolsonarismo seja moldado, seja mudado, seja melhorado e que a gente consiga ver o desenvolvimento de uma nação sobre bons valores, sobre bons princípios. A direita, bolsonarista, conservadora é o Nikolas Ferreira, sendo possível ser presidente do Brasil, mas no momento, Eduardo Bolsonaro, acho que seria o melhor nome. Creio que Flávio Bolsonaro seria um 'tiro no pé' para a gente, não confio na postura dele, mas Eduardo Bolsonaro seria o grande nome, apesar de, infelizmente, a sociedade ainda não ter muita boa aceitação com os filhos, mas vai depender muito também da militância, né? Não gostaria que Michele Bolsonaro fosse presidente, porque ela também está se rendendo a um discurso muito progressista, beirando ali o feminismo, e que tem que tomar muito cuidado para a gente não destruir o que foi construído até agora. (B3)

Então, em relação ao futuro do Bolsonaro, eu acredito que ele vá participar da próxima eleição. E já tem vários 'herdeiros' desse movimento dele, vários governadores querendo ser herdeiros da massa que ele consegue levar nos lugares. Mas eu acho que o herdeiro de Bolsonaro já é o deputado federal Nikolas Ferreira. Eu acho que é a figura hoje que consegue aglutinar mais bolsonaristas, entre aspas, muitas aspas, ao redor dele. (...) o Bolsonaro já é um cara bem mais velho e já, já, não vai estar mais dando conta dessa rotina e movimento que a política hoje exige de estar em várias regiões do país conversando com as suas lideranças. Acho que o Bolsonaro já está um pouco cansado, por conta da facada, ele tem problemas na região torácica. E também tem problemas de pele que

vem apresentando já há algum tempo. Depressão também já foram identificados em relação a ele, problemas de estresse. Então, para a qualidade de vida dele, inclusive, eu acho que a próxima eleição será a última eleição dele para presidente. E se ele for eleito, acredito que ele só vai fazer um mandato mesmo e já vai passar o bastão para novas lideranças. Mesmo eu acreditando que ele não tem interesse em passar isso, porque ele gosta de ser o centro das atenções. (B4)

Que mais pessoas possam entender que o Brasil é governado por interesses estrangeiros, geralmente baseados mais em motivações ideológicas do que financeiras e que o Brasil que o povo vive não é o Brasil que a Praça dos Três Poderes representa. É preciso entender também que o bolsonarismo não é uma corrente ideológica, não há doutrina, base filosófica... então a tendência é que vá se diluindo com o tempo. No entanto, o que se chama bolsonarismo hoje nada mais do que a canalização para o comando de um líder uma imensa insatisfação popular com as elites e as estruturas políticas, portanto, é muito provável que em algum grau, nível ou formato esse movimento persista. Penso que falar esse sucessor é bastante frágil no momento, creio que isso dependerá do momento que tal sucessão acontecer e de qual perspectiva se sobressair para a maior parte dos bolsonaristas. Se, por exemplo, a herança positivista que parte da população, bolsonaristas e o próprio Bolsonaro têm, talvez Tarcísio de Freitas seja um nome que alcance tal posto. Porém, se o movimento fluir para uma corrente menos rasa, atentando-se às questões mais profundas da vida social, tenho certeza que outros nomes figurarão entre as possíveis lideranças. (B5)

Enquanto alguns destacam que o movimento conservador se consolidou com Bolsonaro, levando a um aumento na politização da população e fortalecendo a direita, outros enfatizam que o movimento não deve ser limitado à figura de Bolsonaro, mas sim evoluir para um conservadorismo mais estruturado e intelectual.

Existe um tipo de certeza acerca da continuidade do movimento, mesmo após Bolsonaro, com destaque para nomes como Nikolas Ferreira, Eduardo Bolsonaro e Tarcísio de Freitas como possíveis sucessores. No entanto, alguns entrevistados expressam cautela, ressaltando que o bolsonarismo pode se diluir ou se transformar conforme novas lideranças e ideias surgem. Além disso, muitos acreditam que o futuro da direita dependerá da capacidade de formar uma base ideológica mais sólida e de superar as divisões internas, como afirma B5: “O bolsonarismo não é uma corrente ideológica, não há doutrina, base filosófica (...) Então, a tendência é que vá se diluindo com o tempo”.

Sobre as próximas eleições, as opiniões variam. Alguns acreditam que Bolsonaro ainda terá um papel relevante, enquanto outros veem um cansaço físico e político que

pode dificultar sua candidatura, de acordo com B3: “O legado para as futuras gerações vai depender muito de quem vai contar a história e de como essa história vai ser contada”. Em geral, a direita no Brasil é vista como um movimento em crescimento, mas que enfrenta desafios como a perseguição política e a necessidade de adaptação a novos tempos.

Partindo para interpretação de Ostiguy (2017) sobre populismo como uma abordagem sociocultural e relacional, é possível perceber uma certa conexão com as falas dos entrevistados, especialmente neste último tópico, que aborda o legado político de Lula e Bolsonaro

De acordo com Ostiguy (2017), o populismo é caracterizado pela relação direta e personalizada entre o líder e o povo, em que o líder é percebido como a personificação de uma verdade autêntica ou da essência do "nós" nacional. Nas falas de A1 a A5, essa dimensão é evidente ao descrever Lula como um “animal político” e “estadista humanista” que encarna os valores de dignidade, inclusão e combate à fome. O legado de Lula é percebido como muito mais do que um programa político, afinal, ele é visto como um exemplo vivo de superação e conexão com os setores populares, ecoando a ideia de Ostiguy (2017) sobre uma espécie de "fusão" entre líder e povo.

No caso de Bolsonaro, em B1 a B5, há também uma ênfase na personalização do poder e no papel central do líder como catalisador de um movimento político. A figura de Bolsonaro é descrita como um ponto de referência emocional e ideológico, com um forte apelo personalista e um antagonismo explícito em relação às elites e à mídia, o que se alinha à visão de Ostiguy (2017) de que o populismo opera por meio de performances transgressivas e anti-elitistas.

Ostiguy (2017) descreve o populismo como uma *flouting of de 'low'* (ostentação do baixo ou da pobreza), destacando uma estética e um estilo político que ressoam com setores populares. Partindo dessa premissa, Lula, nas falas de A2 e A3, é associado a uma política que enfatiza valores como inclusão, redistribuição e combate às desigualdades, que podem ser vistos como manifestações do *'low'* sociocultural e político-cultural. Sua trajetória pessoal de pobreza à presidência é um elemento central dessa narrativa.

Por outro lado, a referência que B1 e B5 fazem ao movimento conservador associado a Bolsonaro também incorpora elementos do *'low'*, especialmente no uso de

uma linguagem popular, ataques à elite, a exemplo da mídia, e conexão direta com o povo por meio das redes sociais. No entanto, as falas sugerem uma tensão interna no movimento, com preocupações sobre o futuro do bolsonarismo e as possíveis novas lideranças que poderiam assumir o legado.

Tanto para Lula quanto para Bolsonaro, as falas revelam que os seguidores enxergam seus líderes como figuras que deixam um legado profundo, mobilizador e identitário. Para Lula, o legado está associado à defesa da dignidade humana, igualdade de oportunidades e democracia, como pode ser notado nas falas de A2 e A4. Para Bolsonaro, o legado está mais relacionado ao fortalecimento de um movimento conservador e à politização da população em torno de valores nacionalistas e *anti-establishment*, questões percebidas com ênfase nas falas de B1 e B3.

A narrativa de ambos os líderes reflete o que Ostiguy (2017) chama de *narrativa afetiva* do populismo, em que emoções como orgulho, amor e indignação moral desempenham um papel central na mobilização de apoio e na perpetuação do legado.

Ostiguy (2017) argumenta que o populismo não é apenas um estilo de liderança, mas também um fenômeno sociocultural profundamente enraizado em identidades coletivas. Nas falas dos entrevistados, há uma preocupação com a continuidade dos movimentos lulista e bolsonarista após a saída de cena de seus líderes. No caso de Lula, o nome de Fernando Haddad é citado como um possível sucessor, como citam A3 e A4, enquanto, no caso de Bolsonaro, B1 e B4 citam nomes como Nikolas Ferreira e Eduardo Bolsonaro.

Essa preocupação reflete a tensão entre o personalismo do populismo e a necessidade de institucionalizar um movimento político para garantir sua longevidade, um ponto destacado por Ostiguy (2017) ao analisar a relação entre lideranças personalistas e estruturas organizacionais.

As reflexões teóricas de Ostiguy (2017) destacam como o populismo é performativo, relacional e emocional, e, ao final das indagações aos dois grupos, essa perspectiva se mostra especialmente reveladora. Visto que, tanto Lula quanto Bolsonaro emergem como líderes que transcendem a política convencional, estabelecendo conexões diretas com o povo e desafiando as normas *'high'* da política tradicional.

Contudo, os desafios de institucionalizar seus movimentos e assegurar a continuidade de seus legados evidenciam não apenas a força mobilizadora do populismo, mas também suas limitações e complexidades em contextos democráticos, onde a personalização excessiva do poder pode dificultar a construção de estruturas políticas sustentáveis a longo prazo.

Considerações Finais

Esta dissertação teve como objetivo analisar as diferenças e semelhanças entre o lulismo e o bolsonarismo na cidade de Campina Grande, com foco nos modos pelos quais os apoiadores das duas figuras políticas supracitadas constroem suas relações com elas e suas plataformas políticas. Diante do contexto de polarização política que perdura no Brasil, compreender como esses dois fenômenos se manifestam em uma cidade historicamente identificada com tendências políticas distintas do restante da região Nordeste se mostrou um campo de investigação relevante.

Através dessa pesquisa foi possível perceber que, no caso do lulismo, a adesão é fortemente ancorado em uma memória coletiva construída ao longo das últimas décadas, em especial a partir da associação entre o governo de Luiz Inácio Lula da Silva e a implementação de políticas públicas voltadas para a redução das desigualdades sociais.

Para os adeptos do lulismo, Lula representa não apenas um líder político, como tantos outros, mas um símbolo de ascensão social de um indivíduo socialmente advindo de uma camada pobre da população, de uma região estigmatizada do Brasil, e, através da inserção na luta dos trabalhadores construiu e capitaneou um projeto político de defesa dos mais pobres. Ações governamentais como o Bolsa Família, a expansão das universidades são questões apontadas como marcas do seu legado. Segundo a fala dos lulistas entrevistados, falhas na comunicação governamental e a falta de um sucessor forte foram elencadas como desafios para a continuidade do lulismo como força política coesa. A construção dessa imagem ao longo dos anos resulta em um apoio resiliente mesmo em momentos de crise política.

Já o Bolsonarismo, por sua vez, mostrou-se um fenômeno mais recente, que se consolidou rapidamente em Campina Grande, em grande parte por meio do discurso conservador e do uso intensivo das redes sociais. A pesquisa evidenciou que a adesão ao Bolsonarismo na cidade esteve fortemente associada a alguns fatores como: rejeição ao Partido dos Trabalhadores (PT), o apoio a pautas morais e religiosas e a percepção de Bolsonaro como um *outsider* político, capaz de romper com o *establishment* tradicional.

A rejeição dos setores progressistas da sociedade em relação ao discurso e práticas de Bolsonaro apareceu na fala dos bolsonaristas entrevistados como um fator determinante para a ascensão do bolsonarismo, mas também como uma fragilidade do movimento. Uma vez que sua coesão se baseia, em grande parte, na oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT) e a determinados valores progressistas, a ausência de um inimigo comum ou mudanças na conjuntura política podem comprometer sua capacidade de mobilização. Essa característica levanta questionamentos sobre a sustentabilidade do bolsonarismo no longo prazo, especialmente diante da necessidade de construir uma identidade política que vá além da negação do outro.

Um ponto relevante observado na pesquisa foi a diferença nos mecanismos de mobilização desses dois grupos. Enquanto o Lulismo tem uma base tradicional de engajamento político, vinculando-se com sindicatos, movimentos sociais e organizações partidárias, o Bolsonarismo se destacou pela sua capilaridade digital, com um ativismo baseado na disseminação de informações e na mobilização espontânea em redes sociais. Essas diferenças também se refletiram nas formas de engajamento presencial, com o lulismo tendo maior presença em eventos sindicais e partidários, e o bolsonarismo mobilizando seus adeptos em manifestações públicas de caráter mais difuso, muitas vezes pautadas por acontecimentos políticos de grande repercussão.

Uma contribuição relevante desta pesquisa é a confirmação de que tanto o lulismo quanto o bolsonarismo estão ancorados em um modelo de liderança carismática, conforme apontado por Weber, citado nos trabalhos de Sell (2013) e Laureano (2020). Ambos os movimentos são fortemente personalizados e dependem de seus líderes para mobilização e coesão interna. Essa dinâmica implica desafios para a institucionalização desses projetos políticos, que podem se fragilizar na ausência de seus principais expoentes.

Um dos desafios do terceiro mandato de Lula apontados pelos seus apoiadores foi a dificuldade do lulismo se adaptar ao novo ambiente digital, especialmente diante da ascensão do bolsonarismo, que consolidou sua base por meio das redes sociais e de uma comunicação ágil e segmentada. Enquanto o Bolsonarismo estruturou sua mobilização digital a partir da disseminação de conteúdos virais e do engajamento espontâneo de seus apoiadores, o lulismo, historicamente, manteve uma comunicação mais tradicional, ancorada em sindicatos, movimentos sociais e partidos políticos.

Entretanto, mudanças recentes indicam um esforço por parte do governo Lula para reformular sua estratégia digital e disputar espaço nesse novo ambiente. Conforme reportado por Carlucci (2025), da CNN, a chegada de Sidônio Palmeira à Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom) marcou uma transformação na linguagem das redes sociais de Lula. Antes caracterizadas por um tom mais institucional e formal, as publicações passaram a adotar uma abordagem mais dinâmica, inspirada na estratégia digital do prefeito de Recife, João Campos. Segundo Carlucci (2025), a reformulação inclui o uso de vídeos curtos no estilo *TikTok*, maior interação com tendências da internet e uma linguagem mais acessível ao público.

Essa mudança não apenas demonstra um reposicionamento estratégico do lulismo no ambiente digital, mas também reforça a construção da *persona* do presidente. Como apontado por especialistas entrevistados na matéria, a nova abordagem busca aproximar Lula da população, apresentando-o como um líder acessível e próximo do cotidiano das pessoas. Essa adaptação sugere que o lulismo está tentando superar um de seus desafios centrais: a dificuldade de comunicação direta e efetiva com setores da sociedade que hoje estão mais conectados às redes sociais.

A atualização da comunicação do Lulismo reforça, ainda, um dos principais achados desta pesquisa: tanto o Lulismo quanto o Bolsonarismo são fenômenos políticos fortemente personalizados, nos quais a figura do líder desempenha um papel central na mobilização de seus apoiadores. Se, por um lado, o bolsonarismo se estruturou rapidamente com base na rejeição ao PT e na difusão de discursos conservadores por meio das redes sociais, o lulismo, por outro, busca agora incorporar novas estratégias para ampliar seu alcance e consolidar sua presença digital.

Dessa forma, a disputa política entre esses dois movimentos não se limita apenas a projetos ideológicos distintos, mas também a diferentes formas de comunicação e engajamento. O reconhecimento da importância das redes sociais por parte do governo Lula e a reformulação de sua estratégia digital indicam que a competição política no Brasil se dá não apenas no campo das ideias, mas também na forma como essas ideias são transmitidas e ressignificadas no ambiente digital.

Diante disso, a polarização política no Brasil tende a se manter como uma das características centrais do debate público. A análise das percepções dos entrevistados demonstra que ambos os movimentos possuem bases de apoio fiéis, que interpretam a

política de forma emocional e identitária. Esse cenário desafia a construção de um debate político mais plural e menos polarizado, especialmente considerando a necessidade de soluções democráticas para os problemas estruturais do país.

Um dos desafios metodológicos encontrados nesta pesquisa foi o caráter mais fechado dos grupos bolsonaristas, o que impactou a coleta de dados e restringiu o acesso a determinadas informações. Esse fator, somado à preocupação com a segurança dos entrevistados e à necessidade de preservar suas identidades, levou à decisão de não divulgar nomes dos participantes, de forma geral. A postura mais reservada dos adeptos do bolsonarismo também evidenciou um aspecto relevante do movimento: a desconfiança em relação a pesquisadores e à mídia tradicional, sendo frequente entre eles, a percepção de que suas pautas e valores são frequentemente distorcidos ou atacados. Essa situação não foi registrada no grupo lulista, os integrantes se mostraram mais familiarizados e abertos, sem demonstrar qualquer incomodo, ou restrição relacionada a divulgação dos nomes dos entrevistados.

A presente dissertação contribui para o debate acadêmico ao oferecer uma análise comparativa dos movimentos lulista e bolsonarista, destacando como os fenômenos nacionais se materializam em realidades específicas. Ao concentrar-se na cidade de Campina Grande, que se destaca no cenário nordestino por apresentar padrões eleitorais distintos da média regional, a pesquisa permitiu compreender como a identidade política e os processos de mobilização variam de acordo com fatores históricos, econômicos e culturais.

Além disso, o estudo contribui para a literatura sobre o bolsonarismo ao explorar sua consolidação como um fenômeno político e social, com características que dialogam com tendências globais de ascensão da nova direita. Ao mesmo tempo, amplia a discussão sobre o lulismo, demonstrando sua permanência como uma força política estruturada, mesmo diante dos desafios enfrentados nos últimos anos.

Por fim, a polarização política entre lulismo e bolsonarismo é um dos fenômenos mais marcantes da política brasileira atual, com implicações que vão além do processo eleitoral e afetam a sociedade como um todo. A análise realizada nesta dissertação demonstra que essa polarização não se dá apenas em termos de disputa entre candidatos, mas envolve diferentes formas de mobilização, identificação e engajamento político.

Se por um lado o lulismo se consolida como uma força política enraizada na experiência de governos progressistas e na memória de conquistas sociais, o bolsonarismo surge como um fenômeno recente, que canaliza insatisfações e aposta em uma retórica populista e conservadora para mobilizar seus adeptos. Ambos os movimentos, no entanto, compartilham um elemento comum: a forte personalização da política e a centralidade da figura do líder na construção das identidades políticas.

Dessa forma, o futuro da política brasileira dependerá em grande medida da capacidade desses grupos de se reinventarem e de dialogarem com setores da sociedade que não se identificam plenamente com nenhum dos dois polos. Compreender essas dinâmicas é fundamental para a construção de um debate democrático mais plural e para a busca de alternativas que possam reduzir a fragmentação política e promover um ambiente mais propício à convivência democrática.

Referências

- ABREU, Janaina Pereira de. **Ideias e percepções dos beneficiários do Programa Minha Casa Minha Vida, sobre a política habitacional e os governos do Partido dos Trabalhadores (PT)**. 2022. 122f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2022.
- ADORNO, Luís. Último palanque de Lula antes de ser preso tem desmaios, choro e aceno para presidenciáveis, **UOL**, São Bernardo, 07 abr 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/04/07/ultimo-palanque-de-lula-antes-de-ser-preso-tem-desmaios-choro-e-aceno-para-presidenciaveis.htm>> Acesso em: 06 jul 2024
- ADORNO, Theodor; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; LEVINSON, Daniel & NEVITT Sanford (eds.) **The Authoritarian Personality**. Nueva York: Harper, 1950.
- ALBUQUERQUE, Marianna; MEDEIROS, Josué. A crise da democracia no Brasil: do lulismo ao bolsonarismo. **América do Sul no século XXI**, 2020.
- ALMADA, Maria Paula et al. Democracia digital no Brasil: obrigação legal, pressão política e viabilidade tecnológica. **MATRIZES**, v. 13, n. 3, p. 161-181, 2019.
- ANDERSON, Perry. O Brasil de Lula. **Novos estudos Cebrap**, p. 23-52, 2011.
- ANDRADE, Ana Olívia da Costa. **Sentidos de respeito e honestidade em tempos de bolsonarismo: uma pesquisa com jovens numa escola pública paraibana**. 2021. 296f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2021.
- BALDAIA, Fábio Peixoto Bastos; ARAÚJO, Tiago Medeiros; ARAÚJO, Sinval Silva de. O Bolsonarismo e o Brasil profundo: notas sobre uma pesquisa. **XVII Encontro de Estudos multidisciplinares em Cultura**. Salvador, Bahia, 2021. Disponível em: <<http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132106.pdf>> Acesso em: 09 jan 2024
- BISPO, Fábio Santos; SCARAMUSSA, Melissa Festa; DA SILVA, Beatriz Oliveira. Bolsonarismo e a psicologia das massas 100 anos depois. **Trivium**, v. 1, n. esp., p. 114-126, 2022.
- BOITO JR, Armando. O lulismo é um tipo de bonapartismo? Uma crítica às teses de André Singer. **Crítica Marxista**, v. 37, n. First Semester, p. 173-181, 2013.
- BORDIN, Reginaldo Aliçandro; DIAS, José Francisco de Assis. O radicalismo de direita e a personalidade autoritária em Theodor Adorno. **Trans/Form/Ação**, v. 47, n. 3, p. e02400195, 2024.
- BRAGA, Amanda. Seduzir as massas: líderes populares e partidos políticos como dispositivos de controle das multidões. **MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944**, v. 2, n. 57, p. 53-66, 2021.
- BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. Crise e renovação da esquerda na América Latina. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 41-54, 1990.

BRITO, Maria Leticia Juliano Diniz. **O lulismo no interior: um estudo de caso na periferia de Taubaté-SP**. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CAMPANHARO, Claudiana. **A recepção adorniana de Freud no estudo da personalidade autoritária**. 2014. 164f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2014.

CARLUCCI, Manoela. Governo muda linguagem nas redes de Lula, que agora participa de trends. **CNN**. 26 jan 2025. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/governo-muda-linguagem-nas-redes-de-lula-que-agora-participa-de-trends/>>. Acesso em: 07 mar 2025.

CARREIRÃO, Yan de Souza. Identificação ideológica, partidos e voto na eleição presidencial de 2006. **Opinião Pública**, v. 13, p. 307-339, 2007.

CARVALHO, Laura. **Valsa brasileira: do boom ao caos econômico**. Editora Todavia SA, 2018.

CASTRO, Elizabeth; CLEMENZA, Caterina; ARAUJO, Rubén. Líderes y seguidores: una relación dual. **Multiciencias**, v. 12, p. 251-255, 2012.

CAVALCANTI, Vanessa Agra. **Líderes com traços de personalidade autoritária e as massas**. 2023. 17f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2023.

CELINI, Túlio Pustrelo. **Os sentidos da democracia e da liberdade em disputa no Brasil contemporâneo: uma análise a partir dos discursos e pronunciamentos oficiais de Jair Bolsonaro (2019-2022)**. 2023. 153f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Universidade de Brasília, Brasília, 2023.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, p. 40-74, 2018.

CESARINO, Letícia. Bolsonarismo sem Bolsonaro? Públicos antiestruturais na nova fronteira cibernética. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, p. 162-188, 2022.

COSTA, Igor Mascarenhas dos Santos. **O discurso bolsonarista para a educação no Brasil**. 2020. 138f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

COSTA, Virginia Helena Ferreira da. **“A personalidade autoritária”: Antropologia e Psicanálise**. 2019. 329f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CIGNACHI, Henrique. **Ascensão e crise do lulismo: compromisso de classes e acumulação capitalista no Brasil contemporâneo (1989-2016)**. 2018. 276f. Tese (Doutorado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

CYRIL-LYNCH, Christian Edward; PASCHOETO-CASSIMIRO, Paulo Henrique. O populismo reacionário no poder: uma radiografia ideológica da presidência Bolsonaro (2018-2021). **Aisthesis**, n. 70, p. 223-249, 2021.

DAMASCENO, Vitória. Nepotismo, emendas e MPs: 6 vezes que Bolsonaro praticou a 'velha política'. **UOL**. 17 ago 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/08/17/nepotismo-emendas-e-mp-5-vezes-em-que-bolsonaro-praticou-a-velha-politica.htm>> Acesso em: 01 jun 2024.

DELLA TORRE, Bruna. Com quantos paus se faz uma canoa? Notas sobre A personalidade autoritária. **Crítica Marxista**, n. 50, p. 103, 2020.

DUMONT, Tiago Vieira Rodrigues. **Caminhos do projeto lulista: ensaio desenvolvimentista ou reformismo fraco?** 2022. 212 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2022.

FRANÇA, Leonardo Bueno. **Os limites do lulismo: liderança política e racionalidade governam.** 2016. 174f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

FRAZÃO, Felipe. Em Campina Grande, 'ilha Tucana' resiste no Nordeste. **Política. VEJA**. 12 out. 2014. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/em-campina-grande-ilha-tucana-resiste-no-nordeste>> Acesso em: 07 jan. 2024

FREUD, Sigmund. **Freud (1920-1923) -Obras completas volume 15: Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos.** Editora Companhia das Letras, 2011.

GIROTTO NETO, Ângelo. **A onda conservadora e as eleições de 2018 no Brasil.** 2020. 131f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011.

GOLDSTEIN, Ariel. Bolsonaro y la estrategia política de polarización: de la campaña a la presidencia. **Conselho Editorial**, p. 244, 2020.

GRACIA, Eduardo Osti. **Os governos de Vargas e de Lula em relação às massas: um breve quadro comparativo.** 2012. 73f. Monografia (Especialização em História, Sociedade e Cultura). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GRACINO JUNIOR, Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. "Os humilhados serão exaltados": ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. **Cadernos Metrópole**, v. 23, p. 547-580, 2021.

GRAMSCI, Antonio. **Os líderes e as massas: Escritos de 1921 a 1926.** Brasil, Boitempo Editorial, 2023a

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere (Vol. 3): Maquiavel. Notas sobre o estado e a política.** Civilização Brasileira, 2023b.

GUIMARÃES, Rafaela Batista. **"Fechados com Bolsonaro 2022": Uma análise exploratória da rede bolsonarista no Telegram.** 2023. 46f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo.** Editora Vozes Limitada, 2013.

LAUREANO, Roger. A dominação carismática em regimes democráticos. **Política & Sociedade**, v. 19, n. 45, p. 178-204, 2020.

LIMA, Kevin. Governo Bolsonaro já acumula quase 30 trocas de ministros desde 2019. **G1**, Brasília, 28 maio 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/03/28/governo-bolsonaro-ja-acumula-quase-30-trocas-de-ministros-desde-2019-veja-lista.ghtm>>. Acesso em: 30 maio 2024.

LIMA, Déborah Maria da Cunha. **Dos afetos às práticas políticas**: o levante popular da juventude em Campina Grande. 2019.100f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.

LIMA, Isabelly Cristiany Chaves. **A invenção do mito Jair Messias Bolsonaro e a Construção da cidadania cristão-heteronormativa como retórica política**. 2021. 251f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2021.

LIMONGI, Fernando; GUARNIERI, Fernando. Competição partidária e voto nas eleições presidenciais no Brasil. **Opinião pública**, v. 21, p. 60-86, 2015.

LINO, Vinicius Carvalho. **O que propôs Bolsonaro?** Análise de conteúdo da agenda legislativa e administrativa (2019-2022). 2024.62f. Monografia (Graduação em Ciência Política). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2024.

LORRAN, Tácio; FUZEIRA, Victor. Ameaça de Bolsonaro de desobediência a ordens judiciais “marca hora” para impasse institucional. **Metrópoles**, 08 set 2021. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/ameaca-de-bolsonaro-de-desobediencia-a-ordens-judiciais-marca-hora-para-impasse-institucional>> Acesso em: 01 jun 2024.

MAITINO, Martin Egon. Populismo e bolsonarismo. **Cadernos Cemarx**, v. 13, p. e020002-e020002, 2020.

MARQUES, Rosa Maria; MENDES, Áquilas. O social no governo Lula: a construção de um novo populismo em tempos de aplicação de uma agenda neoliberal. **Brazilian journal of political economy**, v. 26, p. 58-74, 2006.

MARQUES, João Vítor; PRATES, Vinicius. Collor pede voto para Bolsonaro: 'Para o bem do Brasil'. **Correio Braziliense**, 10 out 2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5043299-collor-pede-voto-para-bolsonaro-para-o-bem-do-brasil.html>> Acesso em: 01 jun 2024.

MEDEIROS, Josué. O significado do lulismo na vida política brasileira: direitos e institucionalização das lutas à luz da Constituição de 88. **Revista Estudos Políticos**, v. 11, n. 22, p. 160-188, 2020.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Vozes, 2001.

MENDONÇA, Caio Lopes Pessoa de. **Estrutura comparativa do populismo digital**: os casos do Movimento 5 Estrelas e o de Jair Bolsonaro. 2023. 83f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

METZ, Rudolf. The missing link: Studying political leadership from the followers' perspective. **Politics**, v. 44, n. 3, p. 437-452, 2024.

MORAES, Alisson Diego Batista. **O autoritarismo como pressuposto dos governos neoliberais**: a racionalidade que engendrou o bolsonarismo. 2022. 132f. Dissertação

(Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Minas Gerais, 2022.

NASCIMENTO, Kamila Lima do. O populismo na perspectiva de Ernesto Laclau: uma alternativa para a esquerda?. **Revista Estudos Políticos**, v. 9, n. 17, p. 32-48, 2018.

NOVAES ARAÚJO, Bruno. **A linguagem filmográfica e a representação estética de uma liderança política em documentários: O Lula de várias representações.**2020. 252f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, São Bernardo do Campo, 2020.

OSTIGUY, Pierre et al. A socio-cultural approach. **The Oxford handbook of populism**, p. 73-97, 2017.

PAPPAS, Takis S. Liderança política e a emergência de movimentos radicais de massa na democracia. **Estudos Políticos Comparados**, v. 41, n. 8, pág. 1117-1140, 2008.

PARAÍZO, Maria Angélica Chagas. **Populismo e o projeto de desenvolvimento do governo Lula.** 2017.117f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista, Marília, 2017.

PARZIANELLO, Sandra Regina Barbosa. **O povo do lulismo: análise do discurso político do presidente Lula no período de 2002 à 2010.** 2023. 205f. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

PAZ, Mayara da; ALCÂNTARA, Manoela; TEIXEIRA, Isadora. Bolsonaro sobre denúncias de assédio na Caixa: “Não vi nada contundente”. **Metropóles**, 24 out 2022. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/bolsonaro-sobre-denuncias-de-assedio-na-caixa-nao-vi-nada-contundente>> Acesso em: 01 jun 2024.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. **Cadernos IHU Ideas**, 2018.

REIS, Daniel Aarão. Notas para a compreensão do bolsonarismo. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 46, n. 1, p. e36709-e36709, 2020.

RENNÓ, Lúcio; CABELLO, Andrea. As bases do lulismo: a volta do personalismo, realinhamento ideológico ou não alinhamento? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, p. 39-60, 2010.

ROCHA, Camila. Petismo e lulismo na periferia de São Paulo: uma abordagem qualitativa. **Opinião pública**, v. 24, p. 29-52, 2018.

ROCHA, Isabela Silveira. **2022 numa casca de noz: personalismo político e o Twitter como plataforma polarizante.** 2024. 235f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de Brasília, Brasília, 2024.

SAMUELS, David. As bases do petismo. **Opinião pública**, v. 10, p. 221-241, 2004a.

SAMUELS, David. From socialism to social democracy: party organization and the transformation of the Workers' Party in Brazil. **Comparative political studies**, v. 37, n. 9, p. 999-1024, 2004b.

SANDES, Arthur. Balbúrdia, Enem e inqueritos: relembre as polêmicas de Weintraub no MEC. **UOL**, São Paulo, 18 jun 2020. Disponível em:<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/18/os-embates-e-ataques-de-weintraub.htm>> Acesso: 30 maio 2024.

SANTOS, Fábio Vidal. **PERSONALISMO POLÍTICO NO BRASIL: Um estudo de caso entre a Era Vargas e o Governo Lula**. 2014. 48f. Monografia (Graduação em Ciência Política). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SANTOS, Inês Cristina dos. **Reacionarismo, fundamentalismo cristão e classe média: pontos fundamentais para a vitória de Bolsonaro na eleição de 2018**. 2021. 345f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual Paulista (Unesp), Marília, 2021.

SANTOS, José Matheus; VIECELI, Leonardo. Lula diz só perder para dom Pedro 2º e Getúlio Vargas em experiência de ‘viver problemas’. **Folha de S. Paulo**, Recife e Arroio do Meio, 2024. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2024/06/lula-diz-so-perder-para-dom-pedro-2o-e-getulio-vargas-em-experiencia-de-viver-problemas.shtml>> Acesso em: 01 ago 2024.

SANTOS, Leonardo Lima. **Ascensão de Bolsonaro ao governo: um estudo de caso de uma cidade do interior da Bahia**. 2021.133f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

SCHEMES, Cláudia. A relação líder/massas nos governos Vargas e Perón. **História Revista**, v. 3, n. 1, p. 2, 1998.

SCHREIBER, Mariana. 8 de janeiro: as perguntas sem respostas um ano após ataques. **BBC News Brasil**, Brasília, 8 jan 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c06y1vekdgeo>> Acesso em: 25 jul 2024.

SELL, Carlos Eduardo. A liderança carismática: sobre o caráter político do populismo. **Revista Tomo**, n. 23, 2013.

SILVA, Emanuel Freitas da; LOPES, Monalisa Soares. “Acabou, porra!”: Jair Bolsonaro e a retórica do populismo autoritário. **Tensões Mundiais**, v. 17, n. 34, p. 125-149, 2021.

SILVA, Joscimar Souza. Valores e crise da representação na América Latina: podemos antever um personalismo político? **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 25, p. 269-288, 2018.

SILVA, Mariana Santana da Silva. **Educação e conservadorismo: uma perspectiva sobre o governo Bolsonaro**. 2023.114f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2023.

SILVA JUNIOR, Mauricio Cardoso da; MELLO NETO, Gustavo Adolfo Ramos. Do caos ao mito: a ascensão de um presidente pela óptica psicanalítica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 42, p. e230891, 2022.

SILVA, Mayra Goulart da; RODRIGUES, Theófilo Codeço Machado. O populismo de direita no Brasil: neoliberalismo e autoritarismo no governo Bolsonaro. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, p. 86-107, 2021.

SINGER, André. A segunda alma do Partido dos Trabalhadores. **Novos estudos Cebrap**, p. 89-111, 2010.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. Editora Companhia das Letras, 2012.

SINGER, André; LOUREIRO, Isabel. **As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?** Boitempo Editorial, 2017.

SOLANO, Ester. A bolsonarização do Brasil. In: Abranches, Sergio et al. **Democracia em Risco?** 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 309-323.

SOUTHIER, Diane. **O populismo lulismo: Crítica ao hegemonismo de esquerda.** 2022. 210f. Tese (Doutorado em Sociologia e Ciência Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

TERRON, Sonia Luiza; SOARES, Gláucio Ary Dillon. As bases eleitorais de Lula e do PT: do distanciamento ao divórcio. **Opinião pública**, v. 16, p. 310-337, 2010.

VEIGA, Edison. Lula e Getúlio Vargas: semelhanças e diferenças entre os dois únicos presidentes que foram e voltaram ao poder na história do Brasil. **BBC News Brasil**, 30 outubro 2022. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63087984>> Acesso em: 22 jul 2024.

VIEIRA, Oscar Vilhena; GLEZER, Rubens; BARBOSA, Ana Laura Pereira. Supremocracia e infralegalismo autoritário: O comportamento do Supremo Tribunal Federal durante o governo Bolsonaro. **Novos estudos CEBRAP**, v. 41, n. 3, p. 591-605, 2022.

VINHAS, Otávio Iost. **Os sentidos da " facada" em Jair Bolsonaro:** uma análise de redes culturais online à luz da Teoria dos Sistemas de Niklas Luhmann. 2019. 164f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

VIVAS, Fernanda; ORTIZ, Delis. Eduardo Bolsonaro anuncia desistência da indicação para embaixador do Brasil nos EUA. **G1**, Brasília, 22 out 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/10/22/eduardo-bolsonaro-anuncia-desistencia-da-indicacao-para-embaixador-do-brasil-nos-eua.ghtml>> Acesso em: 01 jun 2024.

Anexos

Anexo 1 – Roteiro de entrevista

1. Percepções Iniciais:

Você se lembra da primeira vez que ouviu falar sobre Lula/Bolsonaro? Qual foi a sua impressão inicial? O que mais chamou sua atenção sobre Lula/Bolsonaro no início? Algum ponto específico?

2. Identificação e Relação Pessoal:

Como você descreveria sua percepção sobre Lula/Bolsonaro? Você o vê principalmente como um líder, uma inspiração, ou de outra forma?

Há algo na trajetória de vida de Lula/Bolsonaro que você considera importante ou inspirador para sua própria história?

3. Avaliação da Liderança e Ações de Governo:

Como você avalia a liderança de Lula/Bolsonaro ao longo do seu mandato? Existe algo que diferencie outros políticos?

Qual medida ou projeto do governo Lula/Bolsonaro teve mais impacto para você ou para sua comunidade?

Se você pudesse indicar um ponto forte e um ponto fraco no governo de Lula/Bolsonaro, quais seriam?

4. Representação e Identidade Política:

Você sente que Lula/Bolsonaro representa suas ideias e valores?

A figura de Lula/Bolsonaro influencia sua identidade política? De que forma?

O que você considera o lulismo/bolsonarismo e como ele se relaciona com suas próprias opiniões?

5. Lula/Bolsonaro e a Democracia Brasileira:

Como você enxerga o papel de Lula/Bolsonaro na defesa da democracia no Brasil?

Qual você acha que é o impacto de Lula/Bolsonaro na forma como os brasileiros enxergam a política?

Você acha que ele representa uma nova maneira de se fazer política? Como?

6. Conexão Emocional e Imagem Pública:

Como você vê a relação de Lula/Bolsonaro com o povo brasileiro? Acha que é uma relação próxima, distante ou complexa?

Como você reage às críticas ou acusações que ele enfrenta na mídia? Isso afeta sua visão sobre ele?

Na sua opinião, como a imagem de Lula/Bolsonaro foi moldada ao longo dos anos, e como você acha que isso influencia a opinião pública?

7. Percepção de Futuro e Legado:

O que você espera do legado de Lula/Bolsonaro para o Brasil e para as futuras gerações?

Como você vê o futuro do lulismo/bolsonarismo após Lula/Bolsonaro? Acredita que esse movimento continuará? Se sim, qual nome você enxerga como sucessor?